

Thereza Helena Prates Scofield

Possibilidades do feminino: as telespectadoras de Ponta Porã
e as mulheres do *Mais Você*

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do
Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Minas Gerais
como requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Comunicação Social

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas sociais

Orientadora: Prof^ª. Dra. Vera Regina Veiga França

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
Julho de 2007

Possibilidades do feminino: as telespectadoras de Ponta Porã
e as mulheres do *Mais Você*

Thereza Helena Prates Scofield

Dissertação defendida e aprovada pela Banca examinadora constituída pelos
professores:

Prof^a Maria Ângela Mattos
FCA – PUC Minas

Prof^a Simone Maria Rocha
DCS – UFMG

Prof^a Vera Regina Veiga França
Orientadora

Programa de Pós-graduação em Comunicação Social
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, 11 de julho de 2007

Aos homens da minha vida:

*Germano, meu pai
Lásaro, meu marido
Pedro, meu filho*

Agradecimentos

À Vera, que sempre me acolheu e incentivou-me no caminho rumo ao mestrado, meu eterno agradecimento pela paciência e pelas concepções humanitárias transmitidas em cada aula, em cada reunião, em cada conversa.

À minha mãe, Thereza, primeiro exemplo de mulher, meu amor e gratidão. Aos meus irmãos, sobrinhos e cunhados que buscaram compreender minha ausência durante a escritura desta dissertação. Guardo todos vocês com muito carinho.

À minha amiga, Carla Fialho, que me auxiliou na transcrição dos programas e fitas gravadas. Sem seu apoio e suas risadas, este trabalho não seria o mesmo. Ao professor Márcio Zola Santiago, pela ajuda constante nas traduções dos textos de língua estrangeira. À psicanalista Belkiss Pandiá Guimarães, às professoras Marlise Matos e Sandra Goulart, pela troca de idéias e indicações bibliográficas.

Aos meus colegas de mestrado, pelas sugestões, críticas e companhia sempre agradável. Aos professores do Curso de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG por todos os ensinamentos que contribuíram para que eu compreendesse o campo comunicacional numa perspectiva relacional.

Mais que uma linguagem dos grandes achados, trata-se de uma linguagem das grandes perdas; mais que uma linguagem dos grandes feitos, dos elaborados feitos, trata-se, antes de tudo, de uma linguagem dos afetos, dos rumores, dos gemidos, dos silêncios.

Lúcia Castelo Branco

Resumo

A principal intenção desta pesquisa é compreender como as telespectadoras de classes sociais menos abastadas se relacionam com a feminilidade através da interlocução que estabelecem com o *Mais Você*. A investigação aqui proposta se apóia na noção de que, diferentemente da sociedade oitocentista, o feminino é um conceito que aponta para a singularidade, a liberdade e as possibilidades das mulheres no contexto contemporâneo. Procurando fugir das concepções que abordam a mídia apenas como um instrumento de poder e manipulação das ordens dominantes, o estudo se fundamenta na visão de que o diálogo que acontece entre o programa e sua audiência se dá num processo de interação, numa construção conjunta em que as negociações são permanentes. Na interlocução do *Mais Você* com as entrevistadas, foi observado que as imagens de mulher produzidas pelo programa e as constituídas pelas telespectadoras se tangenciaram. Mas em diversos momentos, cruzaram-se ou se afastaram. A pesquisa não percebeu uma convergência de elementos que apontasse para a noção de que o *Mais Você* é um formato televisivo que reitera concepções masculinas hegemônicas, uma vez que traz representações da feminilidade, focalizando, sobretudo, o ambiente doméstico. Pelo contrário, verificou-se que o programa se apresenta como um espaço, mesmo que pequeno, que dá voz às mulheres comuns.

Palavras-chave

Televisão; mulheres; *Mais Você*; programas femininos.

Abstract

The main focus of this research is to understand how female television viewers from working class audiences relate with femininity through the interactive dialogue they establish with the *Mais Você* television program. The basic notion proposed in the investigation is that unlikely it was witnessed in the 1800s femininity is now a concept moving towards women's singularity, liberty and opportunities. Attempting to keep a distance from those concepts that approach the media simply as a manipulative tool of hegemonic forces, this study adopts the vision that interaction takes place between the program and its audiences, established by a process of conversation and joint construction in which negotiations are permanent. The interactive dialogue established by *Mais Você* and its interviewees shows that the female images produced both by the program and the viewers converge. However, in several moments they cross or are even set apart. The research did not find elements converging to confirm *Mais Você* as a television program supporting male hegemonic conceptions since its representations of women focus especially on the household environment. It was, on the contrary, noted that the program presents itself as a means, however not so powerful, for the voice of women to be heard.

Keywords

Television; women; *Mais Você*; women's TV programs.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – CONFIGURAÇÃO DO FEMININO COMO SINÔNIMO DE SINGULARIDADE E LIBERDADE.....	12
1.1 – A conquista de um lugar na ciência: a mulher como objeto de estudo.....	12
1.2 – A temática feminina nos estudos de mídia.....	21
1.2.1 - O encontro do feminismo com os Estudos Culturais Ingleses.....	21
1.2.2 – A mídia e os Estudos Culturais Feministas.....	25
1.3 – As pesquisas da audiência feminina na América Latina e no Brasil.....	29
CAPÍTULO 2 – O PROGRAMA <i>MAIS VOCÊ</i>.....	34
2.1 - O surgimento dos programas femininos na TV brasileira.....	34
2.2 – O <i>Mais Você</i>	36
2.2.1 – Os vários ambientes do cenário.....	37
2.2.2 – A captação e a exibição das imagens.....	39
2.2.3 – A estrutura do <i>Mais Você</i>	40
2.2.4 – A composição do <i>corpus</i> da pesquisa.....	42
CAPÍTULO 3 – AS MULHERES DE PONTA PORÃ.....	43
3.1 – Interações televisivas: a recepção como um processo de apreensão e produção de sentidos.....	43
3.2 – Vila Ponta Porã: caracterização sócio-econômica.....	47
3.3 – As telespectadoras e a pesquisa de recepção.....	48
3.3.1 - Entrevista face-a-face: a palavra das mulheres.....	48
3.3.2 - Breve relato da aproximação das entrevistadas e da realização da pesquisa de recepção.....	50
3.4 – Identificação das mulheres entrevistadas.....	52

3.5 – Perfil biográfico das entrevistadas.....	53
3.6 – A relação das entrevistadas com a mídia e o programa <i>Mais Você</i>	56
CAPÍTULO 4 – CONFIGURAÇÃO DE SENTIDOS NO <i>MAIS VOCÊ</i>.....	61
4.1 - As categorias de análise do programa.....	61
4.1.1 – A fé e a religiosidade no <i>Mais Você</i>	61
4.1.2 – O enfoque dado à violência contra as mulheres.....	65
4.1.3 – Miriam e suas três filhas: a maternidade no <i>Mais Você</i>	71
4.1.4 – A culinária e o programa: alegria e invenção.....	76
4.1.5 – O cotidiano no <i>Mais Você</i> : a renovação e a criatividade.....	81
4.1.6 – Espaço Doméstico: a casa como sinônimo de lar.....	85
4.2 – A apresentadora e sua performance	87
CAPÍTULO 5 – A FALA DAS TELESPECTADORAS: (RE)CONFIGURAÇÃO DE SENTIDOS NA VIDA DE ALGUMAS MULHERES.....	92
5.1 – As entrevistadas, a fé e a religiosidade.....	92
5.2 – A experiência das telespectadoras com a violência doméstica.....	96
5.3 – A maternidade e as quatro mulheres.....	102
5.4 – As tarefas culinárias: invenção e necessidade.....	108
5.5 - O cotidiano em Ponta Porã: o inesperado e o possível.....	112
5.6 – Casa: sonho e futuro.....	115
CONCLUSÃO.....	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	124
ANEXOS.....	129
Sinopses dos programas gravados.....	129
Roteiro de entrevista I.....	139
Roteiro de entrevista II.....	142

Introdução

A proposta desta investigação é entender a interação que se dá entre as telespectadoras de classes sociais menos abastadas e o *Mais Você*. O programa, da Rede Globo de televisão, está no ar desde 18 de outubro de 1999 e é conduzido por Ana Maria Braga de segunda à sexta-feira, das oito às nove e meia da manhã. O *corpus* analisado se compõe de cinco exibições, apresentadas entre os dias 8 e 12 de maio de 2006, e o depoimento de quatro telespectadoras, de 24 a 55 anos, moradoras da Vila Ponta Porã.

Para se apreender o problema de pesquisa foram traçados dois eixos analíticos. O primeiro trata da caracterização do programa, sua composição, a divisão em blocos, os temas gerais tratados pelas reportagens, as abordagens das entrevistas e a performance da apresentadora. O segundo percurso de análise diz respeito às leituras realizadas pelas telespectadoras de Ponta Porã, isto é, à análise da recepção propriamente dita. Percorrendo esses caminhos, este estudo, mesmo se debruçando sobre uma situação pontual, pretende iluminar a questão mais ampla que é o entendimento de como as mulheres comuns, as telespectadoras de baixo poder aquisitivo se relacionam com a feminilidade através da interlocução que estabelecem com a mídia.

Buscando empreender seu propósito, esta investigação se fundamenta na noção de que a audiência feminina é constituída por interlocutoras que falam e interferem na constituição dos sentidos reciprocamente referenciados que se dão no bojo da sociedade. Ao contrário de passivas ou alienadas, as telespectadoras são percebidas aqui como pessoas que ocupam um espaço de negociação entre as representações constituídas pelo programa e aquelas produzidas por elas. Se no século XVIII as mulheres possuíam um caminho social pré-estabelecido, hoje a feminilidade se afasta de um sentido fixo e único. Na atualidade, seu significado é experimentado, construído ou atualizado no cotidiano das mulheres, nos variados espaços da vida social, incluindo-se aí a mídia televisiva.

Assim, o primeiro capítulo aborda o feminino como um conceito que aponta para a singularidade, a liberdade e as possibilidades das mulheres no contexto contemporâneo. Em seguida, o texto procura evidenciar como a temática feminina se tornou objeto da ciência, ganhando espaço no campo da Comunicação, sobretudo a partir do encontro do feminismo com os Estudos Culturais Ingleses. É traçado também

um resumo do percurso das investigações que, desde então, procuraram compreender as relações que se dão entre as mulheres e a mídia. Em seguida, numa breve definição do estado da arte, são apontadas algumas pesquisas importantes que se debruçaram sobre a audiência feminina na América Latina e no Brasil.

O segundo capítulo traz um rápido panorama dos programas femininos na televisão brasileira e procura definir a estruturação do *Mais Você*, o recorte empírico aqui proposto. Explica-se, então, como o *corpus* de pesquisa foi composto e observam-se alguns elementos que constituem o formato do programa, como os vários ambientes do cenário, a captação e a exibição das imagens.

O terceiro capítulo procura fazer a caracterização sócio-econômica da Vila Ponta Porã e traçar o perfil biográfico das quatro entrevistadas. Nesse momento do texto, relata-se também a relação das telespectadoras com a mídia e o *Mais Você*, a aproximação das mulheres e a realização da pesquisa de recepção, abordando-se a metodologia utilizada. Um dos tópicos também busca esclarecer o principal ponto de ancoragem desta investigação, a noção de que a interlocução televisiva é uma interação que se constrói a partir da dinâmica de reciprocidade das intervenções e das expectativas dos parceiros, aqui representados pelo programa e as quatro moradoras de Ponta Porã.

O quarto capítulo se empenha em apreender a configuração das representações femininas no *Mais Você* a partir das categorias propostas: a fé e religiosidade, a violência contra as mulheres, a maternidade, a culinária, o cotidiano e o espaço doméstico. As noções do sociólogo Erving Goffman fundamentam a análise da apresentadora no desempenho de seus vários papéis frente à audiência: mulher religiosa, habilidosa nas práticas culinárias, dona de casa, mãe e amiga.

O quinto capítulo analisa os dizeres das entrevistadas, seguindo numa direção que visa verificar na experiência de cada uma delas as várias imagens de mulher construídas através das seis categorias de análise propostas. A realidade cotidiana das telespectadoras de Ponta Porã fornece a substância para se entender como elas dialogam com o programa e elaboram seus significados na produção simbólica que se estabelece nessa interlocução. Finalmente, a conclusão relata os diversos momentos em que as representações trazidas pelo *Mais Você* se tangenciam, cruzam-se ou se afastam das imagens constituídas nas falas das telespectadoras.

Capítulo 1 - Configuração do feminino como sinônimo de singularidade e liberdade

1.1 – A conquista de um lugar na ciência: a mulher como objeto de estudo

Antes de discutir a questão principal que move este projeto, inscrevendo-o como um estudo de recepção que busca compreender a audiência feminina, é preciso resgatar, mesmo que brevemente, o cenário composto pelas investigações que tornaram a mulher tema de pesquisa. A condição feminina só recentemente passou a fazer parte das preocupações acadêmicas e os estudos de mídia que abordam essa temática ainda não são volumosos, mostrando que o caminho a ser trilhado é longo e incerto, mas nem por isso esmorecedor.

Os primeiros trabalhos interessados em aprofundar a dimensão social dos assuntos que envolviam as mulheres surgiram no século XIX. Dentre essas obras, destaca-se a de Georg Simmel: *Algumas Reflexões sobre a Prostituição no Presente e no Futuro*, de 1892. Em seu texto, o pensador alemão afirmou que as prostitutas eram seres sacrificados para possibilitar aos homens solteiros uma vida sexual normal e proteger a castidade das outras mulheres, conservando as bases da sociedade burguesa. Dessa maneira, o autor defendeu a idéia de que as prostitutas não deveriam ser vistas como sujeitos de um erro individual, mas como objetos de um equívoco social, merecendo, portanto, um tratamento mais digno. Segundo Simmel (2001), a existência de pessoas especiais dedicadas à satisfação sexual dos homens só chegaria ao fim, quando as mulheres tivessem, antes do casamento monogâmico, a liberdade de escolher sua vida amorosa.

No Brasil, uma importante contribuição para os estudos de temas considerados femininos deve-se a Gilda de Mello e Souza que, em sua tese de doutoramento em Ciências Sociais, escrita em 1950, abordou a moda como um elemento usado para seduzir o sexo masculino, mas também como o único meio lícito de expressão da individualidade da mulher no século XIX. Nesse período, segundo a autora, o casamento era a alternativa mais eficaz para que as moças adquirissem status econômico e social. Isto é, aquela que não conseguia conquistar um marido era tida como fracassada, sendo levada a conformar-se à vida monótona de solteirona, acompanhando a mãe às visitas, entregando-se aos longos bordados ou à educação dos sobrinhos.

Mas, se por um lado o matrimônio era uma obrigação para as jovens, a sociedade só permitia que elas o alcançassem seguindo um conjunto de regras básicas que orientava o contato entre os sexos, sendo negado às moças todas as possibilidades de iniciativa. Assim, as mulheres foram incentivadas a criar situações favoráveis, desenvolvendo “uma curiosa técnica de avanços e recuos, de entregas parciais, um se dar se negando, que é a essência da *coquetterie*” (Mello e Souza, 1987, p. 92).

Nesse contexto, o uso da vestimenta fundamentou-se menos no pudor e na modéstia que no velho truque do ornamento. No entanto, conforme a pesquisadora, as roupas não tomaram seu lugar apenas no jogo de esconde-esconde, no qual a mulher do século XIX chamava a atenção para os seus encantos físicos. A moda adquiriu importância na realização subjetiva das mulheres, tornando-se uma espécie de fresta, através da qual elas podiam se comunicar com o mundo. Tendo a moda como uma alternativa de expressão permitida socialmente, a mulher

procurou em si - já que não lhe sobrava outro recurso - a busca de seu ser, a pesquisa atenta de sua alma. E aos poucos, como artista que não se submete à natureza, impôs à figura real uma forma fictícia, reunindo os traços esparsos numa concordância necessária. (...). Criava assim uma obra de arte com o próprio corpo, substituindo o belo natural pelo belo artístico, produto de uma disciplina do espírito. (Mello e Souza, 1987, p.100).

Dessa maneira, segundo a autora, as mulheres desenvolveram uma linguagem artística inscrita no seu cotidiano, um estilo de existência que acabou por se tornar uma singularidade que, no entanto, foi desprezada quando elas passaram a competir com os homens no mercado de trabalho. A moda, como algo característico do sexo feminino, passou a ser considerada pelas mulheres como um símbolo de inferioridade, levando-as a renegar um elemento de afirmação de seu grupo, uma atividade com valor criativo e expressivo.

Na Europa, um grande marco para a discussão da situação social da mulher foi o aparecimento, em 1949, da obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. Os dois volumes, com cerca de 1000 páginas, foram alvo de críticas ferozes que consideravam o conteúdo escandaloso e até pornográfico. Beauvoir, no entanto, só procurava mostrar que o sexo feminino, no decorrer da história, sempre ocupou uma posição de subordinação e inferioridade com relação aos homens. Algo que na época, poucas pessoas tinham coragem de denunciar, discutir e refutar. “O certo é que até aqui as

possibilidades da mulher foram sufocadas e perdidas para a humanidade e que já é tempo, em seu interesse e no de todos, de deixá-la enfim correr todos os riscos, tentar a sorte” (Beauvoir, 1980, p.483).

Mas, as construções teóricas¹ propriamente ditas em torno da feminilidade, só começaram a ser produzidas em maior escala no final da década de 60, quando militantes feministas participantes do mundo acadêmico levaram para o interior das universidades questões que as mobilizavam, criando os estudos da mulher.

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da Ciência. (Louro,2001,p.17)

As primeiras pesquisas feministas levantaram informações, construíram estatísticas, apontaram lacunas em registros oficiais e, sobretudo, focalizaram temas que não habitavam o espaço acadêmico: falaram do cotidiano, da família, da sexualidade, do doméstico e dos sentimentos.

Objetividade e neutralidade, distanciamento e isenção, que haviam se constituído, convencionalmente, em condições indispensáveis para o fazer acadêmico, eram problematizados, subvertidos, transgredidos. Pesquisas passavam a lançar mão, cada vez com mais desembaraço, de lembranças e de histórias de vida; de fontes iconográficas, de registros pessoais, de diários, cartas e romances. (Louro, 2001, p.17)

Aos poucos, entretanto, os estudos sobre a vida feminina exigiram mais que descrições minuciosas e passaram a buscar explicações para as desigualdades sociais entre homens e mulheres. Várias pesquisadoras procuraram referências nas teorizações marxistas, outras na psicanálise e no pós-estruturalismo francês, e algumas elaboraram teorias propriamente feministas, originando o feminismo radical.

No entanto, essas perspectivas analíticas distintas tiveram – e ainda têm - o objetivo comum de contrapor-se ao essencialismo, isto é, ao argumento de que a existência de diferenças sociais pode ser compreendida e justificada pela distinção biológica entre homens e mulheres. “As teorias essencialistas são aquelas que acreditam

¹ Este momento costuma ser chamado de segunda onda do feminismo. A primeira onda diz respeito ao sufrágismo (movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres) e seus objetivos mais imediatos estavam ligados aos interesses das mulheres brancas e de classe social média.

em algum aspecto essencial da ‘natureza humana’; em alguma coisa preestabelecida, inata, natural, biológica”. (Brennan, 1997, p.17)

Num breve resumo, pode-se dizer que o debate feminista hoje gira em torno de duas abordagens básicas: a perspectiva anglo-americana e a francesa. A primeira, mais de linha sociológica, afirma que as mulheres são iguais aos homens, negando, portanto, a existência de uma natureza dita feminina. Para essa concepção, a feminilidade foi algo construído historicamente, sobretudo a partir de discursos médicos e filosóficos masculinos, para justificar as diferenças sociais entre os sexos. Por isso, o debate anglo-americano desenvolveu um tipo de análise, na qual gênero é o conceito fundamental.

Gênero parece primeiro ter feito sua aparição entre as feministas americanas que queriam insistir sobre o caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre o sexo. A palavra indicava também uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’. (Scott, 1990, p.5)

Por outro caminho, a perspectiva francesa defende a existência de diferenças subjetivas entre homens e mulheres, acreditando, assim, em uma forma feminina - ou masculina - de lidar com o mundo. Isto é, defende a existência “de uma sexualidade não anatômica, mas construída, a partir da história pessoal do sujeito, de sua inserção no mundo da simbolização, através do Édipo” (Castello Branco, 1990, p.13). Essa noção se apóia na semiótica e nos estudos de Jacques Lacan, segundo os quais a organização psíquica, a sanidade mental, só é possível a partir da diferenciação sexual, pois é ela que permite ao ser humano ter acesso ao simbólico. “Quer dizer, o pensamento, como tal, exige a diferença. Isso nos leva à asserção crítica lacaniana de que a diferença sexual é a diferença crucial para que se possa falar e, portanto, pensar” (Brennan, 1997, p.13).

Os estudos franceses não negam o papel da cultura na construção da noção tradicional de feminilidade. Eles reconhecem, concordando com o pensamento anglo-americano, que à medida que a mulher foi forçada a tornar-se responsável pela ordem e harmonia do lar, ela perdeu espaço na vida social em termos políticos. No entanto, frisam que o sexo feminino também foi colocado à margem da sociedade no sentido subjetivo. Quanto ao primeiro aspecto, não se pode negar as aquisições femininas do século XIX até hoje. É possível dizer também que as mulheres não aceitam mais a posição de objeto do discurso masculino. Entretanto, se a fala do homem ainda define o sexo feminino, “é porque a mulher pouco fala” de si para o mundo (Kehl, 1996, p.58). Portanto, a perspectiva francesa preocupa-se menos com as reivindicações políticas,

propriamente ditas, fundamentadas no exercício de direitos, através das eleições, filiações ou partidarismos, abordando mais o fracasso de uma postura subjetiva que não produz um discurso singular, enfatizando a necessidade de uma fala própria que inscreva as mulheres no campo social.

Nesse momento, faz-se necessário entender porque os estudos franceses discordam do pensamento anglo-americano que insiste em afirmar que homens e mulheres são iguais. Resumindo de maneira bastante simplificada, o motivo pode ser encontrado no fato da diferença ter sido transformada no decorrer da história feminina numa marca pejorativa. Por isso, a perspectiva francesa acredita que se trata muito mais de uma questão de valorizar a alteridade que negá-la, desconstruindo tudo aquilo que destinou as mulheres a um lugar fixado pela tradição como inferior ao dos homens.

Voltando um pouco na história, pode-se verificar que a cultura europeia dos séculos XVIII e XIX produziu uma grande quantidade de teorias que buscavam promover uma adequação perfeita entre as mulheres e o conjunto de funções, predicados e restrições denominado feminilidade. A idéia principal era a de que a “natureza feminina” precisava ser domada pela sociedade e pela educação para que as mulheres pudessem cumprir um destino, biologicamente designado.

Segundo Kehl (1998), o tratado de Pierre Roussel, *Du Système Physique et Moral de la Femme*, 1775, tornou-se, por exemplo, uma referência nos discursos sobre o sexo feminino. Roussel representava a mulher como oposto complementar do homem, tendo seu comportamento emocional e moral determinado pela presença de um órgão misterioso, o útero, que definia também o lugar social da fêmea como sendo o lar.

Mas, conforme a autora, de todos os escritores que se manifestaram a favor da existência de um “estado de natureza” nas mulheres, o mais influente foi Jean-Jacques Rousseau, sobretudo com a publicação de *Emilio*², em 1762. No livro, o principal precursor do modelo familiar oitocentista discorre sobre a educação perfeita para seu personagem, dedicando o capítulo V à descrição de Sofia, esposa ideal para o herói. O conhecimento tem por finalidade expandir em Emílio uma série de atributos masculinos, como força, caráter e intelecto. Sofia, no entanto, deve receber somente o essencial do mundo da cultura, desenvolvendo principalmente a modéstia. O recato também deveria ser cuidadosamente cultivado, pois a sexualidade feminina teria aspectos ameaçadores para o homem, sendo

² ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emilio ou Da Educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

fundamental que as mulheres fossem educadas na vergonha e no pudor, em nome do equilíbrio das relações conjugais. Mais uma vez, a razão é convocada a dominar os excessos da natureza, que dotou as mulheres de uma voracidade sexual que os homens não eram capazes de satisfazer. (Kehl, 1998, p.74).

Por isso, elas deveriam ser reprimidas desde cedo para que pudessem, por um lado, estimular a virilidade masculina e, por outro, desempenhar com eficiência os papéis de esposa e mãe. Nesse contexto, a feminilidade aparece “como o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora” (Kehl, 1998, p.58). A partir daí, define-se para o sexo feminino a ocupação de um único lugar social: a família e o espaço doméstico. Em 1851, este ideal estava difundido a tal ponto na Inglaterra que o recenseamento geral mencionava a nova categoria “de mulher do lar”.

Assim, os livros sobre o sexo feminino e os manuais escolares das moças passaram a propagar a renúncia às ambições pessoais, defendendo a necessidade da abnegação das mulheres para que elas cumprissem os deveres de mãe e esposa. As tarefas maternas foram cada vez mais valorizadas em termos de missão e de espírito de sacrifício, forjando principalmente na França o estereótipo de “anjo do lar”. Se inicialmente esse modelo se referia às classes mais abastadas, muito depressa se impôs como ideal para todas as camadas sociais. Por isso, no momento em que a industrialização nascente criou a operária de fábrica, o trabalho feminino provocou tumultos em nome da moralidade. Afinal, desestabilizava o discurso vigente que caracterizava a esfera do privado como o verdadeiro universo do sexo frágil. Mesmo assim, muitas mulheres dos meios desfavorecidos, que há muito tempo já exerciam atividades fora do lar nas lavouras e oficinas, ou empregando-se como domésticas, continuaram vendendo seus serviços para ganhar algum trocado.

Aos poucos, segundo Louro (2001), essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. No entanto, suas tarefas eram quase sempre controladas e dirigidas por homens e representadas como secundárias ou de apoio. Dessa maneira, não apenas as características dessas ocupações, como também a desvalorização do trabalho doméstico e a ausência de direitos políticos foram sendo questionadas pelo sexo feminino até adquirirem, nos anos 20, uma visibilidade maior no chamado sufrágio. Com uma amplitude inusitada, o movimento atingiu vários países ocidentais. Entretanto, acomodou-se assim que alcançou algumas de suas metas, como o

direito ao voto, a oportunidade de estudo e o acesso a determinadas profissões, ganhando força novamente só no final da década de 60.

Nesse período, ocorreu um clima de contestação generalizada quanto à destinação das mulheres às tarefas domésticas. Na opinião dos representantes dos movimentos radicais, a divisão sexual do trabalho familiar, os estereótipos da mãe-dona-de-casa e anjo do lar deveriam ser destruídos. De lá para cá, tudo o que diz respeito ao espaço privado e à maternidade é visto com desconfiança, pois remete ao fantasma de um passado que tachava esses elementos como consequência da “natureza feminina”, definida pelos homens. Por isso, é necessário ponderar que se o questionamento da tradição trouxe a noção de que não existe a mulher universal, inferior e infantilizada, ele deixou uma margem muito pequena para que o âmbito doméstico e os filhos possam ser pensados, na contemporaneidade, como fatores importantes na produção identitária das mulheres. Afinal, ambos fizeram parte de um discurso que foi responsável por muitos anos de reclusão e sofrimento para o sexo feminino.

Daí a preocupação de várias estudiosas, pois as tendências socioeconômicas atuais apontam que a emancipação das mulheres pode transformar-se facilmente numa via de mão única que leva a um mundo masculino. Guimarães (2006) chega a ser pessimista ao afirmar que a liberação feminina não propiciou modos de ser mulher e se haver com todas as novidades conquistadas. “Ao contrário, ser como os homens e poder ocupar o lugar deles é o que foi alcançado” (Guimarães, 2006, p.2)

Entretanto, Lipovetsky (2000) vê uma luz no fim do túnel ao defender que a busca das mulheres por liberdade e igualdade não significou a permutabilidade de lugares entre os dois sexos ou o advento de um modelo unissex. O que se observou foi uma recomposição na relação entre eles, um processo de atualização dos papéis familiares. Na medida em que o homem não é mais o chefe da casa e a mulher possui os rendimentos de seu trabalho, surge um outro modelo de casal. As decisões importantes, como o futuro dos filhos ou a compra de um imóvel, são tomadas de maneira cada vez mais igualitária pelos dois cônjuges. De acordo com Lipovetsky (2000), nos Estados Unidos, por exemplo, em certos lares em que o homem e a mulher dispõem de salários elevados, cada um administra separadamente seus recursos e seu orçamento. Essa tendência também começa a se manifestar na França entre os casais jovens, juntamente com a idéia de que ambos são responsáveis pelas tarefas domésticas.

Mas as mudanças na divisão do trabalho de casa, por mais significativas que sejam, continuam lentas e limitadas, mostrando que as atividades ainda permanecem estruturadas na diferença dos sexos. Segundo o autor, até hoje, aproximadamente 79% das espanholas, 70% das inglesas e das alemãs, 60% das francesas e italianas declaram que seu marido não realiza nenhuma tarefa doméstica. Por isso, pode-se pensar que, se na atualidade muitos elementos ditados pela tradição deixaram de ser dominantes, e a divisão dos trabalhos de casa se perpetua com vigor, é porque as mulheres continuam mantendo ligações privilegiadas com a ordem doméstica.

Diante dessa realidade, apresenta-se a justificativa da sobrevivência dos hábitos culturais e dos papéis herdados da história. Afinal, as meninas são solicitadas mais frequentemente que os meninos a limpar casa, lavar a louça ou cuidar dos irmãos menores. Essa explicação possui uma parcela de verdade. Entretanto, é necessário reconhecer que é insuficiente. Essa noção pode estar escondendo a participação ativa das mulheres na adesão aos papéis domésticos, estabelecendo processos de reapropriação e de construção de si a partir do que foi recebido do passado. É certo que a negação do estereótipo de anjo do lar foi uma reivindicação necessária e consciente “das representações do feminino e da mulher, pelas próprias mulheres e das próprias mulheres” (Brennan, 1997, 143). Mas, se no presente, elas permanecem ocupando um lugar preponderante na esfera familiar, pode ser exatamente porque assim o querem.

É possível pensar que em sua relação com as tarefas familiares, as mulheres também são ativas, têm projetos e vontade de criação de um destino próprio. As atividades de casa podem ser consideradas como oportunidades de constituir territórios pessoais, de impor critérios, maneiras de agir, de pensar, de fazer valer uma concepção da organização privada como um espaço limpo e ordenado. Assim, para além das lógicas de dominação de um sexo sobre o outro e do peso dos determinantes culturais, pode-se ver que no envolvimento doméstico do sexo feminino há busca de sentido e objetivos identitários.

Verifica-se que existem no cenário social contemporâneo casamentos acompanhados do crescimento da vida profissional masculina em detrimento da aceleração da carreira das mulheres. No entanto, apesar de as responsabilidades familiares exercidas pelo sexo feminino terem um custo objetivo, não se pode afirmar que não gerem proveito subjetivo através da qualidade da relação com o filho, da alegria de contribuir para o crescimento de um ser ou do poder de influência sobre o futuro da

criança. Por isso, é preciso reconhecer que na atualidade a maternidade é mais que uma forma de sujeição a papéis impostos “de fora”.

A relação privilegiada com os filhos reduz o investimento profissional das mulheres, mas enriquece sua vida relacional ou emocional; põe-nas em desvantagem na conquista das posições hierárquicas, mas provê a existência de uma dimensão de sentido particularmente intensa em suas vidas. Se o lugar preeminente das mulheres nos papéis familiares se mantém, não é apenas em razão dos pesos culturais e das atitudes ‘irresponsáveis’ masculinas, é também em razão das dimensões de sentido, de poder e de autonomia que acompanham as funções maternas (Lipovetsky, 2000, p. 254).

Num momento em que os nascimentos são programados, a maternidade torna-se conciliável com a vida profissional e a autonomia individual. Isto é, ser mãe deixou de ser sinônimo de obrigação. Assim, alimentar, banhar ou ajudar as crianças nos afazeres escolares podem ser considerados menos como um peso que como um enriquecimento de si.

Portanto, na contemporaneidade, o feminino é “um conceito que se constrói a partir da idéia de mulher, como uma derivação (ou atributo) de mulher” (Castello Branco, 1990, p.14), significando tudo o que ela inventa, representa e dota de poder em seu discurso, prática e busca coletiva de uma redefinição do estatuto de todas elas. Daí, a insistência da perspectiva francesa em afirmar que dar voz ao feminino é desconstruir qualquer noção essencialista da existência de uma “natureza” feminina. “Encorajar as mulheres a pensar, dizer e escrever o feminino é um gesto de autolegitimação” que deixa para trás séculos de pensamento masculino, que as silenciou (Brennan, 1997, p.13). Na atualidade, o feminino entra em uma era de imprevisibilidade ou de abertura de possibilidades. Nenhuma atividade mais está, em princípio, fechada à mulher, nada mais fixa imperativamente seu lugar na ordem social, impedindo-a de definir inteiramente sua própria vida.

Assim, baseando-se na noção de que as mulheres não possuem mais um caminho social pré-estabelecido como no século XVIII, este estudo tem a intenção de fugir de julgamentos simplistas que possam acusar o programa *Mais Você* de ser um formato televisivo capaz de impedir ou dificultar a emancipação das telespectadoras, uma vez que traz representações da feminilidade, focalizando, sobretudo, o ambiente doméstico. Pois pensar o *Mais Você*, de antemão, como um programa a serviço da dominação masculina, é ancorar a investigação nas tradições conspirativas que abordam a mídia apenas como um instrumento de poder e manipulação das ordens dominantes.

Sem negar a importância e as contribuições das teorias críticas, mas incorporando-as de outra maneira, esta pesquisa pretende seguir numa outra direção, em busca de apreender a relação que se dá entre o programa e as telespectadoras. Para atingir o objetivo proposto é necessário entender que esse diálogo se estabelece num processo de interlocução, de construção conjunta, visualizada como um agrupamento de forças e negociações permanentes, localizadas num contexto histórico e social específicos. Em outras palavras, as telespectadoras que assistem ao *Mais Você*, o fazem porque são convocadas por aquilo que ele apresenta e representa. Mas o que o programa propõe também é sensível às expectativas e aos interesses construídos por sua audiência.

Pensando dessa maneira, encontram-se no recorte proposto neste texto, pessoas que empreendem uma experiência comunicativa, afetando e sendo afetadas umas pelas outras, numa relação que se constitui como uma interação. Portanto, o que se pretende empreender é a compreensão de como as telespectadoras de classes sociais menos abastadas, como as moradoras de Ponta Porã, vivenciam sua condição feminina na interlocução que estabelecem com Ana Maria Braga e as mulheres apresentadas pelas matérias do programa.

A feminilidade não possui mais um sentido determinado, seu significado é experimentado, construído ou atualizado no cotidiano das mulheres, nos vários espaços da vida social, dentre eles aquele que a mídia ocupa. Assim, esta pesquisa espera contribuir para os estudos que procuram mostrar a existência de diferentes leituras e usos da televisão, pois “seu poder apenas pode ser compreendido no seio de outras forças que são agregadas e conjugadas pela atuação dos sujeitos no mundo” (França, 2006, p.19).

1.2-A temática feminina nos estudos de mídia

1.2.1 – O encontro do feminismo com os Estudos Culturais Ingleses

Principalmente a partir dos anos 70, as preocupações oriundas do movimento feminista atingiram as investigações voltadas para os meios de comunicação. A disseminação de pesquisas pioneiras se deve principalmente aos Estudos Culturais Britânicos instituídos pelo *Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS)*, localizado em Birmingham, na Inglaterra. Foi graças ao chamado *Grupo de estudos da*

mulher, formado em 1974, que o trabalho intelectual focado nas questões do sexo feminino teve sua afirmação no seio do CCCS.

Até aquele momento, somente duas ou três mulheres pesquisavam entre aproximadamente 20 homens. Apesar de isoladas, elas se interrogavam, a cada texto publicado, sobre a ausência do sexo feminino entre os objetos de estudo da instituição. Diante da dominação masculina no ambiente e no enfoque intelectual, as mulheres tinham dificuldade em desenvolver investigações de cunho feminista. Empenharam-se, então, na tarefa de reunir algumas pessoas em torno da discussão do tema. Mas foi a vinda, em 1974, de diversas pesquisadoras com a intenção de se dedicarem às temáticas femininas que finalmente tornou possível a formação do *Grupo de estudos da mulher*.

De acordo com a University of Birmingham (2007), ambos os sexos podiam participar dos encontros. No entanto, as mulheres sentiam que eram sujeito e objeto de seus estudos. Elas tinham um modo particular de trabalhar, compartilhando e tentando compreender suas incertezas no reconhecimento de suas experiências comuns de feminilidade. Essas considerações e suas implicações resultaram na necessidade de o grupo ser fechado aos homens. Assim, em 1976, foi montado o *Fórum estudos da mulher* composto somente por pesquisadoras. O conjunto maior de investigadores, reunido no *Grupo de estudos da mulher*, continuou seu projeto intelectual, discutindo as questões feministas gerais em Birmingham. O fato, no entanto, provocou discussões longas que deixavam claro o mal estar que o feminismo estava causando nos Estudos Culturais Ingleses.

O primeiro conjunto de textos feministas foi o *Images of women*, 1974, que trazia pesquisas de Helen Butcher, Rosalind Coward, Marcella Evarist, Jenny Garber, Rachel Harrison e Janice Winship. Foram essas autoras que deram o primeiro impulso para as investigações, que, até hoje, trazem questionamentos em torno de temas referentes à identidade feminina, apontando para o problema de que as definições dominantes do que é considerado importante socialmente tendem a corresponder às estruturas masculinas - e de classe média - de interesse. Conforme a University of Birmingham (2007), foi exatamente na tarefa de organizar o *Images* que as pessoas envolvidas começaram a lidar com as dificuldades de se abordar a feminilidade: que tipo de mulher focar? Mãe, dona de casa ou operária? Os textos seriam dirigidos aos pesquisadores ou ao público leigo? Mas, sobretudo uma dúvida era constante: as feministas poderiam ser intelectuais?

De fato, foi como mulheres, não como feministas, que as primeiras mobilizações foram conduzidas na busca por liberdade e igualdade para o sexo feminino. Assim, se existia uma responsabilidade acadêmica para muitos membros no Departamento, para as pesquisadoras havia o fardo do anti-intelectualismo propagado com agressividade por integrantes do Movimento. É preciso lembrar também que como o *CCCS* ainda estava se construindo teoricamente, voltar-se para a constituição de uma bibliografia específica para os Estudos Culturais Feministas era tarefa quase impossível. Nesse âmbito, as pesquisadoras tinham muitas perguntas. Segundo a University of Birmingham (2007), elas ignoravam se teriam que incluir apenas os livros feministas do período ou se suas leituras deveriam ser interdisciplinares. Não estavam certas sobre a necessidade de se engajarem nas interpretações marxistas dominantes nos Estudos Culturais naquela época. Também não sabiam se seriam apenas as mulheres que se empenhariam em conceituar a opressão feminina, enquanto os homens continuariam pesquisando o estado, a consciência e o público. Assim, a elaboração do *Images* foi permeada de poucas certezas, pois as estudiosas tinham compreensões diferenciadas e muitas dúvidas sobre o objeto que estavam investigando.

A carência de um encaminhamento teórico claro levou os pesquisadores do *Grupo de Estudos da Mulher* a se deslocarem para uma tentativa de considerar a subordinação feminina dentro das relações de poder, voltando-se principalmente para o trabalho doméstico das mulheres. Mas articular classe e sexo não era simples e todos os homens e algumas mulheres desistiram do empreendimento. Foi o resíduo do grupo que retomou os estudos, buscando definir algum campo comum a partir do qual trabalhar. Passaram então a pensar a opressão da mulher no nível financeiro, observando a posição feminina em relação aos processos da acumulação capitalista. De acordo com a University of Birmingham (2007), ao utilizar conceitos econômicos marxistas, os pesquisadores se sintonizaram mais com outros trabalhos de Birmingham. Foi então que a discussão do *Women take Issue*, primeiro livro feminista no âmbito dos Estudos Culturais Ingleses, começou. O *Grupo de estudos da mulher* e algumas pesquisadoras do *Fórum estudos da mulher* se reuniram para formar a base editorial. Mas a permissão para publicar a obra parece ter ocorrido não apenas porque os estudos tinham provado sua validade teórica. Os membros do *CCCS* ficaram verdadeiramente convencidos depois que ouviram as demonstrações da submissão feminina nas falas das mulheres entrevistadas que relatavam suas vidas como donas de casa nas fitas gravadas.

Em resumo, o *Women take Issue*, escrito por nove mulheres e dois homens, pode ser definido como o resultado do incômodo crescente que os autores sentiam diante da pouca importância dada às mulheres na maior parte do trabalho intelectual realizado pelos Estudos Culturais Ingleses. A edição do livro nasceu de muitos desencontros, discórdias e dúvidas não apenas no *Grupo de estudo das mulheres*, mas no *CCCS* como um todo. Para os pesquisadores feministas foi uma tarefa muito árdua vencer o preconceito e obter reconhecimento acadêmico, fundamentando-se num saber que ainda está sendo alavancado.

Segundo Charlotte Brunsdon (1996), a chegada de novas temáticas em Birmingham foi muito traumática. As noções de subjetividade colocadas contra as teorizações universalistas deixaram muitos pesquisadores machucados e enraivecidos naquele período. Conforme a autora, talvez por isso, um dos grandes nomes dos Estudos Culturais Britânicos, Stuart Hall, tenha descrito na Conferência de Illinois, em 1990, a chegada do feminismo no *CCCS* com as seguintes metáforas: “Como um ladrão na noite, ele quebrou a porta e invadiu, interrompeu, fez um barulho inesperado, roubou a hora”. Na prática, houve um grande abismo entre as intenções dos dirigentes da instituição em encorajar o trabalho feminista e as conseqüências inesperadas que as investigações trouxeram para o *status quo* dos Estudos Culturais. Essas relações de tensão ficam claras nas palavras de Hall (2003) ao abordar sua saída de Birmingham no final dos anos 70.

A questão do feminismo foi muito difícil de levar por duas razões. Uma é que se eu tivesse me oposto ao feminismo, teria sido uma coisa diferente, mas eu estava a favor. Ser alvejado como ‘inimigo’, como a figura patriarcal principal, me colocava numa posição contraditória insuportável. É claro que as mulheres tiveram que fazer isso. Tinham que me calar, essa era a agenda política do feminismo. Se eu tivesse sido calado pela direita, tudo bem, nós todos teríamos lutado até a morte contra isso. Mas eu não podia lutar contra minhas alunas feministas. (...). Era hora de partir (Hall, 2003, p. 429-30).

Antes de finalizar, é necessário frisar que, aos poucos, a crítica feminista conseguiu mudar a agenda original das investigações. A noção de classe deixou de ser o conceito crítico central e as atenções se voltaram para questões relacionadas à identidade, aos textos midiáticos que ocupam os domínios do doméstico e às pessoas para os quais eles se dirigem. Em outras palavras, o feminismo acabou redirecionando o campo dos Estudos Culturais, influenciando as pesquisas em vários aspectos:

a abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político e suas conseqüências na construção do objeto de estudo dos Estudos

Culturais; a expansão da noção de poder que, embora bastante desenvolvida, tinha sido apenas trabalhada no espaço da esfera pública; a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria 'poder'; a inclusão de questões em torno do subjetivo e do sujeito; e, por último, a reabertura da fronteira entre teoria social e teoria do inconsciente - psicanálise. (Escosteguy, 1998, p.1)

O próprio Stuart Hall considera que as novas temáticas colaboraram para o estabelecimento de novos referenciais não apenas para os estudos de mídia, mas para as ciências sociais e humanas como um todo. O movimento levou para a arena pública questões relativas à família, à sexualidade, à divisão doméstica do trabalho e ao cuidado com as crianças. O autor salienta que o feminismo tornou política a reflexão sobre “a subjetividade, a identidade e o processo de identificação” e questionou a noção de que homens e mulheres eram parte da mesma identidade, “a humanidade”, trazendo à cena a questão da diferença sexual. (Hall, 2000, p.45-46).

1.2.2 – A mídia e os Estudos Culturais Feministas

Através do *Women take issue*, é possível perceber que as primeiras pesquisas culturais feministas ficam muito presas no diálogo com as noções marxistas dominantes nos anos 70, preocupando-se principalmente em teorizar a subordinação das mulheres ao sistema capitalista. Entretanto, mesmo que tratem de forma ainda incipiente as relações existentes entre a mídia e o sexo feminino, foram esses artigos que abriram caminho para as inúmeras investigações que vieram depois.

Assim, torna-se necessário discorrer, por exemplo, sobre o texto de Dorothy Robson, *Housewives: isolation as oppression*, que se baseou numa pesquisa feita com mulheres da classe trabalhadora. Na investigação, Hobson procurou abordar as experiências das entrevistadas como donas de casa e como operárias nos empregos que tiveram antes de se casarem. Num breve resumo, pode-se dizer que o estudo tentou relacionar os dois momentos de vida das participantes.

As mulheres contaram que trabalhavam anteriormente, ocupando posições subalternas em oficinas, escritórios, lojas ou fábricas. Elas disseram que suas atividades eram monótonas e o que fazia o emprego tolerável era a companhia dos colegas com quem conversavam. Mas apesar de as entrevistadas se referirem ao trabalho como uma oportunidade que tinham para se relacionarem com outras pessoas, Hobson (2007) acredita que elas se fundamentavam na solidão que sentiam desde que saíram do

emprego. As mulheres revelaram que seu círculo de amigas diminuiu depois do casamento e que a televisão e o rádio eram o único relacionamento que tinham com o mundo exterior. Para fugir da solidão, uma das entrevistadas disse que, antes de ter o bebê, conversava com seu gato. Outra relatou que, através da janela do apartamento, costumava contar os carros que passam na rua.

Segundo Hobson (2007), o próprio Karl Marx reconheceu que a reprodução da classe operária é indispensável ao capital, mesmo que isso tenha lugar fora do processo de trabalho. Nesse sentido, a maternidade e as atividades domésticas, geralmente realizadas pelo sexo feminino, foram interpretadas pela pesquisadora como uma maneira de manter, geração após geração, inúmeros trabalhadores vivos. Conforme a investigação, o isolamento privado das entrevistadas seria, então, uma opressão psicológica capaz de fazer com que as mulheres se mantivessem conformadas em sua subordinação ao sistema capitalista.

Com o lançamento do artigo *A woman's world: woman – An ideology of femininity*, também publicado em *Women take issue*, Janice Winship se tornou uma das pesquisadoras precursoras no empenho de verificar e entender as representações da mulher produzidas, sobretudo, pelas revistas femininas. A autora afirmou, por exemplo, que as mulheres magras, estampadas nas capas, trazem um ideal de beleza proposto pelos homens, indicando que a dominação sexista se impõe à medida que as leitoras vêm a si mesmas através de uma imagem construída pela cultura masculina.

Ao mesmo tempo, ao estudar a revista americana *Cosmopolitan* e as inglesas *Woman* e *Woman's*, a autora apontou para o fato de que as publicações também afirmam a importância do território feminino, mostrando as modelos como mulheres poderosas que estão no centro das atenções. Assim, segundo Winship (2002), as revistas especializadas podem oferecer pequenas habilidades de sobrevivência, ajudando as leitoras a conseguirem lidar com os dilemas reais da feminilidade.

No âmbito dos Estudos Culturais Feministas, outra pesquisadora de extrema importância é a americana Janice Radway que em 1984 publicou *Reading the Romance: Women, Patriarchy, and Popular Literature*. A investigação focou a ficção romântica, combinando o estudo das condições de produção dos livros, a análise dos textos e o estudo de recepção com um grupo de 42 mulheres, leitoras típicas e regulares desse formato impresso.

De acordo com Radway (1999), em sua tentativa de apreender a razão pela qual o sexo feminino representava a maioria dos consumidores dos romances, era necessário

estudar o contexto institucional e tecnológico no qual as publicações eram produzidas, principalmente na forma de brochuras baratas, indicando o grande esforço feito pelo mercado editorial para atingir um consumo massivo desses produtos.

Janice Radway também analisou a construção discursiva dos romances, apontando que os livros bem sucedidos tinham uma narrativa comum. Eles sempre contam uma história de tensão, baseada num mal-entendido, e de reconciliação, fundada na confiança entre um homem e uma mulher. Em resumo, tudo começa quando a heroína sai do campo familiar e encontra um herói que tem atitudes interpretadas como sendo de puro interesse sexual para com ela. A personagem principal reage e ocorre uma ruptura no relacionamento entre os dois. No final, o herói demonstra seu amor e ternura, sendo correspondido pela heroína.

Apesar de o romance de ficção sustentar e reproduzir relações socialmente construídas, presentes no cotidiano das leitoras, a pesquisadora argumentou que foi possível observar na leitura das mulheres uma atitude de resistência e de protesto contra a situação real de suas vidas. Essa afirmação de Radway, conforme Thompson (1995), baseou-se na análise de recepção empreendida pela pesquisa, na qual as leitoras mostraram conseguir, através dos livros, um espaço privado recortado na sua rotina doméstica, um tempo de compensação ou descanso voltado para si mesmas.

Conclusões muito semelhantes às de Janice Radway foram apontadas por Ann Gray, 1992, em seu trabalho intitulado *Video Playtime: The Gendering of a Leisure Technology*. A autora estudou o uso do videocassete como uma ferramenta tecnológica de entretenimento para mulheres operárias no âmbito privado. Segundo Messa (2006), a pesquisa concluiu que o ato de ver um produto cultural conferia mais poder às mulheres dentro de suas casas. No momento em que estavam entregues ao vídeo, elas se libertavam de suas responsabilidades domésticas.

Outro meio de comunicação que recebeu atenção dos estudos feministas foi a televisão. Numa das investigações pioneiras sobre a telenovela, *The Search of Tomorrow in Today's Soap Opera*, Tânia Modleski (1979) escreveu um texto inovador, falando do potencial subversivo da fantasia trazida por esse formato televisivo. A pesquisadora também apontou em outros trabalhos, segundo Messa (2006), que o prazer que as mulheres sentem ao assistir este tipo de programa não deve ser rejeitado, mas compreendido a partir de sua audiência. A novela, em sua narrativa múltipla, é capaz de aliviar ansiedades reais e indicar saídas para as inconformidades femininas, mesmo não questionando a hegemonia masculina.

O seriado americano *Cagney & Lacey*, cujo nome faz referência às duas personagens principais que ocupam o papel de detetives, trabalho tradicionalmente masculino, foi outro objeto de pesquisa dentro do recorte televisivo. O programa mistura dramas policiais com a vida das duas mulheres e coloca a instituição familiar como lugar de investigação constante de Cagney e Lacey. Assim, segundo Clark (2000), a série faz com que o pessoal se torne político, tomando a forma de uma questão social. Ao mesclar o público e o privado, a narrativa desafia o discurso patriarcal. Além disso, como as duas detetives são sempre representadas tomando decisões, unidas, diante de situações difíceis ou perigosas, elas reforçam não apenas o papel ativo das mulheres, como também a possibilidade de uma ligação de solidariedade entre elas.

Apresentado no Brasil através do canal fechado GNT (Net 41), o *Oprah Winfrey Show* é outro exemplo da análise televisiva centrada na lógica feminista dos Estudos culturais. Corinne Squire (2000) investigou o programa, caracterizando-o como uma narrativa super-realista, que mistura questões de raça, sexo e classe social, compondo-se de muitos cortes, movimentos de câmera, perguntas bem formuladas, risos e lágrimas. A pesquisadora percebeu também que o *talk show* traz múltiplas representações de mulheres, ao mesmo tempo em que assume a existência de um senso comum entre elas, construindo as bases necessárias para que qualquer projeto feminista possa se realizar.

O *Oprah Winfrey Show* e outros programas americanos de auditório como *The place*, *The time* e *Kilroy* também foram objeto de estudo de Livingstone e Lunt (1994). Os *talk shows*, principalmente veiculados na parte da tarde, destinam-se principalmente às donas de casa, abordando assuntos e problemas do universo feminino. Mas além das mulheres, recebem também homossexuais, portadores de necessidades especiais, jovens e pessoas de baixo poder aquisitivo de um modo geral. O público é incentivado pelos apresentadores a contar seus segredos e suas emoções.

Ambos os sexos vêem os programas de auditório, mas são as espectadoras que não trabalham fora de casa que normalmente ligam a televisão durante o dia. Confirmando essa afirmação, os autores dizem que uma pesquisa de opinião americana indicou que a quantidade de pessoas do sexo feminino que assistem aos *talk shows* é duas vezes maior que o número de homens. A grande presença de mulheres na platéia também é um dado visível. Nas conversas que tiveram com Livingstone e Lunt, muitas delas relataram que a experiência de participar dos debates televisivos tinha sido benéfica. Uma entrevistada, por exemplo, confidenciou que já havia contado seu problema para pessoas do seu círculo de amizades. Mas como elas não tinham passado

pela mesma situação, não conseguiram realmente entendê-la. A moça afirmou que quando esteve no programa se sentiu mais em sintonia com o público que com seus próprios amigos. Relatou que teve uma sensação muito agradável ao perceber que estava sendo compreendida e apoiada pela platéia.

Num breve resumo, Livingstone e Lunt (1994) defendem a idéia que os *talk shows* compõem um formato televisivo que transforma as fronteiras tradicionais entre o espaço público e o privado porque dão voz aos indivíduos comuns. A audiência presente no estúdio ou em casa é encorajada a contar sua própria história, a se manifestar, confirmando ou contradizendo, sustentando ou insurgindo contra o orador. Portanto, os programas engendram uma polifonia de narrativas no interior e para além da tela da TV. De acordo com os pesquisadores, nos relatos, às vezes chocantes, pode-se reconhecer um valor subversivo, pois as concepções patriarcais de uma racionalidade abstrata, científica, lógica e generalista costumam cair por terra. Os *talk shows* se fundam no saber de gente comum, apoiando-se na experiência pessoal, na emoção, no particular e no subjetivo.

Livingstone e Lunt (1994) afirmam que os programas podem ser considerados compatíveis com o feminismo que sempre procurou mostrar que o político é algo que se relaciona também com a circulação de enunciados discursivos. Como são as mulheres que na maioria das vezes relatam suas experiências de acordo com sua própria hierarquia de interesses, esse formato televisivo deve ser pensado como uma espécie de fórum, onde vozes e opiniões femininas se fazem escutar, instituindo uma espécie de confronto entre o poder estabelecido e suas experiências cotidianas. Segundo os autores, através dos *talk shows*, o sexo feminino legitima concepções alternativas ao saber masculino e valoriza seus problemas e suas experiências.

1.3 – As pesquisas da audiência feminina na América Latina e no Brasil

De acordo com Escosteguy (2002), num breve relato sobre o “estado da arte” dos estudos de recepção na América Latina, é possível verificar uma atenção especial voltada para público feminino, sobretudo para as telespectadoras. A autora cita, por

exemplo, que no levantamento realizado por McAnany e La Pastina (1994)³, pode-se perceber que num total de 13 estudos de audiência de telenovelas, com perspectiva culturalista, realizados entre 1970 e 1993, 11 investigações tiveram a mulher como informante principal.

Entretanto, conforme Escosteguy (2002), a impressão geral dos estudos de mídia na América Latina, principalmente os que dão preferência à receptora, baseados nos estudos culturais, é a de que a mulher é ouvida pelo fato de ser a pessoa que mais sabe dos hábitos e rotinas dos membros de sua família. Assim, apesar de as pesquisas escolherem o sexo feminino como colaborador principal, o debate feminista não é um elemento importante na fundamentação das investigações.

Uma das raras exceções é o trabalho de Matta (1996), que discutiu a presença da mulher como comunicadora e ouvinte em rádios populares do Chile, Costa Rica, Peru e Venezuela. A pesquisa assumiu a perspectiva de gênero, incluindo como aspecto-chave da análise “a diferença histórica estabelecida entre homens e mulheres no terreno da linguagem” (Matta, 1996, p.68), propondo-se a verificar o lugar que o sexo feminino ocupava na estrutura produtiva das emissoras, na programação e na recepção.

Os resultados apontaram para a reprodução da ordem hierárquica masculina nas rádios pesquisadas, uma vez que as mulheres tinham um acesso lento e difícil às tarefas autônomas e aos cargos de direção. Na análise de conteúdo de inúmeros programas, Matta (1996) constatou o predomínio de temas econômicos, políticos e sociais. Desse modo, o mundo dos sentimentos, os desejos e as expectativas individuais só apareciam ocasionalmente. Os resultados finais da análise de recepção indicaram que as ouvintes sentiam que suas inquietudes, seus problemas e a maneira peculiar que tinham de pensá-los ou senti-los estavam ausentes nos programas da maioria das emissoras investigadas.

Em resumo, no decorrer do texto, a autora aborda a existência de uma fala feminina desvalorizada socialmente por ligar-se a referentes da esfera privada, que envolvem a temática familiar, afetiva e pessoal, o mundo dos sonhos, das crenças e das ilusões. Em contrapartida, existiria uma fala valorizada - a masculina - que trata de temas ligados à razão, ao poder e ao saber socialmente legitimados. Neste sentido, o silêncio feminino não foi pensado como ausência de palavra, mas basicamente como a exclusão da voz das mulheres do espaço público.

³ McNANY, Emile e LA PASTINA, Antonio. 1994. Pesquisa sobre audiência de telenovelas na América Latina: revisão teórica e metodológica. In: Revista Brasileira de Comunicação/INTERCOM, vol.XVII, nº2, p.17-37.

De acordo com Matta (1996), a busca de uma palavra feminina não diz respeito apenas ao direito da mulher de expressar-se em condições de igualdade com relação ao homem. Trata-se também da elaboração de um discurso que se reconheça como específico e valioso.

Um discurso que merece ser falado publicamente, mesmo quando venha de território privado, íntimo, pessoal, ou justamente por vir dele, recuperando assim as idéias de integridade dos seres humanos. Uma palavra digna de ser pronunciada porque identifica – permite parecer-se com uns e distinguir-se de outros - e a partir da diferença busca construir a igualdade (Matta, 1996, p.72).

A investigação estabelece um debate feminista, indicando que as rádios podem facilitar a emergência de uma mulher sujeito na cena pública, dando-lhe um lugar mais significativo como profissional ou ouvinte. No entanto, ao defender a elaboração de um discurso especificamente feminino, a pesquisadora deveria se esquivar do conceito de gênero, pois ele não admite a existência da diferença entre homens e mulheres, não comportando, portanto, a busca da igualdade fundada na alteridade.

No Brasil, conforme Escosteguy e Jacks (2003), de um corpus composto de 50 dissertações e teses que enfocam de modo central a audiência, realizadas no período de 1990 a 1999, em programas de pós-graduação em comunicação no país, sete pesquisas têm como fonte primária o sexo feminino. Dentre elas, cinco investigações que adotaram uma abordagem sócio-cultural, mesmo que a partir de distintas proposições teóricas, foram selecionadas pelas autoras para serem melhor estudadas.

Nesse subconjunto, foram analisados recortes empíricos bastante diferenciados: 52 donas de casa de setores populares da periferia da cidade de São Paulo, com média de 45 anos, sendo que todas têm filhos⁴; nove ouvintes de uma emissora de rádio de audiência popular⁵; oito mulheres com idade que variam entre 12 e 67 anos, do meio rural⁶; três grupos de em média 20 mulheres de origem indígena de diferentes idades e

⁴ MEDEIROS, Magno. *A televisão invisível: o receptor e o olhar simbólico*, Dissertação de mestrado, ECA/USP, 1991.

⁵ GRISA, Jairo. *Os sentidos culturais da escuta: rádio e audiência popular*, Dissertação de mestrado, FABICO/UFRGS, 1999.

⁶ RONSINI, Veneza. *Cotidiano rural e recepção da televisão: o caso de três barras*, Dissertação de mestrado, ECA/USP, 1993.

graus de escolaridade, residindo na periferia urbana⁷ e 10 mulheres do meio rural onde seus maridos tinham trabalhos distintos⁸.

Com relação ao meio de comunicação abordado, duas pesquisas se voltaram especificamente para o veículo televisivo. O estudo realizado por Magno Medeiros (1991) buscou “capturar o olhar do receptor/telespectador diante da TV, investigando os modos pelos quais o receptor apreende, interpreta e se expressa acerca daquilo que vê na tela” (Escosteguy e Jacks, 2003, p.8). A partir da apresentação, por exemplo, da abertura do programa Fantástico da Rede Globo, quando uma bailarina emergia da água e depois se somava a um corpo de baile, muitas mulheres entrevistadas se referiram à simbolização de um nascimento, o surgimento de um ser que se tornou livre. “A liberdade porque ela tá ali, né, flutuando sozinha. Eu acho que é assim: conquistou alguma coisa, o mundo dela, a liberdade dela. (...). Porque a gente não é livre”. Ou ainda: “As mulheres pobres não têm condições de fazer ginástica e andar igual aquelas”.

Assim, de acordo com Escosteguy e Jacks (2003), essas falas revelam que as telespectadoras reconhecem que ocupam uma posição distinta em relação às mulheres mostradas nas imagens. Da mesma maneira, quando as espectadoras foram expostas a uma reportagem sobre Machu Picchu, no Peru, na qual algumas visitantes falavam sobre a energia do lugar, o relato de uma das telespectadoras indicou uma imagem negativa de si. Ela se excluiu do grupo representado pela matéria por pertencer a uma outra classe social, apontando a diversidade existente entre as mulheres.

Outra pesquisa citada por Escosteguy e Jacks (2003) é *Cotidiano rural e recepção de televisão: o caso de três barras*, de Veneza Ronsini, 1993, cujo objetivo foi o de entender quais eram os usos sociais e simbólicos da TV no dia a dia de trabalhadoras rurais da localidade de Três Barras, Rio Grande do Sul. A investigação buscou perceber a leitura realizada pelas telespectadoras sobre as representações acerca do urbano e do rural, combinando o estudo de caso, a observação etnográfica e a análise de conteúdo da novela *Pedra sobre Pedra*, 1992, da Rede Globo.

Em seus resultados, Ronsini (2001) observou que as mulheres reconheciam na novela o que é o mundo dos ricos e dos pobres, as desigualdades entre campo e cidade, a falta de semelhança entre o rural vivido e campo representado pela TV. Isto é, a

⁷ GUZMÁN, Clara. *Warmin Arupa – palavra de mulher – um estudo de recepção de vídeo no Centro de Promoción de la mujer Gregoria Apaza (Bolívia)*, Dissertação de mestrado/IMES – São Bernardo do Campo, 1994.

⁸ Kessler, J. *Mais do que feijão com arroz – Consumo, publicidade e cultura no meio rural*. Dissertação de mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

telespectadora percebia que as diferenças sociais e culturais são fruto de desigualdade, identificando-se como inferior à mulher urbana em termos de aparência pessoal, educação e poder de consumo. Mesmo assim, no recorte empírico proposto pela investigação foi observado que

o poder simbólico das modas e modos do melodrama está em libertar o espírito feminino para sonhar um mundo que lhe confira maior autonomia. A cultura massiva é usada para lidar com a opressão na esfera privada e na esfera pública quando, temporariamente, as mulheres se libertam das tarefas executadas no espaço doméstico-produtivo da pequena propriedade rural (Ronsini, 2001, p.103-104).

Em resumo, os trabalhos citados acima focalizam as mulheres como parte importante do público midiático. Nesse sentido, eles dão continuidade ao esforço pioneiro empreendido pelas primeiras investigações feministas, realizadas pelo *CCCE*, que abordaram as questões relacionadas ao domínio do doméstico e à subjetividade das mulheres. Seguindo o mesmo caminho, esta pesquisa tem o objetivo de colaborar para o entendimento da relação que se estabelece entre a mídia e o público feminino, sobretudo nas interações televisivas, fundamentando-se na noção de que não apenas os programas especializados, como o *Mais Você*, afetam e modificam a audiência, mas também são influenciados pelas expectativas e demandas de suas telespectadoras.

Capítulo 2 - O programa *Mais Você*

2.1 – O surgimento dos programas femininos na TV brasileira

Antes de abordar o programa *Mais Você* que se constitui como o recorte empírico escolhido para atingir os objetivos propostos pela pesquisa, é necessário situar, mesmo que brevemente, o caminho que a televisão nacional trilhou em busca de alcançar o público feminino, inspirando-se, sobretudo, nas revistas impressas especializadas.

Ao recuar um pouco no tempo, pode-se perceber que, no Brasil, a introdução de um esquema comercial de produtos destinados às mulheres apareceu em 1914, com a publicação da *Revista Feminina*. O veículo, fundado em São Paulo por Virgínia de Souza Salles, foi editado mensalmente até 1935. Segundo Buitoni (1990), a publicação era de propriedade da Empresa Feminina Brasileira, que fabricava e comercializava mercadorias para mulheres, como cremes de beleza, livros de culinária e romances. Com uma média de noventa páginas, a revista tinha diversas seções e tratava de assuntos variados como trabalhos manuais, gastronomia e psicologia. Os editoriais que defendiam os direitos da mulher, principalmente o voto, também eram frequentes.

A descoberta do potencial crescente do público feminino na economia capitalista que se consolidava no país, levou a Editora Vecchi a lançar a *Grande Hotel* em 1946. A revista trazia relatos de problemas sentimentais das leitoras, cartas e histórias de amor publicadas em capítulos. Inicialmente, os romances eram desenhados em quadrinhos, mas ao verificar que através deles o veículo atingiu uma grande fatia do mercado, a empresa acabou por introduzir as fotografias nos enredos, inaugurando a fotonovela no Brasil em 1951.

Um ano depois, houve o lançamento da revista *Capricho*, da Editora Abril. Conforme Buitoni (1981), a publicação tornou-se um grande sucesso comercial, principalmente por trazer histórias de amor completas, ao contrário das concorrentes que editavam os romances em capítulos. Se na década anterior, nenhuma revista feminina tinha ultrapassado a comercialização de cinquenta mil exemplares, a *Capricho* chegou a vender quinhentas mil unidades no final dos anos 50.

A revista *Cláudia*, também da Editora Abril, chegou nas bancas em 1961. Os assuntos tratados eram variados, indo de consultas jurídicas até orçamento doméstico, passando por saúde, moda e contos. Uma seção da revista que teve longa duração foi *A*

arte de ser mulher, escrita por Carmen da Silva. Por vinte e dois anos, a jornalista publicou seus artigos feministas, incentivando as leitoras a levarem em consideração suas próprias demandas e conseguirem saídas para articulá-las num contexto ainda fortemente repressor. (Silva, 1994).

As revistas *Capricho* e *Cláudia* circulam até hoje. Da mesma maneira, a televisão brasileira mantém os programas femininos em sua grade desde 1950, quando foi inaugurada no país. Tendo o exemplo das revistas já consagradas e a segmentação do mercado consumidor como um fato testado, a TV rapidamente assimilou a fórmula impressa. Por isso, o formato televisivo recebeu o nome de revista eletrônica, ou *magazine*, uma referência à palavra revista em inglês (Buitoni, 1990).

Na década de 50, a TV Tupi produziu inúmeros programas dirigidos à mulher, especialmente para a dona de casa. Conforme Lorêdo (2000), os que mais se destacaram foram *Edifício Femina*, apresentado por Edna Savaget, *Revista Feminina*, conduzido por Lolita Rios, *No mundo Feminino*, com Maria de Lourdes Lebert e depois com Elizabeth Dary, *Maiôs à Beira Mar* e *Com a Mão na Massa*, apresentados por Hebe Camargo. Também nesse período, fizeram sucesso os programas da culinária Ofélia Annunciato, que foram ao ar com vários nomes e o *Faça Você Mesmo*, que ensinava corte e costura. Outras apresentadoras que alcançaram grande popularidade foram Xênia Bier, Ione Borges e Rosita Tomaz Lopes (Lorêdo, 2000).

Em 1981, a Rede Globo estreou o *TV Mulher* com a apresentação da jornalista Marília Gabriela e a participação de Marta Suplicy, Ney Gonçalves Dias, Clodovil Hernandez e outros. O programa tinha a preocupação de atender às demandas das telespectadoras, respondendo ao vivo suas questões. O estilista Clodovil começou num quadro de cinco minutos, tirando as dúvidas da audiência quanto à melhor maneira de combinar peças de roupas ou dando dicas sobre modelos a serem usados em eventos festivos. A maneira cínica e insolente do costureiro chamou a atenção das telespectadoras e ele acabou se tornando uma das atrações do *TV Mulher*, tendo seu tempo de apresentação dobrado. Mas, o momento do programa considerado revolucionário para a época foi *Comportamento Sexual*, conduzido por Marta Suplicy. A psicanalista falava sobre sexo sem rodeios, dando conselhos e respondendo as dúvidas da audiência. No entanto, o quadro, tido com pioneiro e inovador, gerou muita polêmica. “A franqueza incomodou aos mais conservadores e Marta acabou afastada pela própria Globo, em dezembro de 1982. Mas os telefones da emissora

congestionaram de tantas reclamações e, uma semana depois, o quadro voltou” (Alzer e Claudino, 2004, p.67).

Em 1992, a Rede Record colocou no ar o *Note e Anote*. Inicialmente, o programa foi comandado por Ana Maria Braga, mas o sucesso de audiência alcançado pela apresentadora levou a Globo a contratá-la em 1999, lançando o *Mais Você*. Assim, o *Note e Anote* passou a ser conduzido por Cátia Fonseca e depois por Claudete Troiano até seu término em 2005. O programa era transmitido de segunda a sexta-feira ao vivo, apresentando também alguns quadros gravados. Os maiores destaques eram as aulas de artesanato, a culinária e as notícias do dia, abordadas através de reportagens ou *flashes*. Semanalmente, uma seção sobre a saúde da mulher trazia um profissional que respondia às perguntas das telespectadoras (Natansohn, 2003).

Em resumo, pode-se dizer que a maioria dos programas femininos acima citados guarda semelhanças entre si. A apresentadora aparece como a figura central e a temática principal envolve assuntos considerados do chamado universo das mulheres, como moda, beleza, culinária, artesanato, família, educação dos filhos, saúde e relacionamentos amorosos.

2.2 – O *Mais Você*

Os principais canais abertos da televisão brasileira produzem vários programas femininos. Eles ocupam a grade de programação principalmente na parte da manhã e nas primeiras horas da tarde. Hoje, são veiculados na TV aberta pelo menos cinco programas⁹ dedicados às mulheres, sem falar nos canais fechados, como o GNT (NET 41) e a Rede Mulher (UHF 27), que possuem toda sua grade voltada para as telespectadoras. Neste contexto, o *Mais Você* se destaca, justificando ter se tornado o objeto de estudo desta pesquisa. Além de sua apresentadora possuir 15 anos de experiência na condução de programas femininos, o *Mais Você* tem a atenção de cinco milhões de telespectadores¹⁰ em todo o Brasil, o equivalente a 35% da audiência nacional voltada para esse formato televisivo. O programa, transmitido pela Rede Globo de Televisão desde 18 de outubro de 1999, vai ao ar de segunda a sexta-feira de 8:00 às 9:30 da manhã.

⁹ No levantamento empírico, atualizado em junho do presente ano, pôde-se verificar que estão no ar cinco programas femininos: *Mais Você* (Rede Globo); *Hoje em Dia* (Rede Record); *Bem Família* (Rede Bandeirantes), *Bom Dia Mulher* (Rede TV!) e *Manhã Mulher* (JBTV).

¹⁰ Rede Globo. Departamento Geral de Comercialização. Disponível em: <http://comercial.redeglobo.com.br>, acessado em 15/03/06.

Desde sua estréia, o *Mais Você* é comandado por Ana Maria Braga. Nascida no interior de São Paulo, a apresentadora tem 58 anos e é casada com o empresário Marcelo Frisoni. A apresentadora possui dois filhos de sua união com Eduardo Carvalho, Mariana de 23 anos e Pedro de 22. Ela é formada em Biologia e Jornalismo, já apresentou telejornais e shows na TV Tupi, foi assessora de imprensa e diretora comercial das revistas femininas da Editora Abril. Antes de estrear na Globo, dirigiu, produziu e apresentou o *Note e Anote* por sete anos.¹¹

No *Mais Você*, dois outros personagens aparecem ao lado de Ana Maria Braga, o Louro José¹², um fantoche com aparência de papagaio, manipulado por Tom Veiga, e Belinha, a cadela de estimação da apresentadora. A direção geral do programa é de Cacá Silveira e a responsabilidade pela produção de jornalismo fica por conta de Viviane de Marco.

2.2.1 – Os vários ambientes do cenário

O cenário se organiza de forma a imitar o interior de uma casa e no decorrer dos vários quadros, a apresentadora vai mudando de lugar. No *corpus* estudado, observou-se cerca de oito espaços diferentes. Diante da grande maioria dos programas, nos quais as cenas são gravadas num único ambiente, pode-se verificar a complexidade do cenário do *Mais Você*.

Uma grande porta se abre para a sala de visita, com um sofá de quatro lugares, enfeitado com almofadas, tapete, uma mesa de centro e outras duas laterais. Livros, flores e jarras de cores variadas compõem a decoração. Em diversos momentos, parece haver a intenção de que o telespectador se lembre da existência de um espaço privado e outro público, pois quando a apresentadora despede-se ou recebe os entrevistados, ela costuma se deslocar até a porta, abrindo-a para que as pessoas possam entrar ou sair da sala.

A cozinha é um ambiente elaborado com esmero, composto de três paredes. Uma delas é enfeitada com quadros, na outra se observa uma grande janela, onde o louro José costuma ficar, e a última é forrada com pastilhas de cerâmica na cor

¹¹ Informações retiradas do endereço eletrônico: <http://anamariabraga.globo.com>, acessado em 14/11/06.

¹² Os frequentes comentários e as anedotas do Louro José fogem do objetivo proposto pela pesquisa. Por isso, não serão abordados como objeto de estudo.

vermelha, fazendo contraste com o piso xadrez de preto e branco. O bojo da pia é rodeado por bancadas espaçosas. Em uma delas, fica um dos fogões industriais de seis bocas, utilizado, quando necessário, pelas ajudantes da apresentadora. O outro, onde Ana Maria costuma preparar as receitas, fica localizado no centro do ambiente, caracterizando o que os arquitetos chamam de cozinha tipo ilha. Os convidados ou as auxiliares podem circular em torno da apresentadora, enquanto ela prepara a receita ou vice-versa. O luxo da geladeira inox *side by side*, dois fornos embutidos, armários modulados e uma grande variedade de louças, panelas e eletrodomésticos completam o cenário.

Em frente à cozinha está o ambiente que lembra uma sala de jantar. Nele, fica localizada uma mesa espaçosa, rodeada por quatro bancos individuais altos. Num dos programas, a presença de frutas, talheres, xícaras e uma garrafa de café sugeriu um possível café da manhã, a ser oferecido para o convidado durante a entrevista.

Outro lugar aparenta ser um estar íntimo. Num móvel modulado, estão encaixados os aparelhos de som, vídeo e DVD. Uma grande televisão de tela plana enfeita a parede e diante dela ficam duas cadeiras de *design*, chamadas de *Egg* pelos decoradores. Em vários momentos, Ana Maria senta-se nelas para chamar a matéria que irá ser apresentada. Assim, primeiramente, as imagens gravadas fora do estúdio são mostradas pela televisão do cenário para, então, passar para a tela do telespectador.

Outro móvel de luxo, uma cadeira de recosto *Charles Eames*, acompanhada de uma banquetta para colocar os pés, pode ser vista num outro local. Aí, observa-se uma grande janela, onde o Louro também costuma ficar, que se abre para o que parece ser um jardim, com árvores e flores. O chão e a parede, revestidos de pedra, ajudam a compor um ambiente arejado, juntamente com uma mesa lateral e três bancos de madeira.

Os demais espaços foram utilizados em momentos específicos. Um deles, por exemplo, tem armários embutidos onde são guardadas roupas e sapatos. A presença, ou não, de manequins artificiais variou no decorrer dos programas. Um outro lugar, aparentemente sem móveis, foi utilizado quando ela recebeu mais de um convidado e a cena foi gravada em plano aberto. Um último local, também sem mobília, foi usado diversas vezes para fazer *merchandising* de produtos.

De qualquer modo, observa-se que todos os ambientes têm em comum o fato de serem compostos por várias paredes, às vezes forradas por diferentes materiais de construção. Também têm quadros ou pequenos nichos, enfeitados com diversos objetos, fornecendo tomadas variadas de uma única cena. Isto é, mesmo que Ana Maria esteja num mesmo local, as imagens podem ser diversificadas, pois se tem a possibilidade de filmar a apresentadora em fundos diferentes¹³.

2.2.2 - A captação e a exibição das imagens

A ausência de cortes nas imagens indica não haver edição das cenas gravadas no estúdio. No entanto, podem-se visualizar variações de enquadramento, através dos planos aberto, americano e *close up*, com pequena quantidade de aberturas e fechamentos de *zoom*. Assim, é possível demarcar a existência de câmeras fixas e móveis, que permitem a substituição constante de uma tomada por outra. Isto é, o diretor do programa ou o diretor de imagem vai escolhendo, durante as gravações ao vivo, entre as várias cenas simultâneas obtidas pelas câmeras, através de monitores independentes.

Mas, mesmo que se possa decidir qual imagem vai ser mandada ao ar ou o tempo em que ela deve permanecer na tela, fazendo escolhas e ordenando as cenas, o inesperado pode acontecer: um pudim não sai da forma, uma panela de pressão não se fecha, Ana Maria Braga¹⁴ se esquece do nome do entrevistado ou chama a convidada de super-homem, quando a intenção era dizer super-mulher.

Isso quer dizer que, por mais lógico e ordenado que seja o relato articulado pelo diretor, numa transmissão direta não há como evitar que penetre no resultado toda uma série de insertos imprevisíveis. Esses insertos denunciam um limite de domínio sobre o material simbólico, para além do qual o fluxo das imagens e dos sons resulta incontrolável e aleatório. (Machado, 2001, p. 134)

No entanto, os improvisos e deslizes ocorrem raramente no *Mais Você*. Através do ponto de áudio, um aparelho colocado no ouvido da apresentadora, o diretor e a produção do programa indicam o que ela deve fazer e orientam sobre a seqüência a ser

¹³ Após o casamento de Ana Maria Braga com Marcelo Frisoni, ocorrido em 31 de março deste ano, o cenário foi modificado. A nova ambientação foi ao ar numa segunda-feira, dois dias depois das bodas. Mas apesar de possuir móveis, cores de paredes ou enfeites diferentes, o cenário atual guarda as mesmas características descritas acima. A decoração é luxuosa, apresentando objetos de *designers* famosos e eletrodomésticos caros.

¹⁴ A apresentadora e seu desempenho receberão comentários mais detalhados no capítulo 4, mais especificamente no item 4.2.

seguida. Como as matérias são sempre gravadas, o programa não é marcado por momentos de fragmentação, muitas vezes confusos para a audiência. Pelo contrário, o *Mais Você* se constrói de forma organizada e bastante previsível, deixando um espaço pequeno para o acaso.

A divisão entre as cenas ao vivo, feitas no estúdio, e as matérias gravadas é bem definida. Antes de cada reportagem ir ao ar, Ana Maria faz uma pequena introdução, adiantando aquilo que o telespectador vai ver a seguir. Dessa maneira, os comentários da apresentadora vão costurando os diversos momentos, prevendo e ordenando o que será mostrado na tela.

De modo geral, a captação das imagens não usa recursos sofisticados, pois o programa também se utiliza do discurso oral de Ana Maria Braga. Nesse sentido, pode-se dizer que o formato do *Mais Você* se funda no diálogo, construindo-se através das entrevistas, das conversas que a apresentadora tem com a produção, com os operadores das câmeras ou com o público. Como a maioria dos programas televisivos, o *Mais Você* evita os silêncios. Assim, as imagens do estúdio são sempre acompanhadas pela voz da apresentadora, do Louro José ou dos convidados. Principalmente no quadro de culinária, quando os ingredientes das receitas precisam ser misturados no liquidificador ou na batedeira, músicas de vários estilos são utilizadas para abafar o barulho dos aparelhos. Seguindo o ritmo do som, a apresentadora costuma dançar ou balançar o corpo.

2.2.3 – A estrutura do *Mais Você*

A estrutura do programa, que vai ao ar de 8:00 às 9:30 da manhã, é composta por uma vinheta de 40 segundos e quatro blocos, que representam uma média de 71 minutos de programação, somados sem os intervalos comerciais. No primeiro bloco, que é o maior deles, é possível verificar a presença constante de três elementos comuns: a mensagem do dia, uma matéria que gira em torno da história de vida de uma pessoa e a presença de um ou mais convidados, que podem ser as próprias personagens mostradas nas reportagens, ou se relacionam de alguma forma com elas.

Na vinheta do programa, as imagens exibidas são de Ana Maria Braga, Louro José, alguns legumes, esponjas de banho, jarras coloridas e um estojo de sombras para os olhos. A música instrumental veloz marca o ritmo de aparecimento das cenas que

pulsam rapidamente na tela. A apresentadora faz sinal com a mão, chamando os telespectadores, escreve seu nome, abraça e beija o Louro José. A vinheta finaliza com Ana Maria desenhando no ar um coração que vai tomando cor e brilho de luz néon. A imagem da apresentadora desaparece para dar lugar à logomarca do programa. A palavra “Mais” se movimenta do lado direito para o esquerdo e o “Você” se desloca no sentido contrário. O “M” e o “V” se fundem no meio da tela para formar novamente a imagem de um coração.

A mensagem do dia é um pensamento, oração, poesia ou pequena história que Ana Maria Braga utiliza para abrir o *Mais Você*. De modo geral, são textos que falam de valores positivos como persistência, coragem e bom-humor. Oferecem dicas, regras ou conselhos para que as pessoas tenham uma vida mais feliz. As mensagens, sempre proferidas pela apresentadora, podem trazer adjetivos e expressões que acionam representações especificamente do universo feminino ou se dirigirem ao público em geral, visando promover a auto-estima da audiência.

O segundo bloco possui variações de tempo e temas, indo de entrevistas a sorteios de prêmios, oferecidos por patrocinadores do *Mais Você*. Seguindo o exemplo das revistas impressas, o programa traz em seu formato um leque de assuntos e convidados variados. No entanto, as reportagens e entrevistas costumam ter um tom didático. Apesar de não ser objeto de análise deste estudo, é necessário destacar também a forte presença da publicidade de produtos¹⁵.

No terceiro bloco está localizado o quadro de culinária. O preparo dos pratos é bastante anunciado no decorrer do programa, criando-se um clima de expectativa que visa evitar que o público mude de canal ou desligue a televisão. As receitas são propagadas como fáceis e rápidas de fazer. A visita de profissionais do mundo gastronômico acontece no *Mais Você*, mas na maioria dos programas analisados foi a própria Ana Maria Braga quem preparou os alimentos. A apresentadora também costuma colocar em prática a receita de telespectadores, que vão fazendo comentários ou dando explicações pelo telefone.

¹⁵ Mesmo tendo poucos pontos de audiência - entre três e cinco pontos, que é a média de todos os programas femininos - o sucesso comercial baseado na publicidade de produtos é a base da concorrência da mídia matinal. Apesar de os programas infantis dessa faixa horária ter maior audiência, a facilidade dos programas femininos em obterem anunciantes e ganhar maior faturamento viabilizou a consolidação desse gênero (Natansohn, 2003).

No último bloco Ana Maria Braga pode finalizar o quadro de culinária, apresentar matérias ou receber os convidados. De modo geral, as entrevistas realizadas pela apresentadora aparentam um bate-papo informal, revestindo-se, no entanto, de um caráter pedagógico. Os especialistas dão dicas e informações ou esclarecerem para a telespectadora vários assuntos que fazem parte do seu dia-a-dia.

Na tentativa de verificar como os diversos elementos que constituem o *Mais Você* buscam um modo estável de se organizar para serem reconhecidos pelo público como um programa feminino, foi possível observar três características marcantes:

- a personagem central é a apresentadora, que ancora e conduz todos os quadros;
- dá-se ênfase em assuntos, acontecimentos ou tarefas que fazem parte do dia a dia que se passa no ambiente doméstico;
- há uma grande presença de mulheres nas entrevistas e matérias apresentadas.

2.2.4 - A composição do *corpus* de pesquisa

Para constituir o *corpus* da pesquisa, buscou-se um período que pudesse oferecer elementos mais frequentes na composição geral do programa. Assim, foram escolhidas as apresentações que foram ao ar entre 8 e 12 de maio, pois essa semana precedia a data comemorativa dos dias das mães. Conforme o esperado, a maternidade foi bastante abordada e a seleção dos programas trouxe o formato característico do *Mais Você*, dando ênfase ao ambiente doméstico e trazendo reportagens nas quais as mulheres foram focalizadas como personagens centrais.

Na semana observada, das cinco matérias localizadas no primeiro bloco, quatro giram em torno de personagens femininas. As mulheres focalizadas têm em comum o fato de serem mães e pertencerem às classes sociais desfavorecidas. Percebe-se que o foco do *Mais Você* se volta especificamente para personagens femininas também em outros momentos do programa, mesmo que num tempo inferior ao das matérias do primeiro bloco. O *corpus* que deverá ser analisado pela pesquisa é apresentado através das sinopses dos cinco programas gravados, colocadas em anexo.

Capítulo 3 – As mulheres de Ponta Porã

3.1 – Interações televisivas: a recepção como um processo de apreensão e produção de sentidos

Voltando um pouco no tempo, pode-se verificar na história dos estudos de mídia que a “Escola de Frankfurt”, nascida na década de 20, na Alemanha, constitui-se como um dos principais pilares de inúmeras investigações que vêm contribuindo para o fortalecimento e legitimação do Campo da Comunicação. De acordo com essa perspectiva filosófica, conhecida como Teoria Crítica, a mídia é considerada como um poderoso instrumento das classes dominantes por sua capacidade de formatar a consciência humana e alienar o público¹⁶. O fenômeno comunicativo, pensado aí através do chamado paradigma informacional, é abordado como um processo de natureza transmissiva, linear e unilateral em que um emissor, com grande capacidade de influência, transmite uma mensagem para um receptor, tido como conformado e indefeso.

No entanto, nos últimos anos, essa noção da recepção vista como um lugar de aceitação passiva dos produtos da mídia vem sendo colocada em xeque. Eco (1985) está na esteira dos autores que questionam a idéia de que sentidos pré-estabelecidos são enviados do emissor para o receptor. Ele aponta para a complexidade da interpretação dos textos, em função da diversidade de códigos culturais e da dinâmica existente na produção e apreensão das mensagens.

Em sua abordagem sobre o *Leitor-modelo*, Eco (1986) também sugere que ao produzir um texto, os autores procuram antecipar seus possíveis leitores, organizando uma estratégia discursiva, deixando espaços vazios que só podem ser preenchidos por aqueles que conseguem compreendê-los. “Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar” (Eco, 1986, p.37). Segundo o autor, as pessoas que lêem uma determinada obra são capazes de interpretá-la, empreendendo movimentos cooperativos e conscientes.

Enfatizando que o destinatário já está presente na própria construção do texto, a perspectiva de Eco (1986) contribui para pensar a relação entre os meios de comunicação e seu público porque diz de um movimento que visa capturar o outro. Ao

¹⁶ Para informações complementares ver: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ser produzido, o discurso midiático se esforça para atingir uma audiência ativa que completa seu sentido, um receptor que estabelece um diálogo com aquilo que a mensagem propõe.

Hall (1995), indo além, procura relacionar os momentos de produção e apreensão de sentidos, destacando que a codificação e a decodificação das mensagens não são processos equivalentes e apresentam dinâmicas próprias. Há diferentes graus de simetria ou assimetria entre a estrutura de significação edificada pelo produtor e a construída pelo receptor. Portanto, o processo de interpretação de um produto midiático pode empreender trajetórias que não são necessariamente semelhantes aos pretendidos pela mensagem.

Ao valorizar tanto os discursos instaurados pelos meios como a leitura realizada pelos sujeitos, os Estudos Culturais colocam em foco todo o processo de produção de sentidos. Os receptores apreendem os discursos da mídia a partir de suas experiências e de sua inserção sócio-cultural, e essa compreensão ajuda a construir e atualizar o universo simbólico da sociedade no qual estão inseridos. Assim, essa perspectiva resgata não apenas o papel ativo dos sujeitos na recepção, com também sua participação na constituição da vida social.

Michel de Certeau (2005) é outro pesquisador que aborda os processos de apreensão dos bens culturais como algo estabelecido em bases de conflito e resistência, usando metáforas que se referem à “arte da guerra cotidiana”. Nessa concepção, a recepção é definida como um consumo que tem uma natureza de produção, uma assimilação dotada de uma criatividade capaz de inverter, mesmo que discretamente, as ordens dominantes.

O consumidor não pode ser identificado ou qualificado conforme os produtos jornalísticos ou comerciais que assimila: entre ele (...) e esses produtos (indícios da ‘ordem’ que lhe é imposta), existe o distanciamento mais ou menos grande do uso que faz deles (Certeau, 2005, p.95).

De acordo com o historiador, a vida comum se estabelece num contexto onde indivíduos fortes, possuidores de terreno institucional, convivem com muitos outros desprovidos de um lugar próprio. No entanto, os fracos guardam uma inventividade tenaz e incansável. Por isso, conseguem se mover dentro do “campo de visão do inimigo” através de pequenas habilidades, gestos ágeis e astutos, que o autor chama de táticas. Essas ações permitem que os sujeitos comuns, pouco poderosos, aproveitem as

circunstâncias oportunas, reapropriando os sentidos impostos, manipulando ou alterando as forças hegemônicas e resistindo à conformação.

Conjugando com as noções dos autores que resgatam o papel ativo dos sujeitos na recepção dos produtos midiáticos, França (2006c) aponta para a necessidade de se investigar a relação comunicativa estabelecida entre a audiência e mídia como um processo compartilhado e em movimento, uma interação que não pode ser explicada apenas por um dos agentes, mas como o resultado de uma interlocução entre dois. A presença dos meios, as expectativas do público e seus respectivos comportamentos levam aos desdobramentos e resultados de uma ação conjunta. Em sua abordagem, a pesquisadora traz um operador analítico central para esta investigação: o conceito de sujeito da comunicação.

O sujeito da comunicação é um sujeito social; ele é também, indubitavelmente, um enunciador de discursos ou um leitor de textos. Mas ser sujeito da comunicação ou em comunicação significa algo mais específico, e nomeia um sujeito enredado numa teia de relações. São as relações que constituem esse sujeito – a relação com o outro, a relação com a linguagem e o simbólico (França, 2006c, p.76-77).

Nesta definição, a autora diz de interlocutores, indivíduos que falam com seus semelhantes, constituindo-se através dos laços discursivos que os aproximam. Assim, as pessoas não antecedem, mas resultam de conjunções, enfrentamentos, associações ou conflitos. França (2006c) tem o trabalho de George-Herbert Mead, identificado como o fundador da corrente chamada de interacionismo simbólico, como um dos seus aportes teóricos fundamentais.

Em sua obra clássica, *Mind, Self and Society*, publicada em 1934, o autor apresenta a noção de que os indivíduos e a sociedade se constroem juntos, num mesmo movimento, através de atitudes reciprocamente referenciadas: as interações. Elas estão baseadas em gestos significativos que possuem em sua base uma idéia, definindo-se como ações que contêm sentido para aqueles que as fazem e para quem elas se dirigem. Num breve resumo, o psicólogo social indica que apenas os estímulos e as respostas não são suficientes para que haja comunicação. Mais do que isso, é necessário a presença da linguagem, do exercício da consciência e da conduta reflexiva. Resgatando as concepções de Mead, França (2006c) se apóia no pensamento de que os indivíduos em interação são sujeitos em comunicação: alguém que produz gestos significantes para atingir seu semelhante, sendo antecipadamente influenciado pela ação futura do outro.

A comunicação vista como uma afetação mútua também se baseia nas concepções de Erving Goffman¹⁷, autor que buscou definir e caracterizar as relações que se dão face-a-face. Fazendo uso de metáforas teatrais, Goffman (1996) considera que as interações se constituem através de representações de papéis que os indivíduos encenam frente aos demais, regulados pelas possíveis respostas desses parceiros. No entanto, o sociólogo acredita que os desempenhos acontecem dentro de formatos cristalizados socialmente, obedecendo aos modelos pré-estabelecidos.

A performance dos sujeitos busca se aproximar ao máximo de uma atuação adequada e bem sucedida. Em outras palavras, a pessoa seleciona o papel mais apropriado para a ação específica que irá empreender diante do outro. Assim, o autor indica que as interações são construídas e guiadas a partir da relação com o semelhante. No entanto, os indivíduos se encontram num contexto social previamente fixado em que novos papéis dificilmente são constituídos. Por isso, o sujeito tende a incorporar em sua performance valores já consolidados para que sua encenação seja bem sucedida.

Apesar de o pesquisador ter dirigido seus estudos para as interações cotidianas, suas categorias analíticas trazem contribuições para a construção conceitual dos sujeitos em comunicação: as pessoas são afetadas pelas outras, mas também estão inseridas em ordens estabelecidas que definem os posicionamentos e os desempenhos ideais. Nesse sentido, a tomada de consciência dos indivíduos nas interações não é indicada apenas por sua inserção numa situação singular que acontece na presença de outro. Elas se realizam em momentos e contextos específicos, seguindo padrões ordenadores. Entretanto, ao considerar que os papéis representados pelos sujeitos são fixos, a análise de Goffman (1996) torna-se um pouco estática. É preciso pensar que o público também constrói significados nas interações, aqui pensadas enquanto experiência e ação. Os interlocutores estão inscritos num terreno institucional comum, mas não estão imunes às dinâmicas da vida.

Em resumo, a abordagem comunicacional proposta numa perspectiva interativa se interessa pelo movimento do social que conforma o texto, mas também pelo discurso que modifica a sociedade e a cultura. Sua proposta é a de apreender as relações comunicativas estabelecidas pelas práticas simbólicas como um espaço de agenciamento e de escolha. Tomando a interlocução como uma premissa, as pesquisas

¹⁷ O pensamento do sociólogo está melhor explicitado no capítulo 4, no item que aborda o desempenho de Ana Maria Braga frente a sua audiência.

fazem dela uma chave analítica para se compreender o fenômeno que se estabelece entre a mídia e o público. Assim, as investigações analisam “a comunicação como lugar de força – como lugar, espaço ou forma que suscita a ação (intervenção) e permite/acolhe a mudança, o imprevisível” (França, 2006, p.85).

Seguindo nessa direção, este trabalho se apóia no pensamento de que a produção midiática não se faz independente de seu público, ela é permanentemente modificada pelos vários sujeitos que compõem a audiência. Afinal, trata-se de uma linguagem em processo, que tanto orienta quanto é conduzida pelos espectadores. Fundamentando-se nessa perspectiva, este estudo se volta para o processo comunicativo, mais especificamente para a interação televisiva estabelecida entre as mulheres e os programas femininos, tendo como objeto empírico o *Mais Você* e algumas moradoras da Vila Ponta Porã.

Mesmo sendo um pequeno recorte, o programa e as telespectadoras analisadas podem iluminar a questão mais ampla que é a relação entre mídia e o público feminino, sobretudo aquele que é constituído pelas classes sociais menos favorecidas. De acordo com a Rede Globo de televisão¹⁸, as mulheres representam 51% da audiência¹⁹ do programa e 80% das pessoas possuem idade superior a 18 anos, sendo que 71% dos telespectadores estão concentrados nas classes C, D e E.

Enfim, fugindo das abordagens muito amplas e totalizantes, esta investigação tem a intenção de contribuir para os estudos dos meios, principalmente da TV, seguindo a tendência atual de pesquisas que acreditam na necessidade de se voltar para análises mais específicas das práticas televisivas, tentando tornar possível a apreensão desse veículo em sua complexidade. Pois,

cumprindo várias funções, ofertando produtos variados, e marcada por usos e leituras distintas, a televisão deve ser sempre pensada no plural – as muitas televisões, que devem ser investigadas com cuidado, em si próprias e nas diferentes relações que estabelecem com os receptores e com o mundo (França, 2006a, p.26).

3.2 – Vila Ponta Porã: caracterização sócio-econômica

¹⁸ Dados retirados no site da Rede Globo de Televisão: <http://comercial.redeglobo.com.br>

¹⁹ Conforme os dados da Rede Globo, os homens correspondem a 29% do público do *Mais Você*. As crianças e jovens de ambos os sexos, com idades que variam de 4 a 17 anos, equivalem a 20% da audiência.

Ponta Porã é uma vila que fica localizada na área hospitalar do bairro Santa Efigênia, Região Centro-Sul de Belo Horizonte. Apesar de não se destacar pelo baixo Índice de Qualidade de Vida Urbana (I.Q.V.U.)²⁰ dentre as 221 favelas da capital mineira, Ponta Porã chama atenção pela altíssima concentração de pessoas por m², apresentando-se como uma das maiores preocupações da Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (Urbel). Enquanto a densidade demográfica²¹ na Barragem Santa Lúcia, por exemplo, gira em torno de 292 habitantes/hectare, em Ponta Porã esse valor sobe para 1165 habitantes/hectare.

A Vila ocupa uma área total bruta de 10.300 m², possui 237 domicílios e 986 moradores. Cerca de 52% das famílias recebem de um a três salários mínimos, mas 4% delas ganham menos de R\$ 350,00. O índice de analfabetismo entre as mulheres é de 20%, taxa considerada alta diante da média da população belo-horizontina, que gira em torno de 6,57%.

É nessa realidade sócio-econômica que vivem as quatro telespectadoras que compõem o *corpus* desta pesquisa e é nesse contexto que se pôde observar como a televisão é a grande janela para o mundo, a principal fonte de informação para pessoas, colocadas à margem da sociedade, reiteradas vezes, pela sua condição de mulher, pobre e semi-analfabeta. Dentre as inúmeras favelas existentes em Belo Horizonte, a opção por Ponta Porã se deu em função da pesquisa poder se realizar num clima de maior segurança. A Vila tem fácil acesso, devido à sua localização geográfica, e possui baixos índices de criminalidade, principalmente relacionados ao tráfico de drogas.

3.3 – As telespectadoras e a pesquisa de recepção

3.3.1 – Entrevista face-a-face: a palavra das mulheres

Uma das investigações feministas pioneiras, intitulada *Housewives: isolation as oppression*²², realizada por Dorothy Hobson, utilizou a entrevista individual. A pesquisadora conversou com várias inglesas que pertenciam às classes populares. Os

²⁰ O Índice de Qualidade de Vida Urbana (I.Q.V.U.) é um instrumento de gestão urbana que permite à Prefeitura de Belo Horizonte identificar as regiões da cidade onde há menor oferta e acesso da população aos serviços de saneamento, limpeza, telefonia, energia elétrica, educação e outros. O principal objetivo do Índice é possibilitar que os órgãos municipais façam um planejamento para a melhor aplicação dos recursos públicos na cidade. Informação retirada do site: www.pbh.gov.br

²¹ Esses dados estatísticos foram levantados pelo Plano Global Específico da Urbel em 2002.

²² A investigação está detalhada no item 1.2.2, página 24.

diálogos aconteceram nas casas das mulheres, sendo gravados e transcritos posteriormente.

Comentando sobre essa metodologia, Hobson (2007) diz que a utilização da entrevista, numa situação face-a-face, requer alguns cuidados principalmente quanto à propensão que os pesquisadores têm de fazer comentários durante a conversa. Algo que pode direcionar ou influenciar a fala das mulheres. A autora avalia também que o gravador cria problemas, pois muito do que acontece durante o diálogo é perdido, quando se transfere a linguagem falada para o texto escrito. No entanto, Hobson (2007) afirma que a dificuldade que teve em representar adequadamente o significado da entonação, dos gestos ou das expressões faciais, não invalidou os resultados finais obtidos em sua investigação.

Luce Giard (2003), estudando as práticas culinárias na França, também usou como método investigativo as entrevistas individuais. A autora procurou privilegiar mulheres mais habituadas ao manejo da língua e que se mostravam capazes de falar de si mesmas sem constrangimento. Dessa maneira, a pesquisadora evitou interrogar pessoas desconhecidas e de classes sociais menos abastadas.

A investigação aqui proposta se aproxima mais do *corpus* escolhido por Dorothy Hobson. Afinal, ao optar pelas moradoras de Ponta Porã, buscou-se exatamente entender a relação entre o *Mais Você* e sua audiência, composta principalmente por mulheres de baixo poder aquisitivo. Diferentemente do estudo empreendido por Giard (2003), as mulheres que foram ouvidas tiveram poucas chances de frequentar a escola, possuindo um linguajar muito simples. A maioria delas mostrou timidez ao explicitar suas idéias, sentindo-se mais seguras quando uma vizinha ou alguma pessoa da família estava por perto.

No entanto, em vários momentos esta investigação buscou se fundamentar nas percepções descritas por Giard (2003) no decorrer da realização de sua pesquisa. Segundo a autora, as participantes tinham “prazer de romper a lei do silêncio público, prazer de contar exatamente aquilo que faz a rotina dos dias e das horas que se sucedem” (Giard, 2003, p.245). Dessa maneira, ao utilizar o recurso da entrevista individual ou de profundidade ²³, este trabalho procurou se apoiar nas propostas

²³ “A entrevista individual ou de profundidade é uma conversação que dura normalmente entre uma hora e uma hora e meia. Antes da entrevista, o pesquisador terá preparado o tópico guia, cobrindo os temas centrais e os problemas de pesquisa” (Bauer e Gaskell, 2005, p.82).

empreendidas tanto por Dorothy Hobson quanto por Luce Giard: dar voz às donas de casa.

3.3.2 – Breve relato da aproximação das entrevistadas e da realização da pesquisa de recepção

Além das justificativas objetivas já apontadas na escolha de Ponta Porã como local apropriado para realização da pesquisa, é preciso falar também das razões de cunho subjetivo. Quando fui produtora e repórter do Programa *OAB Cidadania*²⁴, estabeleci vínculos com o local, desenvolvendo especial admiração pela coragem e atuação da líder comunitária, Dona Ana Barbosa. Foi com a ajuda dela que consegui me aproximar das telespectadoras em quatro visitas ao local, no decorrer de um mês.

Por duas vezes, percorri a Vila, juntamente com Dona Ana, buscando as possíveis entrevistadas de casa em casa. Também abordamos, aleatoriamente, as moradoras que iam cruzando as ruelas por onde passávamos. Mas a estratégia se apresentou cansativa e pouco eficiente; a grande maioria das mulheres mostrou-se arredia, afirmando não assistir ao *Mais Você* com assiduidade. Outras disseram não ter interesse em participar da pesquisa. Mesmo assim, conseguimos localizar e conversar com Luzia, que se tornou uma das entrevistadas.

Em seguida, procurei me informar sobre as possíveis ocasiões onde houvesse uma maior frequência do público feminino e soube de um encontro semanal, patrocinado pela *Pastoral da Criança*, quando voluntárias católicas ensinavam trabalhos manuais para as moradoras. Ao chegar ao curso, no entanto, observei uma presença maior de adolescentes e nenhuma participante disse assistir ao programa.

Como Dona Ana havia me contado que, quinzenalmente, um ônibus da Prefeitura de Belo Horizonte vai até a Vila, dentro do Programa *Feirão Popular*, oferecendo produtos alimentícios a preços baixos, pensei em abordar as moradoras nesses dias, pois normalmente são as mulheres que fazem as compras da família. Assim, fizemos contato com Luciane, Sueli e Rose que concordaram em participar da investigação.

Na primeira etapa do estudo de recepção, conversei com as quatro telespectadoras em suas casas, em horários escolhidos por elas, num tempo que variou

²⁴ Programa televisivo veiculado pela PUC TV (canal fechado número 12) para a grande Belo Horizonte, produzido por uma parceria entre a Ordem dos Advogados do Brasil (seção Minas Gerais) e a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, no período de março de 2000 a dezembro de 2003.

de uma a uma hora e meia, durante três visitas à Vila. As entrevistas individuais seguiram o Roteiro I, colocado em anexo, e foram gravadas em fita k-7. Em todos os encontros procurei fazer com que a rotina dos lares não fosse alterada e o ambiente continuasse o mais informal possível.

No entanto, a conversa com Rose não se desenvolveu com facilidade. Mais que timidez, a moça apresentou um estado de desconforto profundo no início do encontro. Mesmo confirmando que queria participar da pesquisa, ela esfregava compulsivamente os dedos da mão direita, num gesto insistente e repetitivo. Enxerguei com clareza o medo em seus olhos. Foi como se eu estivesse diante de um ser que, sentindo-se cara-a-cara com um possível inimigo, oscilava entre as atitudes reflexas de atacar ou fugir. Assim, também fiquei bastante ansiosa nas primeiras perguntas, preocupando-me muito com a melhor maneira de abordar os assuntos para não assustá-la mais ainda. Procurei demonstrar, reiteradas vezes, sua total liberdade de responder somente as questões que ela desejasse. A porta da casa permaneceu aberta durante todo o tempo da entrevista e, numa certa altura, uma menina de cerca de três anos, filha da vizinha, adentrou-se rapidamente e sentou-se no colo da moça. A companhia da criança parece ter acalmado Rose. Lentamente, ela foi se descontraindo e, no final da entrevista, já estava até sorrindo.

Demonstrando curiosidade, algumas amigas de Luciane também presenciaram parte da conversa. Os filhos da moça ficaram por perto, brincando ou simplesmente nos observando. Nos momentos em que exigiam atenção, pediam colo ou alimento, o gravador era desligado para que Luciane pudesse atendê-los. Aos poucos, todos foram se acostumando com minha presença e a entrevista pôde ser realizada sem interrupções. De modo semelhante, a mãe de Luzia e uma de suas filhas mais velhas escutaram algumas perguntas. Constantemente, as duas mulheres atravessavam a sala ou se sentavam no sofá, onde eu e a entrevistada estávamos.

Sueli foi a pessoa que aparentou mais tranquilidade durante nosso encontro. Os filhos e o marido não estavam em casa e a conversa só foi interrompida uma vez por um vizinho que procurava pelo companheiro da moça. Todas as perguntas foram respondidas sem nenhum traço de nervosismo. Tive a impressão de que ela se empenhava na tarefa de se fazer entender, como se aproveitasse a ocasião para relatar sua vida e expressar seus sentimentos. Em vários momentos, comportou-se como se eu fosse uma amiga, demonstrando muita sinceridade em tudo que dizia.

Como a maioria das televisões das entrevistadas não tinha entrada para aparelhos que me permitissem lhes apresentar as matérias gravadas, as participantes se reuniram na casa de Luzia alguns dias depois. O barraco da senhora foi escolhido porque era um dos mais amplos, cabendo todas nós. Além disso, tinha uma vantagem sobre os demais, pois possuía um DVD. Assim que as reportagens foram vistas, a segunda etapa das entrevistas foi realizada individualmente na casa de cada uma das mulheres. As perguntas seguiram o Roteiro II, anexado no final do trabalho.

Durante os diálogos com as telespectadoras, ficou combinado que seria mantido sigilo sobre suas identidades, mas elas ficaram conscientes de que seus depoimentos seriam lidos por outras pessoas, ganhando publicidade através da pesquisa. No decorrer deste texto, foram trocados os nomes das participantes. As citações reproduzem fielmente suas falas, exatamente como foi transcrito nas gravações.

3.4 - Identificação das mulheres entrevistadas

A primeira etapa do estudo de recepção procurou traçar um breve perfil biográfico das telespectadoras selecionadas e observar seu comportamento diante da mídia, sobretudo da televisão e do programa *Mais Você*. Foram ouvidas quatro mulheres com idades que variam de 24 a 55 anos. Uma está separada e três vivem com os companheiros, sem casamento formal. Apenas uma não é mãe. Nos outros casos, o número de filhos varia de dois a sete. Observa-se na história de três delas, a vinda dos pais de áreas rurais para Belo Horizonte em busca de uma renda melhor.

O grau mais alto de escolaridade é a 6^o série do ensino fundamental. Talvez por isso, apesar de se verificar mudanças de profissão no decorrer da vida da maioria das entrevistadas, as condições de subemprego são frequentes. As atividades exercidas estão relacionadas às tarefas tidas como femininas: cozinheira, lavadeira e empregada doméstica. Uma delas nunca teve emprego formal, ganhando a vida como catadora de papel. Várias historiadoras confirmam que esse contexto é comum na vida das mulheres de classes populares no país, pelo menos desde a *Belle Époque* (1890 a 1920), sendo comprovado através dos documentos da época da instauração da ordem burguesa no Brasil.

Basta aproximar-se da realidade de outrora para constatar que as mulheres pobres sempre trabalharam fora de casa. Com a industrialização, chegaram, junto com as crianças, a compor mais da metade da força de trabalho em certas indústrias, notadamente nas de tecidos (Del Priore, 2004, p.517).

Na fala das entrevistadas, observou-se a recorrência da necessidade de se ter coragem, persistência e capacidade de superação para lidar com as dificuldades encontradas no cotidiano feminino. A fé em Deus também é um recurso para enfrentar as agruras da vida e os problemas financeiros. Duas mulheres são católicas, uma freqüente cultos da *Igreja Universal do Reino de Deus*. Uma delas se diz sem religião. Quando questionadas sobre o que almejam para o futuro, a maioria respondeu querer uma residência própria ou uma casa maior, com mais espaço para os filhos brincarem. Os quadros abaixo sintetizam o perfil das entrevistadas.

Quadro 2: Dados Pessoais

Nome	Idade	Situação Civil	Nº de filhos	Religião
Luciane	24 anos	União estável	03	Sem religião
Luzia	55 anos	Separada	07	Católica
Rose	32 anos	União estável	Sem filhos	Evangélica
Sueli	32 anos	União estável	02	Católica

Quadro 3 - Identificação profissional e expectativas futuras

Nome	Profissão	Escolaridade	Remuneração	Sonhos
Luciane	Doméstica	6º série	Desempregada	Ter uma casa própria
Luzia	Cozinheira/ faxineira	Analfabeta	Desempregada	Aumentar sua casa
Rose	Sem profissão formal	4º série	Desempregada	Ter um filho e trazer os pais para a capital
Sueli	Lavadeira	6º série	Salário mínimo	Ter uma casa maior

3.5 - Perfil biográfico das entrevistadas

Luciane: não possui religião, tem 24 anos e engravidou do primeiro filho aos 15. Desde então, vive com o companheiro, com o qual teve mais duas crianças. Estudou até a 6º

série e está desempregada, mas já trabalhou como vendedora e doméstica. A renda familiar é de um salário mínimo e o barraco onde mora é alugado. Seus pais vieram do interior para tentar melhores condições de sobrevivência em Belo Horizonte. Ela possui oito irmãos e nunca presenciou cenas de violência doméstica, mas diz que o pai era “mandão e agressivo”. Ela conta que apanhou do marido uma vez. Procurou a delegacia de mulheres e o fato nunca mais se repetiu. Afirma que sempre quis ter filhos e, apesar da primeira gravidez não ter sido programada, a maternidade “despertou a maturidade nela”. Luciane acha que não foi fácil cuidar das três crianças ao mesmo tempo. Mas hoje, a caçula está mais crescida e o cotidiano vai se normalizando.

Luzia: tem 55 anos, é separada e possui sete filhos, um do primeiro namorado, três do companheiro, com quem viveu cinco anos, e três da segunda união que durou 27 anos. É católica e lembra pouco da infância passada com os pais numa pequena cidade de Minas Gerais, pois aos nove anos foi morar com uma família em Vitória, no Espírito Santo. Sua mãe permitiu que ela saísse de casa diante da promessa de que iria estudar, fazendo o serviço doméstico em troca de roupa e alimentação. No entanto, Luzia nunca freqüentou a escola e diz que “só sabe assinar o nome”. Ela conta que depois que finalizava as tarefas da casa, carregava até a noite baldes de areia para aterrar uma área alagada que ficava nos fundos da residência onde o casal morava. Por diversas vezes, os patrões lhe disseram que sua mãe havia morrido e que eles iriam adotá-la. Aos 14 anos, ela conseguiu fazer contato com a família e voltou para a casa. Pouco tempo depois, ficou grávida do namorado e a sua avó convenceu a mãe da moça de que deveriam se mudar para Belo Horizonte, alegando que Luzia poderia ser enganada novamente pelo rapaz. Assim, vieram para a cidade e, desde então, moram aqui. Ela já foi doméstica, cozinheira de restaurantes e faxineira contratada por conservadoras. Recentemente teve vários problemas de saúde e está desempregada. Hoje recebe ajuda financeira dos filhos e parece resignada ao afirmar que ninguém mais vai dar emprego para uma pessoa com sua idade. Luzia diz que não se lembra de sua convivência com o pai. Quanto ao relacionamento com os companheiros, conta que teve vários atritos com seu segundo marido até se separar dele. Nas brigas violentas, revidava os golpes que recebia, chegando a ferir profundamente o braço do companheiro com o caco de um dos pratos que ele sempre quebrava. Mesmo assim, acredita que o sofrimento nem sempre faz parte dos relacionamentos amorosos e acha que existem casamentos felizes.

Sueli: tem 32 anos, é católica, estudou até a 6^o série e possui dois filhos: um do primeiro namorado e o outro do atual companheiro. Ela trabalha na lavanderia de uma loja de aluguel de artigos de festa, mas está afastada do emprego. Em janeiro, sofreu um acidente de carro, teve ferimentos graves e permaneceu trinta dias hospitalizada. Atualmente está fazendo fisioterapia e talvez ainda tenha que passar por uma cirurgia para conseguir movimentar a perna direita normalmente. Sueli nasceu em Governador Valadares e possui duas irmãs. O pai veio para Belo Horizonte em busca de emprego e trouxe consigo a família. Poucos anos depois, ele faleceu e sua mãe teve muita dificuldade para conseguir alimentar as três meninas com o dinheiro que recebia como doméstica. A moça conta com orgulho que, mesmo assim, sua mãe não desistiu de manter as filhas perto de si, recusando os pedidos de várias pessoas que queriam adotá-las. Diante das precárias condições financeiras da família, Sueli começou a trabalhar aos 12 anos para ajudar no sustento da casa. Já maior de idade, engravidou, mas o namorado não quis assumir a criança. Depois que o bebê havia nascido, ele se arrependeu e quis casar-se com ela. Sueli não aceitou. Hoje são amigos e o rapaz participa financeiramente da educação da filha. Há quatro anos, ela vive com o atual companheiro, com o qual teve um menino. Conta que o marido nunca foi violento com a família, mas queixa-se da dificuldade que sente em esquecer um caso amoroso que ele teve fora do casamento.

Rose: possui 32 anos, estudou até a 4^o série e durante vários anos foi catadora de papel. Ela conta que não consegue engravidar, mas adora crianças e sonha em ter um filho. Atualmente não trabalha, atendendo ao pedido do companheiro, com quem vive há três anos. Rose passou a infância em instituições católicas localizadas no interior de Minas, em regime de internato. Depois foi transferida para a Febem em Belo Horizonte, mas aos quatorze anos fugiu de lá e foi morar nas ruas. Conta que tentou viver junto a outros menores, mas como não fazia uso de bebida alcoólica e drogas era frequentemente maltratada e expulsa dos grupos. Assim, vagou sozinha, “passando muita fome e frio” até encontrar uma instituição voltada para mulheres no bairro Bonfim. Passava o dia lá, participando de atividades educativas e à noite ia para os abrigos comunitários da cidade. Nesta época, conheceu um catador de papel com quem passou a viver. Com o dinheiro que ganhavam, alugaram um barraco em Ponta Porã e saíram das ruas. No decorrer do relacionamento, foi espancada violentamente inúmeras vezes, mas só depois de 15 anos teve coragem de deixá-lo. Rose pediu abrigo para uma amiga que morava

num bairro distante, mas o catador de papel descobriu onde estava e passou a ameaçá-la. O rapaz só parou de persegui-la quando ela procurou a delegacia de mulheres, seguindo os conselhos de um morador de Ponta Porã, que tempos depois veio a se tornar seu companheiro. Quando esteve no abrigo para mulheres, Rose recebeu auxílio para conseguir uma cópia de sua certidão de nascimento, junto a uma das instituições na qual esteve interna quando criança. Assim, localizou os pais e foi até o interior de Minas para conhecê-los. Tinha a intenção de morar com eles, mas na primeira noite que passou em casa, viu-se obrigada a dormir ao relento, juntamente com a mãe e as irmãs, por causa do comportamento agressivo do pai. Pela manhã, voltou para Belo Horizonte sem ter coragem de perguntar para a mãe porque ela não foi criada junto à família.

3.6 – A Relação das entrevistadas com a mídia e o programa *Mais Você*

O meio de comunicação preferido da maioria das entrevistadas é a televisão. O aparelho, encontrado no barraco de cada uma delas, é ligado sem exceção pela manhã, preferencialmente na Rede Globo. As quatro mulheres disseram que costumam ver ou passar os olhos no *Jornal Bom Dia Brasil*. Duas gostam das novelas, uma diz assistir com frequência ao *Jornal Nacional* e Luzia adora partidas de futebol. Luciane conta que assim que o *Mais Você* termina, o rádio lhe faz companhia até a noite. Na casa de Luzia é a televisão que funciona durante todo o dia. A TV é um elemento tão constante em seu cotidiano que ela conta que é freqüente sair de casa e esquecer o aparelho ligado.

Nas conversas realizadas com as quatro mulheres foi possível perceber que elas assistem ao *Mais Você* diariamente, sendo que duas entrevistadas vêem o programa ao mesmo tempo em que cuidam das atividades domésticas. Três telespectadoras são da opinião de que os temas abordados se dirigem principalmente às mulheres e Rose acha que os assuntos tratados são apropriados para ambos os sexos.

Rose: Fala igual pros dois.

Luciane: O programa é bem dividido, mas fala mais pra mulher.

Luzia: Ah, eu acho que é mais pra mulher mesmo.

Sueli: É um programa sim pra mulher. Que tem pessoas que não gostam de conversar, não gostam de cozinhar, não gostam de expressar o seu próprio sentimento. E ela demonstra isso pra mulher. A mulher tem que demonstrar o que ela é, o que ela gosta de fazer, o que ela quer fazer.

Quanto à memorização de algum quadro do *Mais Você* que chamou mais a atenção das entrevistadas, Luciane e Sueli citaram os depoimentos de mulheres que relatavam suas histórias de vida. As duas outras afirmaram não se lembrar. Todas disseram gostar do quadro de culinária, mas apenas uma já colocou em prática as receitas apresentadas pelo programa. Duas telespectadoras não prestam muita atenção no pensamento do dia e duas acham que esse é um dos melhores momentos do *Mais Você*. Sueli conta que, teve uma época, que chegou a transcrever as mensagens faladas por Ana Maria Braga.

Sueli: Eu amo as palavras dela! Eu amo aquela dedicatória que ela faz no começo do programa! Cada uma delas! Teve uma vez, que tava escrevendo todas aquelas mensagens, que eu achava muito lindo aquilo que ela fazia.

A entrevistada acompanha Ana Maria desde quando ela conduzia o *Note e Anote* na Rede Record. Sueli pensa, assim como Luzia, que a apresentadora é um exemplo de mulher porque enfrentou com coragem o câncer que teve, dando seqüência ao seu cotidiano.

Entrevistadora: Você acha que Ana Maria Braga é um bom exemplo de mulher?

Sueli: É. Eu acho que sim. Eu acho devido aos problemas também que ela já teve... A seqüência de médicos que ela já passou...

Entrevistadora: O câncer que ela teve?

Sueli: Isso. Ela deu muito incentivo pra muita gente que tem o mesmo problema ou que possa ter um dia. E que faça da mesma forma que ela fez.

Entrevistadora: Você acha que foi um exemplo o jeito que ela lidou com a doença?

Sueli: Isso. Ela num se debateu com aquilo. Ela correu atrás pra poder conseguir fazer e ser a pessoa que ela é hoje.

Todas as entrevistadas afirmaram gostar da apresentadora. Na maioria das vezes, a simpatia demonstrada parece estar relacionada à maneira como elas percebem Ana Maria no desempenho de seus diversos papéis como mulher, cozinheira ou amiga.

Luciane: Assim, ela é excepcional. Bonita, é uma pessoa assim que cê pode olhar já tá numa... Como é que fala? Já tá numa idade, né? Mas, ela é aparentemente muito jovem e é bonita.

Luzia: Ela é uma pessoa que tá sempre ali, ela não se acha uma mulher velha, ela se acha jove. Isso que é o importante!

Rose: Ah! Eu gosto do jeito dela de explicar e quando ela come e passa debaixo da mesa. Quando ela passa debaixo da mesa e... Faz, assim, aquele barulho.

Sueli: Ah! Eu acho que ela é uma pessoa super legal! Uma pessoa super comunicativa. Gosta muito de ajudar as pessoas. Eu acho que o que ela puder fazer pra ajudar uma pessoa, com palavras, com sentimentos dela, eu acho que ela faz. E é por isso que eu passei a gostar muito de assistir os programas e vê o que é que ela tá fazendo.

Nenhuma telespectadora apontou defeitos em Ana Maria Braga. Em resumo, alegaram que nunca haviam reparado nos pontos negativos da apresentadora. No entanto, citaram as qualidades.

Luciane: Primeiro lugar, ela entende de culinária. Segundo é que ela é... Tem uma facilidade na expressão. Ela é simples demais!

Sueli: Ela é muito dedicada. Eu acho que ela deve ser muito companheira. Ela é muito amiga. É... Eu acho que é isso mesmo.

Rose: Ela ensina muitas coisa... Ela é um exemplo porque ela explica os trem direitinho.

Três entrevistadas disseram que Ana Maria Braga dá dicas ou conselhos que ajudam a melhorar suas vidas. Afirmaram se sentir bem quando assistem ao programa, mas não souberam justificar concretamente o motivo desse bem-estar. Deixaram claro que ficam insatisfeitas quando o *Mais Você* chega ao final ou quando perdem algum quadro que gostam de ver.

Sueli: Hoje mesmo eu fiquei triste, porque a hora que eu liguei, ela já tava passando o... Ela já tinha terminado de fazer a receita do bolo. Ela tava falando do bolo de batata e eu não consegui pegar. Eu achei muito bonito as coisas que ela tava fazendo. Já tinha assado. Aí eu fiquei muito triste.

Luciane: Digo: Ah! Acabou! TV pra mim não serve mais, agora é só rádio.

Rose: Ah! Eu fico com vontade de ficar só assistindo, só assistindo... Pra gente ficar sabendo mais.

Conforme abordado anteriormente, Luciane e Rose, as duas telespectadoras que declararam assistir ao *Mais Você* integralmente todos os dias, sem ocupar-se de outras atividades paralelas, afirmaram que os momentos do programa que tinham retidos na memória eram os depoimentos das mulheres focalizadas pelas matérias. Baseando-se

nas falas dessas entrevistadas, decidiu-se que o próprio objeto direcionaria o recorte necessário para se refinar a análise da recepção.

Assim, optou-se por selecionar as três reportagens do *Mais Você* que tinham figuras femininas como personagem principal para serem assistidas pelas entrevistadas na segunda etapa da pesquisa. Depois que as matérias foram apresentadas às moradoras de Ponta Porã, buscou-se observar nos dizeres das telespectadoras as possíveis leituras das representações das mulheres mostradas pelo *Mais Você*. As questões principais giraram em torno da apreensão, por parte da audiência, de imagens positivas da condição feminina e da percepção da existência de possibilidades variadas para se construir relações com a feminilidade.

Quadro 4 - Hábitos de audiência da TV

Nome	Mídia preferida	Frequência de audiência da TV	Horário de audiência da TV	Programas televisivos mais vistos
Luciane	Rádio e Televisão	Todos os dias	Manhã	Bom dia Brasil e <i>Mais Você</i>
Luzia	Televisão	Todos os dias	TV fica ligada o dia todo	Bom dia Brasil, <i>Mais Você</i> , novelas e futebol.
Rose	Televisão e Rádio	Todos os dias	Manhã	Bom dia Brasil e <i>Mais Você</i>
Sueli	Televisão	Todos os dias	Manhã e noite	Bom dia Brasil, <i>Mais Você</i> , Jornal Nacional e Novelas

Quadro 5 – Hábitos de audiência do *Mais Você*

Nome	Frequência de audiência	Atividades executadas junto á audiência	Momentos preferidos do programa	Algum quadro que ficou na memória
Luciane	Todos os dias	Nenhuma	Mensagem, histórias de vida e receita	Depoimentos de mulheres que sofreram violência doméstica
Luzia	Todos os dias	Tarefas domésticas	Receita e matérias informativas	Não se lembra
Rose	Todos os dias	Tarefas domésticas	Receita	Não se lembra
Sueli	Todos os dias	Nenhuma	Mensagem, histórias de vida e receitas	Depoimento de uma mãe que adotou uma criança com Aids

Quadro 6 – Opiniões e relação com Ana Maria Braga

Nome	Acha Ana Maria um bom exemplo de mulher	Qualidades da apresentadora	Defeitos da apresentadora	Dicas e conselhos ajudam a melhorar vida da entrevistada
Luciene	Sim	É simples e comunicativa	Não observou	Sim
Luzia	Sim	Forte e corajosa	Não observou	Não sabe
Rose	Sim	Simpática e alegre	Não observou	Sim
Sueli	Sim	Dedicada, companheira e amiga.	Não observou	Sim

Capítulo 4 – A configuração de sentidos no *Mais Você*

4.1 – As categorias de análise do programa

4.1.1 – A fé e a religiosidade no *Mais Você*

A etimologia da palavra *femina*, segundo Clément e Kristeva (2001), vem da união de *fe* e *minus*, significando não apenas que a mulher tem menos fé que o homem, mas também justificando em épocas passadas, principalmente para os inquisidores da Igreja Católica, a maior vulnerabilidade do sexo feminino ao diabo. No entanto, como sustentar que as fêmeas são naturalmente tortas, carnaís, se na própria Idade Média, período em que qualquer uma delas era facilmente apontada como bruxa, viveu também a padroeira da Itália, Catarina de Siena, uma mulher tão fervorosa em sua dedicação a Deus que é considerada doutora da Igreja ao lado de Santo Tomás de Aquino? Pecadora ou virtuosa? Boa ou má? Santa ou feiticeira? Afinal, como essa parcela da humanidade que, segundo a Bíblia, se originou da costela de Adão²⁵ é representada e se faz representar em sua relação com as religiões e as crenças?

Os estereótipos, clichês, imagens, ou representações “não apenas variam dentro das diferentes épocas e culturas, mas também espelham vivências específicas dentro de determinadas sociedades” (França, 2004, p.16). Lembrando que a mídia, particularmente a televisão, “é um celeiro fecundo de representações” (França, 2004, p.16) e observando que o *Mais Você* mostra com relativa frequência a fé em Deus, pode-se pelo menos bordejar a questão de como as imagens das mulheres em sua religiosidade são produzidas, apropriadas e atualizadas na interlocução que se dá entre o programa, sua apresentadora e as telespectadoras que compõem o corpus desta pesquisa.

Clément e Kristeva (2001) citam o sagrado como um caminho capaz de permitir ao sexo feminino sua sobrevivência financeira. Muitas mulheres consideradas bruxas, num passado não muito distante, eram camponesas que se tornavam curandeiras, parteiras ou aborteiras - em caso de necessidade - para ganharem algum trocado, auxiliando muitas de suas semelhantes a suportar a dura infelicidade, enquanto o padre só oferecia ameaças. “O inferno seria pior? A resposta da feiticeira é não. A dureza dos tempos exige que se recorra aos biscates, e as mulheres fazem toda a sorte de biscates, sem medo...” (Clément e Kristeva, 2001, p.161).

²⁵ Gênesis, capítulo 2, versículo 22.

No entanto, as autoras preferem pensar as crenças e religiões como uma espécie de fresta, usada por mulheres de inúmeras partes do mundo, nas mais diversas épocas da história da humanidade, para escoarem seus sentimentos: a ira, a revolta, a dor, a felicidade ou o amor. Entre as classes sociais menos favorecidas, quando o analfabetismo se faz presente e a palavra escrita é uma impossibilidade de expressão, pode-se falar com o corpo, como acontece nos transe das mães-de-santo no candomblé e nas várias cerimônias religiosas da África negra: olhos revirados, agitação e tremor. Uma revolta instantânea atravessa os músculos e, numa espécie de somatização brutal, grita-se através da carne. “Sim, acredito que a capacidade de chegar ao sagrado pela via fulminante depende positivamente do estado de menoridade, ou da exploração econômica. É preciso que ‘aquilo’ saia de alguma forma, e faltando a educação, o lugar da expulsão é o sagrado” (Clément e Kristeva, 2001, p.16).

Numa época em que as mulheres não podiam aprender a ler e escrever, a não ser que entregassem sua alma a Deus, abandonando sua família para viver nos conventos, a religião permitia que elas dessem vazão à subjetividade através da expressão verbal. Santa Teresa D’ Ávila, por exemplo, é autora dos livros *O caminho da perfeição* e *O castelo da alma*, considerados por muitas estudiosas como possuidores de um linguajar especificamente feminino²⁶. A freira fundou vários conventos na Espanha e enfrentou sozinha a inquisição até conseguir que o papa Gregório XIII consagrasse a Ordem das Carmelitas Descalças, sempre recomendando para suas seguidoras a humildade como algo indispensável para se entrar em estado de oração.

É também com uma prece que o programa *Mais Você* se inicia em oito de maio de 2006, segunda-feira. O dia sugere um cotidiano de trabalho que será recomeçado por várias donas de casa, pois o sábado e o domingo ficaram para trás e as tarefas domésticas voltam ao seu ritmo normal. Como o princípio de qualquer jornada é uma ocasião em que as preces costumam ser bem-vindas, Ana Maria diz: “A gente começa a semana com uma oração (...). Quero que vocês orem comigo”. O texto, proferido pela apresentadora, é de autoria de uma camponesa anônima de Madagascar que, certamente, tinha os afazeres domésticos presentes em sua vida:

Senhor! Dono das panelas e marmitas! Posso não ser a santa que medita aos seus pés. Posso não bordar toalhas para o seu altar. Então que eu seja a santa ao pé do meu fogão. (...). Quando eu lavar o chão, que eu lave os meus pecados. Quando eu puser na mesa a comida, coma também, Senhor, junto conosco.

²⁶ Ver a propósito: Brandão, 2006; Castelo Branco, 1990.

A prece é de alguém abnegado, uma mulher que não pede louvações nem glórias. Seu desejo parece ser o de compartilhar seu sofrimento, numa espécie de desabafo. Sua infelicidade não é escancarada, é sussurrada, dividida somente com Deus. Na oração, ela pede ao Criador forças para conseguir silenciar seu martírio. “Que seu amor quente a chama que eu acendi e faça calar minha vontade de gemer a minha miséria”. Mas, o que faz a camponesa? Ela não está justamente contando, debulhando sua dor?

Como Santa Tereza D’Ávila, Catarina de Siena²⁷ e várias outras mulheres que tiveram na religião um espaço para transformar seus escritos espirituais em literatura, a camponesa de Madagascar também expressa, de maneira modesta, seus sentimentos ao falar com Deus. Assim, a oração dessa anônima parece transcender sua própria dor, representando o sofrimento de tantas outras que padecem como ela das mesmas obrigações. Ao ecoar a prece para sua audiência, o programa *Mais Você* certamente possibilita o reconhecimento, por parte da recepção, do cotidiano ao qual várias telespectadoras de classes sociais menos favorecidas estão submetidas. Pela oração, o trabalho simples de todas elas pode se glorificar.

A religiosidade claramente explicitada pela prece da camponesa pode ser observada no *Mais Você* através de outra mulher: Lílli Steffens. Ela é a personagem principal de uma matéria exibida no dia 11 de maio. Também é entrevistada, ao vivo, durante o programa. A reportagem e a conversa que a apresentadora tem com Lílli ficam centralizadas na história de vida dessa senhora, que é mostrada como exemplo de superação.

Lílli Steffens é uma mulher obstinada em vencer sua deficiência física. Ainda criança, perdeu os dois braços numa moenda de cana, mas não se abateu. Empreendeu inúmeras batalhas cotidianas, tornando-se capaz de realizar os serviços domésticos com os pés. No decorrer de quase toda reportagem, a câmera segue os membros inferiores de Lílli, evidenciando para a audiência a agilidade com que a senhora varre a casa, prepara os alimentos, lava a louça e costura os próprios vestidos.

Em determinado momento, uma cena em *close up* focaliza os dedos do pé de Lílli movimentando a caneta sobre uma folha de papel. Ela escreve o pequeno texto que lê em voz alta: “Eu sou feliz com a vida que Deus dá. Só quero muita saúde, paz, alegria

²⁷ O livro *Diálogo da Divina Providência*, de Catarina de Siena, é considerado uma das primeiras obras-primas da literatura italiana. (Clément e Kristeva, 2001).

e ser respeitada como eu respeito o próximo”. A senhora, de 69 anos, não teve oportunidade de frequentar uma escola. Foi alfabetizada pelo irmão e conseguiu realizar o sonho: há um ano publicou o livro com o título *Nas mãos de Deus*.

Terminada a matéria, Lílli é recebida por Ana Maria Braga no estúdio. A apresentadora inicia a entrevista perguntando sobre o acidente que a fez perder os braços e, em seguida, quer saber sobre sua atitude, ainda na infância, diante da deficiência.

Ana Maria: Como foi a adaptação? A senhora lembra?

Lílli: Primeiro de tudo que eu orava bastante, tinha muita fé em Deus, como eu tenho hoje, muita fé mesmo.

Nascida no meio rural, entre nove irmãos, Lílli conta que tentou seguir a rotina da família, ajudando a mãe nas tarefas de casa e auxiliando o pai na lavoura. Na juventude, conseguiu empregar-se como faxineira e babá.

Ana Maria: O que a senhora imagina que deu pra senhora, desde criança, porque eu tô vendo a senhora aqui (mostra uma imagem no livro de Lílli) fazendo a primeira comunhão.

Lílli: Sim. Com minha família.

Ana Maria: A senhora nunca reclamou?

Lílli: Não.

Ana Maria: Não?

Lílli: Hum, hum! Eu não reclamei porque eu ganhava tudo de Deus, como... O que eu queria, eu pedia pra Ele, e dava certo. Dava certo com os pés, trabalhar com os pés. Meus pés têm todo movimento: ó!

A entrevistada conta como conheceu seu marido Celso Steffens, já falecido. Afirma que foi amor á primeira vista. Eles se conheceram num baile e seis meses depois estavam se casando. Ana Maria Braga aproveita o assunto para elogiar a aparência de Lílli.

Ana Maria: Também com esse olho bonito, azul que a senhora tem! Deve ter dado um olhar fulminante para o Celso!

Lílli: Sim. Todo mundo dizia que eu era muita linda!

Então, a convidada relata o nascimento dos três filhos, contanto como conseguia banhá-los ou niná-los num pequeno berço adaptado. A câmera vai ilustrando a fala da senhora, mostrando para o público as fotografias do livro que comprovam os seus feitos.

Lílli também confirma, ao vivo, para a audiência algo que foi tratado na matéria: faz tricô e crochê diante da apresentadora.

Ana Maria: Gente do céu! Para quem não sabe fazer tricô, não é o tricô, não é o crochê. É o exemplo, né? (...). Essa habilidade só existe porque atrás dessa habilidade tem a Lílli, que tem uma força de vontade, uma vontade de viver e fazer seja o que for, né? Que a gente pode tudo, né?

Lílli: Sim. Tem que ter vontade de viver porque a vida é tão boa! Só tem que saber viver essa vida que a gente ganha de Deus.

O quadro vai chegando ao fim e Ana Maria conduz Lílli até a porta e por duas vezes diz: “Vai com Deus”! Ela também fala para a convidada que nunca irá se esquecer da entrevista.

Ana Maria: Eu acho que minha profissão, ela me dá grandes chances na vida, né? (...). E uma das grandes chances que Deus tá me dando, desse privilégio de ter essa profissão, é tê-la conhecido. E vou guardar, vou ler o seu livro. E vou guardar com o maior carinho não só o livro, mas principalmente a sua lembrança.

4.1.2-O enfoque dado à violência contra as mulheres

Com as palavras “bem aventurados os que têm fome e sede de justiça”, a *Oração da Camponesa Anônima de Madagascar*, abordada no tópico anterior, adianta para a audiência o principal tema que será tratado pelo programa naquele dia: a violência contra as mulheres.

Ana Maria: Hoje nós vamos falar de um assunto, que eu acho, tá incomodando muita gente. Nessa semana aí, foi condenado a 19 anos, 2 meses e 12 dias de prisão, mas não foi pra cadeia, o jornalista que vocês viram aí, Antônio Pimenta Neves, pelo assassinato da namorada Sandra Gomide. Eu acho o que mais se discutiu de tudo isso foi a impunidade, né? E a morosidade da Justiça. Demooooora, né?

Em 2000, a morte de Sandra ganhou fama na mídia nacional. Seis anos depois, é justamente a condenação do seu assassino e ex-namorado, Antônio Pimenta Neves, que passa a ocupar as manchetes dos maiores veículos de comunicação do país. No passado, dois outros crimes semelhantes também tiveram grande visibilidade: os assassinatos de Ângela Diniz por Doca Street em 1976²⁸ e Eliane de Grammont por Lindomar Castilho

²⁸ No primeiro julgamento de Doca Street, o advogado ressuscitou a antiga tese de legítima defesa da honra. O assassino declarou que matou por amor e foi condenado a dois anos de detenção. Mas, o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro anulou a sentença. Aproveitando os dizeres do réu,

em 1981. Como foram acontecimentos que causaram clamor público, ficaram gravados na memória de muita gente. No entanto, a sociedade “não deve se esquecer da legião de mulheres assassinadas que permanecem anônimas” (Melo e Sanematsu, 2004, p.27).

Apesar de os estudos de âmbito nacional sobre a violência contra o sexo feminino ainda serem recentes no Brasil, os dados refletem a magnitude do problema. De acordo com a pesquisa *A mulher brasileira nos espaços público e privado*²⁹, realizada pela Fundação Perseu Abramo em 2001, uma em cada cinco brasileiras declarou espontaneamente ter sofrido algum tipo de violência por parte de algum homem, sendo que o principal agressor é o marido ou companheiro. De acordo com Melo e Sanematsu (2004), o *Informe Mundial sobre Violência e Saúde*, divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) também confirmou que a metade dos assassinatos de mulheres em 2002 foi cometida pelo esposo ou namorado.

Entretanto, é preciso lembrar que esses números podem ser maiores, pois a violência doméstica³⁰ ainda é considerada um tema íntimo, restrito ao âmbito familiar. Ela nem sempre é declarada ou notificada, formando-se um poderoso muro de silêncio em torno do assunto. Por isso, tão preocupante quanto os assassinatos é o caráter crônico do problema, sua faceta mais comum. No cotidiano de todas as envolvidas, há uma perpetuação do sofrimento. Afinal, “uma das características da violência doméstica contra a mulher é ser cíclica e continuada (...). Além disso, os homens que agredem, mesmo quando trocam de parceiras, seguem agredindo” (Melo e Sanematsu, 2004, p.27). Uma situação permanente de confronto físico ou verbal também aumenta o risco de instalação das doenças psíquicas. De acordo com as autoras, há ocorrências expressivas de diminuição de auto-estima, depressão e tentativas de suicídio.

De acordo com Melo e Sanematsu (2004), outro aspecto ainda pouco contabilizado, mas já amplamente observado, é a perda econômica do sexo feminino provocada pelos maus tratos por parte de seus companheiros. Segundo um estudo do

feministas se mobilizaram com o slogan “Quem ama não mata”. No segundo julgamento, Doca Street foi condenado a 15 anos de prisão (Saffioti, 2004)

²⁹ A pesquisa coletou informações de mulheres, com idade mínima de 15 anos, residentes em 187 municípios de 24 estados que compõem as cinco regiões brasileiras. As 125 perguntas formuladas envolviam questões de saúde, trabalho, lazer, sexualidade, educação, atividades domésticas, política, cultura e violência. A amostra se constituiu de 2502 entrevistas pessoais e domiciliares. Disponível em: www.fpabramo.org.br

³⁰ Em um breve resumo os tipos de violência doméstica contra as mulheres são: “**violência física** – empurrão, rasteira, mordida, tapa, soco, torção, corte, queimadura, golpes com objetos; **violência sexual** – ser forçada a fazer sexo, estupro; **violência psicológica** – ameaça, chantagem, xingamento, palavras humilhantes, desautorização; **violência patrimonial** – quebrar móveis e eletrodomésticos, atirar objetos pela janela, rasgar roupas e documentos, ferir ou matar animais de estimação” (Melo e Sanematsu, 2004, p.26).

Banco Mundial, as mulheres perdem um dia de trabalho a cada cinco por causa de problemas de saúde decorrentes da violência doméstica. Quando agredidas, elas faltam ao trabalho. Conseguindo sair de casa, carregam consigo dor e humilhação, apresentando queda na motivação e na produtividade.

No *Mais Você* do dia oito de maio, a chamada de Ana Maria Braga, no início do programa, para o julgamento de Antônio Pimenta Neves foi uma isca para fisgar a audiência, pois o fato só foi abordado no segundo bloco ³¹. Uma reportagem que focaliza a luta empreendida por João Paes Landim para colocar o assassino da filha Célia na prisão, antecede ao quadro que fala sobre a morte da jornalista Sandra Gomide. “Mas antes de eu conversar com a família (de Sandra), nós temos aqui um outro exemplo. É o caso de um pai, também em busca de Justiça. (...). É um exemplo de vida. Rodou”!

A matéria gira em torno da morte de Célia. A professora tinha dois filhos e estava grávida de quatro meses quando foi baleada pelo marido. Num tom de denúncia, a reportagem traz a reconstituição do crime, mostrado anteriormente no programa policial *Linha Direta*:

Domingos Meireles (apresentador): Célia e Antônio Carlos chegam em casa no meio de uma discussão. Motivo: o desaparecimento de uma fita de vídeo que Célia teve que pagar. Essa discussão banal, provocada por um motivo fútil é, segundo a acusação, a causa do crime. Fora de controle, Antônio Carlos aponta a arma para a mulher grávida.

Célia: Carlinhos, pelo amor de Deus...

Antônio Carlos: Repete, repete!

Narrador: Um disparo à queima roupa liquida a briga. Antônio Carlos foge.

O assassino se entregou 18 dias depois, alegando disparo acidental. O rapaz ficou preso oito meses e ganhou o direito de responder ao processo em liberdade. Temendo que o caso se encaminhasse para a impunidade, João Landim, já com 60 anos, decidiu fazer o curso de Direito para tentar colocar o ex-genro na cadeia. “Os casos se arrastam por longos anos. Eu falei: olha, vai dá tempo de fazer um curso de Direito.

³¹ O recurso do *zapping* propicia que o telespectador mude instantaneamente de canal (Sarlo, 1997) e o próprio ambiente, onde o aparelho se encontra, é um elemento capaz de desviar a atenção da audiência (Machado, 2001). Muitas vezes também as pessoas assistem à televisão, ao mesmo tempo em que realizam outras atividades (França, 2006a). Por isso, criar um clima de suspense, adiando a apresentação dos acontecimentos considerados de maior interesse, é uma estratégia comumente utilizada para se tentar anular ou diminuir a dispersão do público.

Nunca pensei em fazer justiça com as próprias mãos. De maneira nenhuma. Eu queria justiça pela Justiça”, diz o pai de Célia. Dedicado, João Landim debruçou-se sobre o processo e conseguiu juntar provas suficientes para que Antônio Carlos fosse preso novamente. Mas o rapaz havia fugido.

Então João Landim resolveu procurar o programa *Linha Direta*. Depois que a reportagem foi ao ar, ele recebeu a notícia de que o ex-genro estava em uma cidade da Bolívia. Mais uma longa batalha foi empreendida para que se conseguisse a extradição do rapaz. Antônio Carlos só foi julgado e preso nove anos depois do assassinato. João Landim desabafa: “Relativamente, ele pegou muito pouco tempo de prisão. Esse crime dá de 12 a 30. Ele pegou 16 anos e quatro meses”.

Acabada a reportagem, Ana Maria Braga vai caminhando em direção ao pai de Célia, que está sentado em torno de uma mesa com frutas, talheres e uma garrafa de café. “Eu tô aqui com o seu João. Bom dia seu João! Prazer em recebê-lo viu”? A entrevista transcorre com a apresentadora abordando os detalhes do inquérito, extradição e julgamento de Antônio Carlos. João Landim apresenta-se mais como advogado que como pai. Vestindo terno e gravata, ele usa expressões jurídicas como decurso de prazo, homicídio qualificado e crime hediondo. O vocabulário de Ana Maria também ganha um tom formal: “A gente tá querendo entender um pouco os meandros da Justiça, para que não nos sintamos ameaçados pela impunidade”.

Durante a conversa, a apresentadora faz inúmeros questionamentos que vão levando João Landim a contar as etapas do processo judicial de Antônio Carlos.

Ana Maria: Mesmo assim, o réu tem direito a essa liberdade (provisória)? Tá escrito isso na lei? O senhor acompanhou os passos desse rapaz ao longo desses anos? Fugiu? O senhor foi atrás? O senhor acha que sem o seu envolvimento ele seria extraditado? Até chegar ao julgamento, quanto tempo demorou?

As perguntas, feitas uma a uma, conduzem João Landim a relatar todo o trajeto que ele empreendeu para que o ex-genro fosse colocado atrás das grades. Assim, o foco central da matéria e da entrevista é a obstinação de João Paes Landim em conseguir que a justiça fosse feita. A vida de Célia não é relatada. A professora é apenas a vítima, apresentada para a audiência através de poucas fotografias. A passividade e o silêncio da moça diante da agressividade do marido no decorrer do casamento não são problematizados. Afinal, a violência doméstica não é uma expressão unilateral: ela se concretiza como uma realidade recorrente quando a vítima aceita permanecer nesse papel, o que parece ter acontecido no caso de Célia. As atitudes violentas do rapaz e seu

temperamento desequilibrado foram observados por várias pessoas que conviviam com o casal, conforme relata seu pai.

João Landim: Logo no início nós percebemos que tipo de pessoa que era o Antônio Carlos, agressiva, pessoa truculenta, por qualquer motivo se irritava, sempre demonstrando valentia. O caráter dele começou a vir à tona realmente, que tipo de pessoa que ele era. (...) Isso depois ficou muito mais patenteado no momento, após o crime. Então aí, as pessoas começavam a nos trazer notícias de que viam ele fazendo agressão nela, esbofeteando no meio da rua ou dentro do veículo, gritando com ela.

Em nenhum momento a reportagem usa o exemplo de Célia para falar sobre a necessidade das vítimas reagirem, denunciando o agressor. Ana Maria Braga também não comenta a falta de ajuda dos amigos ou vizinhos, que poderiam ter alertado os familiares da moça ou procurado os órgãos competentes. Assistentes sociais e psicólogos apontam para o fato de a violência doméstica estar ancorada na baixa auto-estima e silenciamento das vítimas, problemas que precisam ser abordados e tratados por profissionais especializados antes que a tragédia aconteça. “A violência doméstica ocorre numa relação afetiva, cuja ruptura demanda, via de regra, intervenção externa. Raramente uma mulher consegue desvincular-se de um homem violento sem auxílio externo” (Saffioti, 2004, p.79).

Ana Maria Braga encaminha a entrevista para o fim. João Landim conta que vai continuar advogando e a apresentadora encerra o quadro, chamando a audiência para o próximo bloco que será apresentado pelo *Mais Você*:

Ana Maria: Seu João, muito obrigada. Bom dia pro senhor! Eu vou dar um intervalinho comercial e volto já, já, com o seu João e a Regina Gomide! E mais uma pessoa que entende de lei, professor de Direito Civil e Penal, Dr. Luiz Flávio Gomes. Até já!

O programa retorna e Ana Maria Braga senta-se no sofá ao lado dos três convidados: o jurista Luiz Flávio Gomes, João Gomide, pai da jornalista assassinada e Regina, cunhada de Sandra. Logo no início da conversa, a apresentadora procura mostrar para o público o estado de saúde débil de João Gomide. “E o senhor já estava nessas condições físicas quando a Sandra recebeu o tiro”? Com os olhos baixos, o homem responde: “Não. Me deu diabete nervosa e me deu neuropatia, infecção nos nervos. Eu não tenho tato e não sinto as pernas”. João aparenta tristeza e se emociona ao falar da falta que sente da filha.

Mas a abordagem principal da entrevista é a morosidade da Justiça e a necessidade de se reformar o Código Penal brasileiro. Assim, as participações do pai e

da cunhada de Sandra, são pequenas. Na maioria do tempo, Ana Maria Braga se dirige ao jurista Luís Flávio Gomes. Como se falasse por sua audiência, a apresentadora demonstra indignação ao dizer que não compreende porque Antônio Pimenta Neves foi condenado e não está atrás das grades. “A gente queria entender a lei. (...). Então nós pedimos ajuda ao professor de Direito, pra que eventualmente a gente possa entender o que, que meandros são esses que permitem que um réu confesso, julgado, condenado, esteja solto”. Num discurso inflamado, o advogado explica.

Luís Flávio Gomes: Então, vamos lá! Porque os recursos que nós temos hoje nos nossos tribunais são muitos! O código é de 1940, código antigo! A constituição de 88 trouxe outros benefícios. Agora, esses casos, como uma morte no Brasil, deveria ser prioridade absoluta! (...). É caso de morte? Tem que parar os 600 mil processos que estão por lá! Pára tudo e diga: semana que vem julga este!

Em resumo, o advogado fala que as leis criminais estão ultrapassadas e que o Sistema Judiciário do Brasil necessita de modificações. Aproveitando o discurso de Luís Flávio Gomes, Ana Maria Braga olha para a câmera e lembra ao telespectador que as pessoas que podem colocar em prática o que foi dito pelo especialista são os governantes. “Você cidadão, todos nós nos sentimos de mãos atadas porque a gente não tem o direito legal de mudar nada”! Em seguida, a apresentadora chama a audiência a votar com consciência. “Porque você faz toda a diferença nesse processo! Pra gente não vê coisas como essa acontecendo nesse país! (...) Cê pode mudar isso! Cê pode”. Então, Ana Maria Braga agradece carinhosamente a participação do pai de Sandra e o bloco se encerra.

Novamente a apresentadora se esquivava de tratar a violência contra as mulheres de maneira profunda, trazendo pessoas que se dedicam ao assunto de modo a repercutir melhor o tema junto às telespectadoras. O apelo de Ana Maria para que os telespectadores participem do processo eleitoral ou os argumentos do advogado parecem colocar toda a responsabilidade no governo e na Justiça. É como se a questão fosse apenas legal. Tem-se a impressão de que somente os parlamentares e juristas podem conseguir evitar que pessoas do sexo feminino continuem sendo assassinadas pelos companheiros. “A diminuição da violência contra as mulheres não está relacionada à criação de novos tipos penais na legislação brasileira. Pesquisas de todo o mundo indicam que a existência de legislação mais severa não diminui a criminalidade de modo geral” (Saffioti, 2004, p.281). Dessa maneira, percebe-se que mesmo que as explicações de Luiz Flávio Gomes sejam didáticas ou que a persistência de João

Gomide e a história de João Landim sejam heróicas, o programa não apresenta uma abordagem preventiva sobre o tema.

No entanto, não se pode dizer que o *Mais Você* não deu espaço para um assunto importante para o grupo feminino. Apesar de não serem complexos, os quadros discutidos acima dão visibilidade às questões das mulheres, possibilitando que suas vozes sejam ecoadas no espaço social. Como no veículo televisivo o preço da produção e veiculação dos vários formatos é elevado, o tempo dedicado ao tema é um indicativo da importância dada à cobertura. Enquanto uma matéria do *Jornal Nacional* varia de um a três minutos, a reportagem de Célia teve a duração de sete minutos. Se ela for somada às duas entrevistas, verifica-se que a violência contra o sexo feminino foi tratada em 39 minutos, aproximadamente 55% do tempo total do programa. Assim, é possível dizer que a estrutura do *Mais Você* exibido no dia oito incorporou os conflitos e problemas das mulheres, apesar de ter havido superficialidade na maneira como foram abordados.

4.1.3 – Miriam e suas três filhas: a maternidade no *Mais Você*

Os programas que compõem o *corpus* da pesquisa, conforme dito anteriormente, foram ao ar na semana que antecedeu ao segundo domingo de maio, data em que tradicionalmente se festeja o dia das mães. Por isso, observou-se com frequência referências à maternidade. Além das mensagens, prêmios dirigidos às telespectadoras-mães, dicas de presentes e receitas para se comemorar a data, foi feita uma reportagem especial, cuja personagem principal, Miriam Araújo, é uma mulher representada, sobretudo, a partir de sua experiência materna.

Ana Maria: Nós vamos começar o programa de hoje, como a semana é das mães, né, e a gente não quer ser piegas, mas mãe é mãe, né? Mas tem uma mãe, que a gente resolveu homenagear hoje. Ela nem precisa de homenagem, que ela já faz da vida uma homenagem. (...). Eu vou chamá-la de “mãe-coragem”. A história dela, se você escutar com carinho, pode servir de mais um ânimo pro dia de hoje. De verdade! Rodou!

Miriam está constantemente sorrindo. Tem uma beleza suave e um jeito tranquilo de falar. Aparece brincando com três crianças num quintal amplo, ensolarado e cheio de flores. É assim, junto à natureza, que a maternidade, pouco a pouco, vai sendo apresentada pelas imagens aos telespectadores do programa. Finalmente, as palavras da moça dão a direção, indicam o sentido correto da história que a matéria irá contar.

Miriam: Eu sempre tive aquele sonho de ser mãe, mesmo quando garotinha assim, eu olhava bebês e ficava louca!

Repórter: Miriam conseguiu. Realizou o sonho. A cabeleireira de 36 anos, hoje cria três filhas numa casa tranqüila, em Itapicirica da Serra, na Grande São Paulo. Mas essa história poderia ter menos personagens, não fosse a coragem dessa mulher.

Na primeira gravidez, Miriam teve muitos problemas e quase perdeu o bebê. Mas apesar de prematura, a pequena Milena conseguiu sobreviver. A segunda gestação, também complicada, ocorreu num período tumultuado do casamento de Miriam. Assim, logo depois que a filha Érica nasceu, a moça se separou do marido. Tempos mais tarde, conheceu Adriano, um rapaz 12 anos mais novo, e passou a viver com ele. Mesmo fazendo uso de contraceptivos, Miriam engravidou novamente. Nesse período, descobriu que estava com um tumor cancerígeno no seio. Ainda tonta com o diagnóstico que havia recebido, soube que teria que fazer uma mastectomia e várias sessões de quimioterapia. Para não correr o risco de morrer, deveria iniciar um tratamento agressivo, interrompendo a gestação.

Repórter: Mas o coração de mãe falou mais alto! Ela decidiu ter a criança.

Miriam: Se eu engravidei tomando pílula, passei por uma separação e agora mais a doença, eu pensei: ‘existe algo pra mim e eu tenho que aprender com isso’.

Repórter: Ter esse bebê?

Miriam: Exatamente. Eu falei assim: ‘eu tenho que ter esse bebê’.

Mesmo sabendo que o câncer era metastático e que já estava espalhado pelo seu corpo, a moça seguiu firme na decisão de ter a criança. Assim, os ginecologistas controlaram a gravidez até os seis meses e meio, quando a filha Gabriela já estava minimamente preparada para nascer.

Repórter: Desafios, provações! Tudo ficou pequeno diante de um sentimento tão forte: o amor de mãe, que não enxergou limites para escrever essa história. Mas, a nossa guerreira ainda tinha que iniciar uma outra batalha, talvez a mais longa de todas. A coragem e a determinação que garantiram o nascimento das três filhas, a Miriam precisou recuperar. Dessa vez, para cuidar exclusivamente da própria vida.

Vinte dias depois do parto, a moça iniciou a quimioterapia. Hoje, Gabriela já corre para todo lado, mas Miriam ainda luta contra o câncer. A doença persiste e seu

estado de saúde é frágil. Há dois anos, ela passa por sessões semanais de tratamento que duram até seis horas.

Repórter: (...). Mas nem o sofrimento tirou dela a alegria de aproveitar cada instante ao lado das filhas!

Miriam: É uma vitória muito grande, muito grande. Eu aprendi a viver cada dia, como se fosse o último das nossas vidas.

A história chega ao final e Ana Maria Braga recebe Miriam no estúdio. A convidada, ligeiramente maquiada, aparenta serenidade. Ela se veste com elegância e está tão bonita quanto na reportagem. Sentadas no sofá da sala de visitas, as duas mulheres vão conversando, contando para a audiência a batalha que a moça está enfrentando para se curar.

Ana Maria: Você teve um problema também de metástase na coluna né?

Miriam: Então, Ana. Já é uma doença, que já está, assim, em estágio avançado. Então, tem no fígado, no pulmão, no rim. São metástases pequenas. O fígado é o que mais compromete. E na parte óssea também, a coluna inteirinha. (...). E pela surpresa médica, uma pessoa com todas essas metástases não podia tá fazendo as coisas que eu faço, trabalhando, usando salto alto.

A apresentadora aproveita a fala da moça para lhe fazer elogios. Diz que Miriam está linda³² e que não aparenta o sofrimento pelo qual está passando. Na maioria do tempo, Ana Maria enfatiza para a audiência a coragem, a determinação e a persistência da convidada, que batalha para continuar vivendo ao lado das filhas.

Ana Maria: Eu queria muito te conhecer, quando a produção falou a respeito da sua história. Você vive o dia de hoje com esse sorriso, essa intensidade! (...). Você tem filhas lindas! Eu queria muito te ver! Que bom que você existe, pra gente poder te ver, falar com você! Parabéns pela garra, pela força! E tenho certeza que você vai sair vitoriosa dessa grande batalha!

Miriam relata os momentos difíceis do seu cotidiano, mas afirma que faz planos e tem sonhos para o futuro. Ana Maria se emociona, relembra rapidamente que também já enfrentou o câncer no passado e incentiva Miriam a continuar lutando. Aos poucos, a

³² Lemoine-Luccioni (1995) liga a beleza à feminilidade, dizendo que por definição a mulher é bonita. A afirmação da autora é principalmente clínica, pois suas construções teóricas partem da fala de várias mulheres em processo psicanalítico: uma vez que a paciente se sabe feia ou se declara sê-lo, “não é mais mulher” (Lemoine-Luccioni, 1995, p.129).

entrevista se encaminha para o final e a apresentadora leva a convidada até a porta. Abraça a moça e despede-se, dando-lhe beijos nas mãos.

Ana Maria: Bons sonhos!

Miriam: Obrigada!

Ana: Feliz dia das mães para você! Venha cá, mamãe! Que os sonhos continuem!

Assim, a reportagem apresenta a maternidade como algo positivo, mágico, transcendente. É através do amor que sente pelas filhas que Miriam mantém sua alegria de viver e adquire forças para buscar a saúde tão desejada. No entanto, a maioria das feministas de todo mundo combate essa representação. Muitas delas alegam que se a mulher foi mantida numa posição de inferioridade social, subordinando-se ao homem no decorrer da história, isso se deve principalmente à sua capacidade de dar à luz.

Simone de Beauvoir (1980), por exemplo, afirma que a maternidade é uma ideologia masculina que, fundamentando-se na verdade inegável do organismo feminino ser capaz de perpetuar a espécie, provou às mulheres sua vocação ‘natural’ de ser mãe.

Com efeito, repetem à mulher desde a infância que ela é feita para engendrar e cantam-lhe o esplendor da maternidade; os inconvenientes de sua condição – regras, doenças, etc. – o tédio das tarefas caseiras, tudo é justificado por esse maravilhoso privilégio de pôr filhos no mundo (Beauvoir, 1980, p.256).

Muitas mulheres encontram na gravidez uma enorme paz. Sentem-se valorizadas e justificadas. Talvez isso aconteça, de acordo com a autora, porque durante a espera do filho, as mães não são objetos de desejo sexual, nem servas constantes. Como levam dentro de si uma promessa de vida, a sociedade lhes pede menos trabalho e esforço. Amigos, familiares e todos que a cercam passam a respeitá-la. Até seus caprichos, os chamados desejos, tornam-se sagrados e devem ser satisfeitos. Por isso, conforme Beauvoir (1980), a gestante precisa ficar atenta, pois mesmo sentindo-se confortável, completa, essa sensação é apenas ilusória. Na visão da autora, a gravidez é um drama que se desenrola entre a mulher e si mesma. O feto é uma parte do corpo da mãe e ao mesmo tempo é um ser parasitário que a explora. A mulher possui o bebê e é por ele possuída. Assim, a gravidez é um enriquecimento, mas também uma mutilação.

De maneira geral, no entanto, as mulheres só percebem que isso é verdade, assim que a criança nasce. De acordo com Beauvoir (1980), o bebê inflige à mãe uma dura servidão, fazendo-a enxergar que continua sem ter o domínio sobre o mundo ou

sobre o seu próprio futuro. Constatando que o filho não vai acrescentar-lhe nenhum valor, ela pode procurar compensar através da criança todas as suas frustrações. Nesse sentido, segundo a autora, além das boas mães, existem as tiranas, as sádicas, as masoquistas, as dominadoras e inúmeras outras. Ao citar essas várias classificações, Beauvoir (1980) visa provar que não existe o instinto materno, procurando fazer com que o sexo feminino desconfie, questione, olhe a maternidade com reservas.

É uma mistificação sustentar que a mulher se torna, pela maternidade, a igual concreta do homem. Falou-se também muitíssimo dos direitos sagrados da mãe, mas não foi como mãe que as mulheres conquistaram o direito de voto; a mãe solteira é ainda desprezada; é somente no casamento que a mãe é glorificada, isto é, na medida em que permanece subordinada ao marido. (Beauvoir, 1980, p.293)

Na contramão das idéias defendidas por Beauvoir, a feminista Yvonne Knibiehler (2007) acredita que a maternidade ocupa uma posição central na identidade feminina e está no coração da vida da maioria das mulheres. Segundo a autora, é necessário aceitar que existem diferenças entre os sexos no que diz respeito à procriação. Essa assimetria, a capacidade feminina de dar à luz, torna-se sagrada ao governar a reprodução da espécie. Por isso, assume um grande peso no plano simbólico e no inconsciente coletivo. Baseada na certeza de que são as mulheres que guardam o direito de vida e de morte na sociedade, a autora afirma que o feminismo precisa rever sua posição, pois seguiu um caminho equivocado ao desconsiderar o grande poder político existente na maternidade.

A maternidade pode ser um potente motor para o movimento de liberação das mulheres. Dessa forma, as razões de otimismo não faltam. No entanto, o feminismo ainda deixa muito a desejar. Isso se deve essencialmente ao fato de que a maior parte das feministas não ousa olhar a maternidade de frente (Knibiehler, 2007, p.300).

O movimento de liberação das mulheres insistiu num ideal de sujeito emancipado da obrigação materna, esquecendo-se de que o que convém à realização de uma pessoa do sexo masculino, pode não bastar a alguém do sexo feminino. Conforme Knibiehler (2007), se o feminismo soube auxiliar a mulher a não ser mãe, é preciso agora ajudar igualmente aquela que deseja sê-lo. Hoje, depois da possibilidade de contracepção e da legalização do aborto em alguns países, a maternidade pode se tornar um fardo mais pesado que em épocas passadas. Afinal, é a futura mãe quem decide, em última instância, se vai dar à luz. Mesmo se o casal estiver de acordo, é a mulher que vai parar de tomar pílula ou interromper a gravidez. Não existe mais arbitrariedade, é ela quem escolhe ter o bebê.

Para piorar a situação daquelas que querem engravidar, o código trabalhista organiza a atividade laboriosa das pessoas pressupondo que elas pertencem somente ao sexo masculino, exonerado socialmente das tarefas domésticas. Como são as mulheres que assumem sempre a maior parte do serviço de casa, a maioria das mães que trabalham fora do lar tem muita dificuldade em conciliar suas tarefas profissionais com suas responsabilidades maternas. Entretanto, grande parte delas não ousa nem mesmo queixar-se. Elas têm medo que sejam obrigadas a escolher entre o filho e a carreira.

Segundo Knibiehler (2007), são essas mães atormentadas que a sociedade precisa socorrer. Ao aceitar as pesadas responsabilidades maternas, a mulher não precisa renunciar aos momentos de felicidade tão intensa e breve que se passa entre a mãe e o bebê. Mas, conforme a autora, para que isso possa realmente acontecer, o feminismo, que soube trazer tantos progressos, precisa ser capaz de ajudar a mulher da contemporaneidade a se sentir menos angustiada ou solitária ao escolher conceber seus filhos.

4.1.4 – A culinária e o programa: alegria e invenção

No terceiro bloco de todos os programas que fazem parte do *corpus* analisado está localizado o quadro de culinária. O preparo dos pratos é bastante anunciado anteriormente, criando-se um clima de expectativa que visa atrair o público. As receitas são propagadas como fáceis e rápidas. Em quatro dias estudados, a própria Ana Maria Braga fez os alimentos. Isso só deixou de acontecer na quinta-feira, quando Serafina Checo ensinou o bolo Regina, um segredo da confeitadeira, segundo a apresentadora. Em dois programas, Ana Maria seguiu as sugestões dos telespectadores Gleson Moreira e Rosa de Souza. Quando a feitura do prato foi mais complexa, ela utilizou o quarto bloco para finalizá-la. Isso aconteceu por duas vezes.

No dia 8 de maio a receita posta em prática foi a de um *pirão sem farinha*, feito a partir de legumes cozidos em caldo de costela de boi. A carne, considerada de baixa qualidade no mercado, é barata e tem um ótimo sabor, conforme frisa a apresentadora. O prato foi criado pelo baiano Glason Moreira. Durante todo o quadro de culinária, o rapaz fala pelo telefone com Ana Maria Braga com o sotaque característico de sua terra.

Ana Maria: Ele é lá de Salvador. Ele contou uma história tão ótima!
Oi, Glason! Bom dia!

Glason: Bom dia Ana, que prazer! Me acordaram de madrugada! Me acordaram sete horas da manhã. Eu mereço... Sou baiano!

Glason é policial militar, casado e pai de Tauã. Ele tem 13 irmãos e conta que aprendeu a cozinhar observando a mãe preparar os alimentos. Ana Maria Braga mostra uma foto do rapaz e lê trechos da carta que ele havia enviado anteriormente para o programa, contando como a receita foi inventada.

Ana Maria: Ele disse que um dia desse ele tava em casa, dia de sofrimento, ele escreveu aqui, um feriado, sem um tostão no bolso, olhou pro armário e só tinha arroz, um resto de ensopado de carne, um pedaço de aipim, batata doce, batata, cenoura, chuchu, beterraba... Falou: e agora?

Diante dos suprimentos limitados, Glason não se abateu. Usando todo o conhecimento culinário que adquiriu com sua mãe, acabou por inventar o *pirão sem farinha*, prato muito elogiado pela apresentadora.

Ana Maria: Você não imagina, aí em casa, o sabor disso. Olha... Nós ficamos impressionados! Porque na falta de dinheiro dele, o aperto da vida, fez ele criar uma das coisas mais gostosas que eu já experimentei na culinária, em se tratando de pirão.

Então, a apresentadora começa a repetir a receita do rapaz, iniciando um trabalho tido socialmente como sem mistério, nem grandeza. Afinal, as práticas culinárias do dia-a-dia são consideradas como monótonas, repetitivas, desprovidas de imaginação e inteligência. No entanto, essa noção, que traz consigo a aceitação passiva de grande parte das mulheres, é combatida por Giard (2003). A autora afirma que o preparo dos pratos é executado numa montagem complexa, seguindo-se uma seqüência cronológica predeterminada. Mais do que isso, cada refeição exige uma capacidade inventiva para fazer mudanças quando, por exemplo, os amigos chegam de improviso, os ingredientes faltam ou as provisões são poucas, como foi o caso de Glason. “Portanto, entrar na cozinha, manejar coisas comuns é pôr a inteligência a funcionar, uma inteligência sutil, cheia de nuances, de descobertas iminentes, uma inteligência leve e viva que se revela sem se dar a ver” (Giard, 2003, p.220).

Inicialmente, Ana Maria Braga coloca na panela pequenos pedaços de costela de boi que são dourados, junto ao bacon já picadinho. Depois, bate no liquidificador os temperos que formarão o molho: tomate, alho, cebola, pimentão, cheiro verde, extrato de tomate e um pouco de água. Despeja tudo sobre a carne e fecha a panela de pressão. Num outro recipiente, onde a costela já estava previamente cozida, são colocadas batata,

cenoura, beterraba e mandioca. Quando os legumes ficam prontos são separados da carne e batidos no liquidificador, formando o pirão. Ana Maria põe numa travessa a carne e noutra o pirão. Depois do intervalo comercial, pega um prato, serve-se e acrescenta molho de pimenta. A câmara dá *close* no garfo que vai à sua boca várias vezes. A música é de suspense. De repente, ouve-se o “huuum!” , sinal de aprovação que se tornou uma das marcas características da apresentadora.

Ana Maria: Olha gente, é de comer sentado, ajoelhado, rezando aqui nesse pirão do Moreira!

Glason: Ana Maria, só huuum? Diga assim: deeeez!

Ana Maria: Chama os cachorros, Cezinha (nome do rapaz responsável pelos efeitos sonoros do programa)! Moreira, obrigada pela simpatia, pelo carinho, viu? Espero que os seus problemas financeiros te ajudem a produzir mais receitas com essa qualidade, com esse sabor, pra que ocê possa ganhar mais dinheiro também.

As expressões de prazer da apresentadora ao degustar a comida e seu veredicto final representam o ápice, o momento mais esperado do quadro de culinária. Ouvem-se ao fundo músicas de suspense e efeitos sonoros que imitam latidos de cães. Além do ruído produzido pela apresentadora, o “huuum!” aparece escrito em letras azuis que brincam, movimentam-se pela tela da televisão. Na maioria dos programas, Ana Maria se abaixa perto da mesa da cozinha, como se escondesse, para deliciar o prato preparado. Haveria nesse ato um resquício católico da culpabilidade, da presença do pecado junto ao prazer que as mulheres podem alcançar? O que ladram os cachorros? Um espectro, algo perigoso à segurança do ambiente doméstico? É possível. Mas, talvez os animais apenas guardem a dona da casa ou a cozinheira, protegem-nas daqueles que ainda insistem em negar-lhes os merecidos prazeres do corpo e da alma.

No preparo do pirão, o bom humor esteve muito presente. Mesmo participando através do telefone, Glason mostra ser uma pessoa singular. Não apresenta sua família, fala como se Ana Maria fosse uma velha conhecida e soubesse quem é seu filho Tauã ou sua esposa Geísa. Ele fala gírias regionais e parece ter orgulho da terra natal. O rapaz gosta de cozinhar e não tem vergonha do aperto financeiro. Faz graça e conversa com a apresentadora e com o louro José. Assim, além da alegria, o programa deixa no ar a sugestão de que é na falta, na carência da vida, que o cotidiano apresenta modos de fazer modestos que são “o lugar da inventividade possível do sujeito: invenções precárias sem nada capaz de consolidá-las, sem reconhecimento para enaltecê-las”. (Giard, 2003, p.217).

Nesse plano da criatividade culinária, desvalorizada culturalmente e invisível socialmente, as mulheres guardam, como de direito, um lugar especial. No decorrer da história, consagraram a maioria de seus dias aos serviços que visam à conservação da vida dos membros da família, tarefas que não deixam nenhum traço, pois quanto melhor o resultado, mais rapidamente será consumido. Sem negar o caráter efêmero dos resultados desse “saber-fazer”, o *Mais Você* apresentou, no dia 12 de maio, a receita da telespectadora Rosa. Diante do fato dos filhos serem vegetarianos, ela busca recursos variados para substituir a carne nas refeições da família. Mas, nas feijoadas que prepara, usando proteína de soja, sempre sentia falta dos torresmos, um acompanhamento tradicional do prato. Assim, acabou por descobrir uma maneira de fazê-los, utilizando o macarrão, um ingrediente inusitado.

Ana Maria: Rapaz! Esse negócio aqui é um trem bão demais da conta! Quando chegou essa receita aqui pra gente, veio por e-mail, pensamos: ‘não vai dar certo’! Como é que vamos fazer torresmo de macarrão’?

Rosa nasceu em São Paulo, mas mora hoje em Fortaleza. Simpática, a moça vai respondendo as perguntas da apresentadora e acompanhando a feitura do prato. O macarrão, do tipo parafuso, é cozido com tabletas de tempero com sabor artificial de bacon. Depois é escorrido e colocado para secar. Em seguida, é frito numa panela com gordura.

Ana Maria: Aí, você coloca o óleo em qual temperatura?

Rosa: Bem quente! Coloco um palito de fósforo. Quando o palito acende, sei que está na temperatura exata pra fritar.

A fala da telespectadora traz um saber antigo, aprendido no cotidiano das cozinhas e das mulheres. É um simples palito de fósforo que dá o sinal. Detecta-se, então, o momento exato em que os ingredientes devem ser lançados na panela. Segredos singelos e gestos elementares que no decorrer dos anos acabaram por constituir uma cultura culinária, passada de mão em mão, de geração em geração. Memória fragmentária, mas obstinada, originada da labuta de mães, cozinheiras e donas de casa. “Trabalhos de mulheres, sem horário, nem salário - salvo quando se é empregado de alguém. (...). Sim, um lento e interminável trabalho de mulheres”. (Giard, 2003, p.221).

A receita sugerida por Rosa chega ao final. Ana Maria prova o torresmo e parece se deliciar com o sabor. O barulho que o petisco faz em sua boca é ampliado para que a audiência possa escutar e comprovar o quanto está crocante. Os operadores das câmeras

e toda a produção também testam a receita. Assim, o programa finaliza com muitas risadas e o conhecido “huuum” pronunciado, desta vez, em coro pela apresentadora e as demais pessoas presentes no estúdio.

Segundo Giard (2003), os hábitos alimentares constituem um domínio em que a tradição e a inovação têm a mesma importância. O presente e o passado se misturam para satisfazer a necessidade do momento, as circunstâncias que o cotidiano apresenta. Foi exatamente isso que foi mostrado em uma matéria realizada em Sergipe e apresentada no dia 10 de maio. Quem participou da reportagem foi Jean Wyllys, o vencedor da quinta edição do programa *Big Brother Brasil*. O rapaz apresentou para a audiência uma cidade histórica, São Cristóvão, visitando seus principais pontos turísticos, como praças e museus. Mas, o ápice da matéria foi a receita de queijadinha, um quitute típico da cidade. Quem ensinou o segredo foi Dona Marieta. A receita, vinda de sua bisavó, foi sendo adaptada pelas mulheres da família e vem aliviando o aperto financeiro de quatro gerações.

Jean: Lá é o forno? A família tá toda aqui! (As mulheres batem palmas). Olha que recepção! Dona Marieta é verdade que essa receita tá na sua família há...?

Dona Marieta: Da nossa bisavó, pra nossa avó e pra nossa mãe.

Jean: É verdade que a senhora criou seus filhos vendendo queijadinha?

Dona Marieta: Vendendo queijada. Nunca tivemos emprego!

Cada mulher pode criar para si um estilo próprio, dar um toque especial, acentuando um determinado ingrediente em uma receita, acrescentando um outro, enfim inventando uma maneira pessoal de caminhar através do recebido, do já feito. Foi assim com Sefarina Checo. Enquanto ela vai preparando o *Bolo Regina*, Ana Maria Braga conta a história de sucesso da confeitadeira. Nascida pobre, ela sempre teve o sonho de fazer cursos de culinária. Como não tinha dinheiro, empregou-se em padarias até conseguir fazer um curso nos Estados Unidos. Depois de criar dois filhos com o dinheiro que ganha com a culinária, aos 51 anos de idade, ainda foi aprender a dirigir carros em meio ao trânsito tumultuado da cidade de São Paulo.

O *Bolo Regina* é um pão de ló com várias camadas de creme de baunilha. Em cima dele, Serafina coloca uma camada de *carolinas*, espécie de biscoitos recheados com chantilly, e então os recobre com fios de glucose. O ingrediente é dourado numa panela e ganha a aparência de mel. Ela vai mergulhando um instrumento de madeira

com vários pregos de aço, que Serafina batizou de *pente de torta Regina*, no recipiente onde se encontra a glucose. Com habilidade artística, deixa que o ingrediente escorra através dos pregos e caia por cima do bolo já pronto. Formam-se inúmeros fios dourados que endurecem assim que esfriam. Assim, Serafina elabora uma espécie de teia que ao recobrir o bolo, dá-lhe uma aparência bela e reluzente.

Ana Maria: Agora nós vamos fazer esse fio que tem em cima, porque é esse o milagre que eu quero ver acontecer!

Serafina: Os fios de ouro, né?

Ana Maria: Agora nós vamos saber qual é o milagre... Olha que beleza! Loro do céu! Nunca tinha visto fazer isso. Olha, eu já fiz fio de ovos, mas esse! Essa Torta Regina! Olha que coisa! Parece aranha mesmo! Menina olha o embrulho que cê faz! Louro do céu! Que lindo! É lindo, viu?

O Louro José tem presença marcante na feitura dos pratos. Empoleirado na janela da cozinha, conversa com a apresentadora e com os convidados. Lembra a quantidade exata dos ingredientes, fala o tempo certo de preparo dos alimentos, faz graça e ri. No final do bloco, mostra-se impaciente, como uma criança, para provar a receita que ficou pronta. Assim, foi possível notar que Ana Maria Braga, o Louro José e a convidada riem constantemente. O clima é de bom humor, satisfação.

De modo geral, tem-se a impressão que a cozinha do *Mais Você* é um lugar de invenção e felicidade. As gargalhadas freqüentes durante a feitura dos pratos confirmam o pensamento de Giard (2003). Segundo a autora, o trabalho nas cozinhas é uma maneira de unir matéria e memória, vida e ternura. Por isso, as boas cozinheiras jamais são pessoas tristes. “Elas trabalham para fazer nascer a alegria do efêmero, nunca deixam de celebrar as festas dos grandes e dos pequenos, dos sensatos e dos insanos, as maravilhosas descobertas dos homens e das mulheres” que compartilham a existência no mundo (Giard, 2003, p.296-297).

4.1.5 – O cotidiano no *Mais Você* : a renovação e a criatividade

O cotidiano é o que os seres humanos assumem a cada manhã ao despertarem. É um peso, aquilo que lhes oprime ou pressiona todos os dias. Mas também é o que fornece alegria e esperança, fazendo com que eles continuem sonhando, lutando por um futuro melhor. Portanto, falar do cotidiano não é tarefa fácil. Sua significação é abrangente, pois “acolhe as rotinas dos indivíduos em várias instâncias da vida na

família, no trabalho, no convívio com o outro, incluindo as dificuldades diárias” (Bretas, 2006, p.29).

A experiência cotidiana é composta por hábitos e manifesta-se de modo regular na vida de muitas mulheres: dormir, levar as crianças à escola, preparar as refeições, comer, fazer compras e cumprir as várias atividades profissionais fora do lar. O elemento comum dessas ações é o ritmo fixo, a repetição trazida pela rotina. Por isso, conforme Heller (1992), “a vida cotidiana, de todas as esferas da realidade, é aquela que mais se presta à alienação” (Heller, 1992, p.37). Nessa visão, na sucessão das ações diárias, as pessoas se orientam através de um saber fazer conhecido, assimilado, cumprindo suas obrigações e seus papéis, já definidos de antemão por normas sociais dominantes que visam ao conformismo. De acordo com a autora, na medida em que os seres humanos as assimilam, desejando uma vida tranqüila, sem conflitos, eles reforçam mais ainda o não questionamento da realidade existente em seu entorno.

Mas, mesmo que a concepção marxista de Heller (1992) ressalte que o cotidiano é potencialmente capaz de levar os indivíduos a uma atuação acomodada numa sociedade de classes, não existem meios capazes de definir rigorosamente a rotina das pessoas. Além de a realidade ser repleta de imprevistos, há uma margem de movimento para os sujeitos. Assim, o dia-a-dia pode admitir o novo e se tornar um tempo pleno de possibilidades. “O cotidiano é atravessado pelos contrários, e é essa ambigüidade que constitui a substância da experiência (...). Essa é a vida cotidiana – marcada pela tensão entre a diferença e a semelhança, o indivíduo e a massa” (França, 1996, p.108). Nessa visão, a antiga rotina também se torna vivência, uma experiência que acolhe o surpreendente, o não esperado e o tempo presente, “não enquanto presente absoluto, mas um presente que se renova a cada dia, na forma de outro presente” (França, 1996, p.104).

Baseando-se no dia-a-dia das mulheres, o *Mais Você* aborda as tarefas frequentemente realizadas pelo sexo feminino, como a culinária. Também trata de elementos importantes na vida diária de muitas mulheres: a religiosidade, a casa e a maternidade. Mas, assim como o cotidiano, o programa também se abre às surpresas ou aos acontecimentos inesperados. Temas que giraram em torno das viagens, por exemplo, que fazem exatamente com que as pessoas descansem do trabalho, da escola ou do trânsito, saindo da rotina, ocuparam o segundo bloco no dia 11 de maio. O convidado foi Zizo Asnis, um rapaz de 38 anos que passou a metade da vida nas estradas e pontes aéreas.

Durante a conversa com Ana Maria Braga, ele vai dando dicas dos melhores lugares, comidas e trajetos nos diversos países que conheceu mundo afora. Zizo escreveu alguns livros, guias de viagem, partindo da sua experiência como hóspede em *campings*, albergues e hotéis de preços mais acessíveis para turistas brasileiros. Com poucos recursos financeiros, fala das atividades profissionais que precisou realizar no estrangeiro para custear suas viagens.

Ana Maria: Agora, você deve ser muito rico, né? Quantos anos seguidos você viajou?

Zizo: Desde os 16 anos, eu viajo sozinho. Comecei acampando, em Santa Catarina, depois vim pro Rio, depois fui pra Europa.

Ana Maria: Mas ocê sempre foi muito rico pra fazer tudo isso?

Zizo: Não. Tudo foi como experiência cultural. Queria ir atrás de conhecimento, queria conhecer outros países...

Ana Maria: Mas tu trabalha quando meu filho?

Zizo: Eu trabalho com isso. Trabalho com os guias. Mas a primeira viagem que eu fiz pro exterior, eu tinha 20 anos de idade. Fui com pouquíssimo dinheiro. Pouquíssimo dinheiro mesmo! Fiz bem mochileiro, economia radical! Cheguei lá e em pouquíssimo tempo o dinheiro acabou. Então, comecei a trabalhar. Aqui eu estudava publicidade, lá fui ser lavador de prato, fui garçom, fui cozinheiro. Quer dizer: a gente se vira! Aí, fiz uma graninha, consegui juntar um dinheiro na Inglaterra, em Londres. O meu trabalho em Londres foi que me propiciou circular pela Europa pela primeira vez.

Ao falar de passeios turísticos, o programa também aproveita para dar dicas de como arrumar as bagagens de maneira rápida e racional. Assim, o *Mais Você* trata de uma atividade presente no cotidiano feminino praticamente nos finais de semana prolongados ou férias. Quem participa da reportagem é Laura Bortoloni, uma profissional que ganha a vida organizando casas e escritórios, ajudando os proprietários a aproveitar melhor os espaços internos e os armários.

Ana Maria: Você sabe arrumar uma mala, falando nisso? Vai viajar aí no dia das mães? Vai levar mamãe pra passar o fim de semana fora? O que levar na mala? Como guardar? Como trazer de volta? Como ganhar espaço? Então, ninguém melhor que a Laura pra contar pra gente como é que cê pode fazer uma mala. Ser feliz pra viajar! Rodou!

Repórter: Para simplificar a vida na hora de fazer as malas, a primeira dica que a consultora Laura Bortoline dá é: deixe a cama livre e libere o espaço para poder separar as peças que vai levar na viagem.

Laura: É muito importante: se você vai passar dez dias, divida por dois, é a base do que você vai levar. Então dez dias: cinco pares de meia, cinco cuecas, cinco calcinhas, cinco sutiãs. Mas o básico é dividir por dois... E nunca se preocupar que você vai tá repetindo uma roupa! Você não conhece ninguém mesmo! Vão a lugares diferentes... Não tem a menor importância!

Mas, mesmo as tarefas mais rotineiras, segundo Certeau (2005), comportam, sobretudo, a invenção. Os sujeitos, conforme o historiador, elaboram na vida cotidiana táticas que promovem a reapropriação de representações, fundando-se, sobretudo, nas ocasiões oportunas. Essas ações dos indivíduos caracterizam a sua oposição à conformação e à dominação na vida diária. Ao contrário de banais, são pequenos gestos que levantam questões sobre um saber fazer criativo, dotado de resistência.

Certeau julga que o conhecimento cotidiano das pessoas não é racional ou consciente. “Trata-se de um saber não sabido. (...). Trata-se de um saber sobre o qual os sujeitos não refletem” (Certeau, 2005, p143), mas que se materializa em formas expressivas, possibilitando que sejam captadas e estudadas. Ao conferir um estatuto de objeto teórico a essas práticas, Certeau (2005) as analisa num projeto de investigação que tenta apreender a vida cotidiana a partir de ações, frequentemente possuidoras de invisibilidade social.

De acordo com o autor, nos conflitos cotidianos há alguns indivíduos mais fortes, dotados de terreno institucional, e muitos outros desprovidos de um lugar próprio, mas detentores do tempo, que, usado com astúcia, intervém no espaço.

Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos. (Certeau, 2005, p.103-104).

A partir dessa ótica, as participantes do *Mais Você* são classificadas como constituintes de uma categoria que Certeau (2005) batizou de sujeitos ordinários, gente simples, mulheres comuns. Por isso mesmo, agem num mundo de hegemonia masculina que lhes dá pouco espaço ou importância social. Mas, o programa lhes oferece uma oportunidade para que possam praticar ações táticas no decorrer das matérias e entrevistas. Assim, elas constroem-se um tempo próprio, tornando públicos seu cotidiano, seus afazeres, suas dúvidas e sofrimentos. Conseguem relatar suas histórias, falam de seus anseios, de suas dificuldades e afetos.

Em sua densidade paradoxal, esta palavra destaca a relação de forças que está no princípio de uma criatividade intelectual tão tenaz como sutil, incansável, mobilizada à espera de qualquer ocasião, espalhada nos terrenos da ordem dominante (Certeau, 2005, p.102).

Através de gestos femininos simples e efêmeros, as convidadas do programa se tornam capazes de divergir e atualizar as representações tradicionais que não apontam liberdade e possibilidades ao sexo feminino. Lílli não tem os dois braços e nunca pôde freqüentar uma escola. No entanto, escreveu um livro no qual relata sua coragem e autoestima. Miriam é portadora de uma doença fatal, mas é repleta de futuro. Serafina Checo ou Dona Marieta ganharam fama e dinheiro realizando uma tarefa feminina, a culinária, considerada de baixo valor cultural. Nesse sentido, o *Mais Você* se afasta das concepções que o definem como um programa a serviço da dominação masculina. Os relatos de vida dessas mulheres de classes sociais menos abastadas instauram pluralidade e criatividade, constituindo-se, portanto, como inversões, mesmo que pequenas, na ordem das forças sociais hegemônicas.

4.1.6 – Espaço doméstico: a casa como sinônimo de lar

O ser humano é um nômade que se desloca na imensidão física do mundo que o rodeia. Durante toda a vida, percorre incessantemente pequenas ou longas distâncias. Com a urbanização trazida pela Revolução Industrial, grande parte da humanidade tornou-se habitante das cidades. Assim, vai-se à escola, ao trabalho ou ao supermercado. Enfrenta-se o tumulto do trânsito e a violência das ruas. No entanto, homens e mulheres sempre retornam, recolhem-se ao lar, na eterna busca da estabilidade física e emocional. Por isso, a casa pode ser definida como um canto do mundo onde as pessoas tentam se proteger no dia-a-dia da insegurança presente em seu entorno.

Quanto mais o espaço exterior se uniformiza na cidade contemporânea e se torna constrangedor pela distância dos trajetos cotidianos, com sua sinalização obrigatória, seus danos, seus medos reais ou imaginários, mais o espaço próprio se restringe e se valoriza como lugar onde a gente se encontra enfim seguro (Certeau e Giard, 2003, p.206).

A casa, definida racionalmente pela engenharia como um objeto geométrico, um conjunto de vigas bem encaixadas, onde a linha reta predomina, é vista por Bachelard (2000) como um espaço de conforto e paz. Para o filósofo francês, a morada defende,

guarda, protege aqueles que a habitam. Descrevendo-se em meio á borrasca impiedosa, ele representa a casa como um espaço portador de uma segurança quase uterina.

Tudo se vergou sob o choque impetuoso; mas a casa, flexível, tendo-se curvado, resistiu à fera. (...). Por mais que atacassem as janelas e as portas, pronunciassem ameaças colossais ou trombeteassem na chaminé, o ser agora humano em que eu abrigava meu corpo não cedeu à tempestade. Naquela noite ela foi realmente minha mãe. Eu só tinha a ela para me proteger e amparar. (Bachelard, 2000, p.61).

Trilhando o mesmo caminho, Silverstone (2002) também procura dar um status de lar para a casa. Segundo o autor, falar do ambiente doméstico é dizer de um espaço com profunda carga psíquica. “Um lugar com fronteiras para definir e defender. Um lugar de regresso. Um lugar do qual ver o mundo. Privado. Pessoal. Interior. Familiar”. (Silverstone, 2002, p.167). Essa concepção que adquire mais significado sendo abordada como o antônimo de público, exterior ou estranho, também se faz presente na mídia.

Conforme Silverstone (2002), a televisão fornece representações poderosas e insistentes do que é estar em casa. Mas, se a audiência percebe e é afetada por essas imagens, ela também “as devolvem ao mundo na forma de representações” (França, 2004, p.19). Assim, não interessa aqui perguntar se são as concepções saídas da TV que influenciam as telespectadoras ou se são as impressões construídas por elas que agem sobre o *Mais Você*. É mais importante para esta pesquisa tentar compreender como se dá essa interação realizada entre a casa fictícia apresentada pelo programa e a casa real das entrevistadas, pois pode ocorrer na negociação simbólica que se dá entre essas representações tanto convergências como divergências.

Ao se apropriar de tarefas, elementos e características do cotidiano doméstico de muitas mulheres, o programa *Mais Você* constrói imagens de lar³³. Dona Marieta conta para a audiência os segredos da feitura das queijadinhas do interior de sua cozinha. Miriam relata sua história sentada em seu quintal. Lílli é filmada costurando, cozinhando ou limpando, dentro de sua casa. E é também falando num cenário³⁴ que imita o ambiente doméstico que Ana Maria se apresenta, interpela o público e entra no lar da telespectadora, chamando-a para começar o dia: “Acorda menina, vem cá”!

³³ Segundo Brandão (2006), a casa e a mulher são temas tradicionalmente associados nos mitos e na literatura. Ao estudar a personagem feminina nos romances ou contos, a pesquisadora se debruça sobre a *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, pois a obra “traz na imagem da casa e na série de metáforas ligadas a ela a corporificação da feminilidade” (Brandão, 2006, p.160).

³⁴ Conforme foi abordado no capítulo 2, no cenário do programa *Mais Você* foram observados oito espaços diferentes. Na decoração, notou-se a presença de móveis de *designers* famosos e eletrodomésticos luxuosos.

No programa, como no ambiente doméstico, o tempo escoar devagar, sem sobressaltos. As entrevistas e as atividades realizadas seguem uma frequência constante, sem situações de tensão. O ritmo lento da voz da apresentadora só é interrompido pelo Louro José que dá opiniões e conta piadas. Assim, tem-se a impressão de que o mundo lá de fora não invade a casa da telespectadora. Pelo contrário, os perigos são mantidos no batente da porta.

Mas, às vezes a casa pode se expandir. Se não o fizer esporadicamente, segundo Certeau e Giard (2003), corre o risco de tornar-se uma tumba, um espaço privado onde a vida não circula. Assim, a morada deve se abrir, tornando-se um lugar de passagem, de circulação permanente, onde vão se cruzar pessoas, palavras e idéias. Pois, a vida cotidiana também é mobilidade, mudança e relação com o outro. Ana Maria Braga empreende essa tarefa. Ela faz o mundo entrar na sua casa fictícia, ampla e bem mobiliada, chamando as matérias ou os convidados. E num *continuum*, permite que pessoas, objetos e opiniões adentrem-se nos barracos reais das entrevistadas através da grande janela que é a tela da TV.

4.2 – A apresentadora e sua performance

A maneira como Ana Maria Braga se mostra todas as manhãs para sua audiência constitui um elemento empírico capaz de ajudar a pesquisa a tentar compreender como as representações em torno da mulher são produzidas, apreendidas e atualizadas na interlocução que se estabelece entre a apresentadora e as telespectadoras que compõem o *corpus* desta investigação. Afinal, Ana Maria Braga ocupa um papel central no programa, interpelando o público com loquacidade, simpatia e bom humor. No decorrer dos quadros, ela aparece sentada ou deslocando-se entre os vários espaços que compõem o cenário. A apresentadora também se apresenta de pé, enquanto prepara as receitas culinárias, chama as matérias e principalmente quando conversa com a audiência, utilizando uma linguagem coloquial para fazer perguntas e comentários.

Quanto ao figurino, Ana Maria não procura mostrar um estilo demarcado. Aparece vestida de modo clássico, mas também usa roupas da moda. No entanto, a maquiagem, o corte e o tom do cabelo não apresentam variações. Ela costuma colocar brincos pequenos e uma corrente fina no pescoço. Na maioria dos dias, seu vestuário compõe-se de três peças: calça comprida, camisa ou blazer sobre uma camiseta. Mas, no mês de maio, apresentou-se também com saia e vestido longos e estampados, seguindo uma tendência da estação, bastante enfatizada pela novela *Belíssima*, da Rede Globo,

principalmente através da personagem Vitória. Em vários programas, a apresentadora usa um *écharpe*, que ora coloca em torno do pescoço, ora sobre os ombros. No momento de preparar a receita, Ana Maria retira o acessório.

De acordo com Goffman (1996), não apenas os atores, mas os seres humanos de um modo geral estruturam seus desempenhos para impressionar as platéias. Segundo o sociólogo norte-americano, as pessoas buscam se mostrar aos semelhantes, apresentando os vários aspectos do eu. “Venho usando o termo ‘representação’ para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (Goffman, 1996, p.29).

Nessa concepção, a vida social é uma constante representação de personagens ou papéis. Os sujeitos produzem imagens sempre buscando seduzir ou fisgar seu interlocutor. Ao estudar essas encenações, o autor usou o conceito de *fachada* para definir o conjunto de dispositivos que as pessoas mostram ou tornam visíveis quando se projetam diante dos demais.

Será conveniente denominar de fachada à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante a representação (Goffman, 1996, p. 29).

Para performar bem suas encenações, influenciando, convencendo os outros participantes, os sujeitos precisam compreender a estrutura e a organização do que Goffman denomina de *situação*: o momento do encontro ou da interação. A partir desse entendimento, a pessoa seleciona a fachada mais apropriada para a ação específica que irá empreender frente aos seus parceiros. Em outras palavras, ao se representar, o indivíduo mostra aos semelhantes o comportamento que ele espera dos demais. Mas a pessoa também define a fachada adequada a partir das impressões que seus interlocutores lhe causam por meio de suas ações. Assim, o autor indica que as autoencenações são construídas e guiadas a partir da relação com o outro, destacando a importância da presença dos indivíduos na configuração das imagens.

Duas instâncias constituem a fachada: *o cenário* - a mobília, a decoração - e a *fachada pessoal* que é composta pela *aparência* - roupas e outras pistas que revelam o status social dos atores - e pela *maneira* que são os modos de agir. A partir de uma

relação harmoniosa entre esses três elementos, concebem-se os tipos ideais, as representações que se encaixam mais adequadamente num determinado papel social. Num breve resumo, as representações coletivas ganham forma quando a coerência entre os componentes da fachada passa a fazer parte do imaginário das pessoas, criando-se as imagens, os estereótipos ou clichês.

Segundo Goffman (1996), como as fachadas são estruturas fixas e pouco mutáveis, dificilmente novos papéis são constituídos. Dessa maneira, o indivíduo costuma selecionar representações mais consolidadas ao performar suas ações, pois sabe que aquela imagem social corresponde à expectativa do público. Ao encenar personagens ideais, as pessoas buscam ter maiores chances de serem aceitas pela sociedade.

Embora Goffman (1996) não trate a questão das representações especificamente no âmbito midiático, seus estudos podem fundamentar o desenvolvimento desta pesquisa. As concepções do autor ajudam a pensar que as maneiras de agir da apresentadora, seu figurino e o cenário³⁵, com seus vários ambientes, são elementos que constituem a natureza teatral do comportamento de Ana Maria frente às telespectadoras. Resta saber como ela encena sua personagem no *Mais Você*, modelando suas atitudes de modo a agradar sua audiência.

De maneira geral, percebe-se que a apresentadora procura performar o papel de amiga. Ela fala usando um tom amistoso, buscando um efeito de proximidade e informalidade: “Acorda menina, vem cá”! Todas as manhãs, Ana Maria Braga chega como uma velha conhecida que já não precisa de permissão para invadir a intimidade da morada. Pois a casa é “um lugar próprio que, por definição, não poderia ser o lugar de outrem. Aqui todo visitante é um intruso, a menos que tenha sido explícita e livremente convidado a entrar” (Certeau e Giard, 2003, p.203). Nesse horário, muitas camas ainda estão por fazer e as louças desorganizadas sobre a pia dão um ar de bagunça à casa. Mas a apresentadora pode presenciar tudo isso. Afinal, entre mulheres a palavra “menina” é um jeito carinhoso de se nomear as amigas, é o início das tagarelices e das fofocas tão singulares ao território feminino: “Menina, você viu o que aconteceu”? Ou ainda: “Menina, nem te conto”!

Representando também o papel de dona de casa, de anfitriã, a apresentadora recebe especialistas e profissionais famosos quase sempre no espaço que imita uma sala

³⁵ O cenário do *Mais Você* está detalhado no capítulo 2, no item 2.2.1.

de estar: “Oi, Emanuela! Tudo bem? Bem vinda”! Ou ainda: “Tudo bem, Ocimar? Prazer em recebê-lo, viu? Uma delícia te conhecer, assim, de pertinho”. Assentada no sofá, ela conversa com telespectadores, pessoas comuns e artistas que narram histórias de vida marcantes ou interessantes: “Ele não é baiano! Mas é uma visita porreta! É meu amigo há anos! Pery Ribeiro”!

Na cozinha, Ana Maria Braga procura preparar pessoalmente as receitas, degustando-as quando ficam prontas. Assim, comprova para sua audiência suas habilidades culinárias. A apresentadora é ágil na feitura dos pratos e mostra ter familiaridade com os ingredientes.

Ana Maria: Você sabe que a costela de boi é uma das melhores carnes? Não se sabe direito porque se fala ‘carne de segunda’, porque na verdade as ‘segundas’ são sempre as ‘primeiras’ no sabor. É o caso dessa costela aqui! É uma delícia!

No decorrer dos programas, Ana Maria Braga encena o papel de mãe. Ela está sempre trocando idéias com o Louro José. O mascote age como uma criança ou um filho jovem que brinca, conta piada e dá boas risadas. No dia 9 de maio, ela se referiu ao Louro dizendo: “Esse pedaço de pudim vai de presente para esse espetáculo de filho... Isso é um neném! Não é um presentão? De mãe pra filho”? A apresentadora conversa e acaricia Belinha, que passeia pelo cenário ou cochila durante as gravações. Num dos programas, Ana Maria convidou a cadela a subir na poltrona, onde ela estava sentada, para juntas ouvirem a anedota que o Louro José, “irmão de Belinha”, iria contar³⁶.

A atitude maternal também é visível com relação aos convidados. No dia 8 de maio, ao encerrar a entrevista que abordava o julgamento de Antônio Pimenta Neves, a apresentadora agradece a participação do pai de Sandra Gomide. Demonstrando uma postura de cuidado, de preocupação para com o pai da moça, Ana Maria diz: “E eu queria que o senhor tivesse um pouco mais de paz em seu coração porque senão, o senhor vai se matar. Ele (Antônio Pimenta) não vai matar uma pessoa só! Ele vai matar mais gente dessa família! E o senhor não pode permitir que isso aconteça!” João Gomide chora e Ana Maria aproveita para afagar-lhe o rosto e acariciar seu braço. Como se fosse uma pessoa íntima, próxima da família, ela aparenta tomar a dor do homem para si e pede, num tom maternal, para Regina cuidar da saúde do sogro.

A religiosidade explicitada no *Mais Você* através da prece da camponesa de Madagascar ou da história de Lílli, pode ser observada nas falas de Ana Maria. Ela

³⁶ Na vida real, a apresentadora tem um casal de filhos: Pedro e Mariana.

pronuncia o nome de Deus em frases salpicadas aqui e ali durante todos os programas, demonstrando sua relação com a fé. Quase sempre, despede-se de seus convidados, dizendo “Vai com Deus”, como o fez com Mirian, ou lhes agradece a participação: “Agradeço a Deus por essa oportunidade de estar aqui com a senhora”, diz para Lílli. No dia 11 de maio, no final do quadro de culinária, a apresentadora elogia a “doação” da convidada Serafina Checo que, segundo ela, ao ensinar o preparo da Torta Regina, dividiu com o público um segredo de confeitaria: “Deus lhe pague, muito obrigada! Parabéns pela vida e pelo exemplo”!

Segundo Goffman (1996), quando um indivíduo encena um papel para seus semelhantes, ele tende a incorporar em sua performance valores já consolidados para que sua atuação seja bem sucedida. “Quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais que o comportamento do indivíduo como um todo” (Goffman, 1996, p.41). Na medida em que uma representação ressalta as imagens cristalizadas, ela faz com elas permaneçam vivas na sociedade, atualizando-as ou reafirmando-as.

No entanto, ao considerar que os papéis desempenhados pelos sujeitos são fixos, previamente definidos, constituindo uma espécie de ordem social estática, os estudos do sociólogo são pouco sensíveis às dinâmicas da vida, aos significados construídos no momento em que as interações ocorrem entre as pessoas. Segundo França (2004), é necessário observar que as representações são móveis, estão constantemente sendo apreendidas e modificadas pelos sujeitos nas diferentes épocas e culturas. Elas também podem espelhar vivências específicas dentro de determinadas conjunturas sócio-econômicas.

Por isso, ao tentar capturá-las na interlocução comunicativa que se dá entre o *Mais Você* e as entrevistadas, esta investigação precisa estar atenta, pois as imagens e clichês guardam um caráter de reflexividade. Elas são produzidas no bojo da sociedade e ao mesmo tempo dinamizam e condicionam as práticas humanas. Assim, a apresentadora em sua casa ficcional constrói representações de mulher que podem conformar concepções hegemônicas, fixadas pela ordem masculina; nessa interação entre as imagens construídas por Ana Maria e aquelas constituídas pelas telespectadoras podem ocorrer concordâncias ou divergências.

Capítulo 5 – A fala das telespectadoras: (re)configuração de sentidos na vida de algumas mulheres

5.1 – As entrevistadas, a fé e a religiosidade

No capítulo anterior, a representação das mulheres em sua relação com o sagrado nos programas analisados foi abordada no tópico *A fé e a religiosidade no Mais Você*. Para se compreender, no entanto, como essas imagens são apropriadas e atualizadas na interlocução que se dá entre o programa, sua apresentadora e as telespectadoras é preciso buscar pistas na fala das entrevistadas, sinais que possam auxiliar a pesquisa a compreender como a religião está presente no dia-a-dia de cada uma delas. Só assim será possível entender a forma como o cotidiano feminino real e aquele mostrado pelo *Mais Você* são construídos e as maneiras através das quais eles se relacionam no movimento constante da produção de sentidos que se estabelece numa interação comunicativa.

Lembrando que na relação das representações mostradas pela TV e as existentes na realidade concreta das telespectadoras pode haver, de acordo com Hall (2003), negociações simbólicas, faz-se necessário observar principalmente os momentos de re-significação de sentidos por parte da audiência. Se o *Mais Você* pode reiterar visões de mundo cristalizadas, o programa também pode abrir campos de sentido, auxiliando o público feminino a se localizar mais livremente na contemporaneidade. Conforme Woodward (2003), os discursos e os sistemas de representações constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. “A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (Woodward, 2003, P.17).

Resgatando as idéias de Clément e Kristeva (2001), é na religiosidade, nos cultos e rituais que inúmeras mulheres, no passado e no presente, vêm encontrando uma fresta através da qual conseguem expressar pensamentos, aliviar sofrimentos e tocar a vida adiante. Segundo as autoras, muitas bruxas e santas foram pessoas subversivas, não conformistas, que podem ser consideradas no seu conjunto como um grupo de mulheres que contribuiu para que o feminino se insinuasse na ordem social, contrariando os pressupostos de serem naturalmente pertencentes a um sexo passivo e dócil.

Algo da relação que essas mulheres estabeleceram com o sagrado passa pela materialidade de seus corpos. É como se a carne e a alma femininas fossem misturadas, de maneira intensa, manifestando-se na história de algumas mártires como uma espécie de êxtase nos encontros espirituais que elas diziam ter com Deus. Também, afirmavam os inquisidores, as feiticeiras conseguiam se elevar por sobre o teto dos moinhos, montadas em suas vassouras. Assim, para além das clivagens do bem e do mal, os vôos, os desfalecimentos, as vertigens, as sínopes ou os transe, conforme as autoras, são uma revolta instantânea que atravessando o corpo feminino deixa que ele escape do espaço social e passe para um território ilimitado, que é próprio do divino. “Sair do corpo, embora se faça uma viagem, é apenas sair do ritmo da vida coletiva, estar em vigília em vez de estar dormindo, sair quando tudo está fechado” (Clément e Kristeva, 2001, p.164).

Pensar que assim algumas mulheres se refazem de um passado, gravado na memória, ou de um presente difícil de ser vivido, é uma possível razão para Rose (provavelmente a entrevistada com a história mais sofrida dentre as demais) dirigir-se aos encontros que acontecem nas terças-feiras na *Igreja Universal do Reino de Deus*, também chamada pelos pastores e fiéis pelas iniciais *IURD*. Rose frequenta as *Seções de Descarrego*, que são rituais de exorcismo e cura tidos como uma “limpeza espiritual” ou “um tratamento para aquelas pessoas que estão enfrentando problemas causados por forças malignas, como os inúmeros casos de doenças, que os médicos não conseguem diagnosticar; conflitos repentinos em família; fracassos na área sentimental e financeira”.³⁷

A *Igreja Universal do Reino de Deus* foi fundada no Brasil pelo Bispo Edir Macedo Bezerra, de origem católica e ex-umbandista em 1977³⁸. Os templos permanecem abertos aproximadamente 18 horas por dia e nesse período acontecem cinco ou seis cultos³⁹ diários. São os pastores que conduzem as sessões, utilizando um discurso improvisado e inflamado. Eles fazem promessas e advertências, lembrando

³⁷ www.catedralmundial.com.br

³⁸ Três anos depois foi montada a *Universal Produções*, uma editora responsável pela publicação de livros, revistas e jornais. Em 1990, já com cerca de quatorze emissores de rádio, a Igreja adquiriu a *TV Record* (Mariano, 1996).

³⁹ Os chamados *cultos* religiosos estão ligados aos movimentos protestantes, sobretudo os pentecostais, que chegaram ao Brasil em 1910 por meio de um ciclo missionário norte-americano. Segundo Mariano (1996), ocorreram três grandes ondas: o pentecostalismo clássico, o pentecostalismo neoclássico e o neopentecostalismo, iniciado na década de 70. Este último atua no país com bastante intensidade nos dias atuais, através da *Igreja Universal do Reino de Deus*, *Sara Nossa Terra*, *Renascer em Cristo* e *Internacional da Graça de Deus*.

constantemente aos fiéis a presença do diabo em suas vidas. Tudo isso em meio às músicas que causam grande euforia na platéia. Durante esses encontros, as pessoas podem se manifestar, expressar seus sentimentos, contar seus problemas, dar testemunhos e agradecer graças alcançadas. Normalmente, ficam emocionadas, choram e gritam num ritual que afirmam ser uma renovação da esperança e da fé.

Segundo Oosterbaan (2003), nos cultos e nos processos de conversão ao pentecostalismo, o Espírito Santo é o interlocutor principal na relação dos membros da igreja com Deus. O corpo humano é considerado um recipiente que não apenas recebe e guarda o Espírito Santo como também sinaliza as relações com o divino. No templo, o fiel mostra seu estado espiritual na maneira como se ajoelha, ora, canta e fala com o Senhor. O batismo, por exemplo, só pode ocorrer se a pessoa demonstrar para a comunidade que seu corpo está “limpo” para que o Espírito Santo resida nele. A experiência do batismo, de acordo com Oosterbaan (2003), é descrita muitas vezes pelos membros da *Igreja Universal*, mencionando-se a levitação, o sentimento de felicidade e uma sensação positiva de ardência.

Na doutrina e prática pentecostais, a recepção do Espírito Santo é tão importante quanto a luta que se deve empreender contra o diabo, o representante maior do mal. Acredita-se que ele está em toda parte, agindo de várias maneiras para roubar, matar, destruir e prejudicar os seres humanos. Os demônios e os vários espíritos malignos, chamados de “encostos”, servem ao diabo e são os responsáveis por todos os problemas de saúde, as dificuldades financeiras e afetivas. São principalmente nas *Sessões de Descarrego*, que a entrevistada Rose costuma freqüentar, que os pastores concentram seus esforços em rituais que visam retirar os “encostos” dos corpos dos fiéis. Os demônios são provocados para que os possuídos manifestem a presença do mal. Muitas pessoas entram em transe, gritam, tremem ou desmaiam. Finalmente, o “encosto” é expulso e o fiel é liberto. Mas, se os problemas persistirem, o membro da igreja é culpabilizado por sua falta de fé. Assim, é a crença fervorosa que permite ao fiel ser curado ou receber a ajuda de Deus.

Entrevistadora: Rose o que você acha que faz com que muitas mulheres, iguais a você, que já sofreram muito, continuem tendo coragem para levantar todos os dias e continuar vivendo, continuar lutando?

Rose: Ah, é Deus! Deus que dá força! Se ocê não pensar em Deus, ficar pensando só nos seus problema, aí o trem fica feio. Só Deus mesmo!

Entrevistadora: Você acha que foi Deus que te ajudou e tem te ajudado?

Rose: Foi e muito, porque do jeito que eu vivia minha fia, tá viva hoje em dia... Eu tá viva, é só Deus mesmo! Basta ter fé! Tem que ter fé! Se a pessoa não tiver fé, aí não tem jeito.

Referências ao corpo, entremeando a questão da religiosidade no cotidiano das mulheres, também foram observadas nas falas de Sueli e Luzia, ambas católicas. O nome de Deus foi explicitamente falado quando Sueli se lembrou do acidente de carro que sofreu e dos momentos difíceis vivenciados desde então. A moça move a perna direita com relativa dificuldade, o que a leva a mancar. Faz sessões de fisioterapia e talvez tenha que se submeter a uma cirurgia para tentar readquirir o movimento normal.

Entrevistadora: O que você acha que te faz levantar todo dia e falar assim: “eu vou encarar”?

Sueli: Antes eu pensava que era por eu tá bem, por eu tá feliz. Hoje, depois do acidente, eu me levanto com mais animação. Por que tudo que aconteceu comigo, Deus me deu uma nova vida. Então, eu levanto e falo: Ah, eu tô bem, tô viva, tô com meus filhos!

Entrevistadora: Você acha que com o acidente, você valorizou mais sua vida?

Sueli: Valorizei. Tive trinta dias no CTI. O médico falou comigo que a minha vida, eu agradeço a Deus, porque não era pra mim tá viva hoje. Então, eu agradeço muito por tá viva, por tá aqui pra poder cuidar dos meus dois filhos e fazer eles crescer e levantar (financeiramente, ela quer dizer) um pouquinho.

Como Sueli, Luzia passou por sérios problemas de saúde. Sem recursos, teve dificuldades em realizar todos os exames necessários para descobrir o que tinha e acabou perdendo o emprego. Talvez por isso, identifica-se com Ana Maria Braga ao demonstrar sua simpatia, referindo-se ao câncer que a apresentadora enfrentou no passado, alcançando a cura.

Entrevistadora: A senhora vê o que nela (Ana Maria), dona Luzia? A senhora acha que ela é um exemplo de mulher bacana?

Luzia: Eu acho que ela é um exemplo de pessoa porque, ce vê, só de saber que ela foi uma mulher doente, teve problema sério. Recuperou aquilo tudo, né? Com força, com corage. Só por aí, cê vê que ela é uma pessoa importante, né? E só de saber que ela passou por tudo e venceu... Certa hora, a gente passa perto das coisas ruins e fala: ‘meu Deus, eu acho que eu não vou vencer, eu vou morrer’... Ela falou: ‘não’! Lutou, lutou mesmo! Saiu. Sei que ela pode (aqui Luzia se refere ao poder aquisitivo da apresentadora) e a gente não pode. Mas do mesmo jeito que ela lutou, a gente também pode lutar e vencer,

né? Tem certos tipos de doença, que se não for mesmo por Deus, a gente ter muita fé, porque nem cura a doença tem, né?

Luciane foi a única entrevistada que em momento algum falou na fé em Deus. Ela diz que “não segue nenhuma religião” e quando questionada, assim como as demais, sobre ao que ela atribuía a força de uma mulher para enfrentar o cotidiano, a moça respondeu prontamente:

Luciane: Apesar dos pesares, apesar das coisas ruins que vêm acontecendo e que acontece muito na vida da mulher, ela precisa ter opinião própria pra começar o dia. Por mais que ela esteja errada, tem que ser indiferente do que os outros vão falar. Ter opinião própria e também ser muito espontânea na sua opinião.

Entrevistadora: E você? Nos dias mais difíceis da sua vida o que te fez levantar e enfrentar o dia?

Luciane: Ah! Olhar pra trás e ver as dificuldade da vida... Já passei por coisas piores e agora se vier de novo eu vou passar por cima. A primeira vez na vida, você sempre se sujeita a qualquer tipo de coisa. Mas depois ocê supera... É. Supera qualquer tipo de coisa.

Apesar de Luciane não ser religiosa como as outras telespectadoras, observa-se algo comum nos dizeres de todas as quatro mulheres: a necessidade constante de vencer, ultrapassar as dificuldades do cotidiano. Para superar as agruras diárias, a maioria delas se apóia na fé em Deus. Nas palavras das entrevistadas, a mesma providência divina que auxiliou Ana Maria Braga a curar-se de um câncer pode ajudar Luzia a recuperar sua saúde. Deus não deixou Sueli morrer no acidente de carro e permitiu também que Rose sobrevivesse às adversidades das ruas. Assim, a fala das três mulheres indica que a vida parece ser mantida graças a Deus.

5.2 - A experiência das telespectadoras com a violência doméstica

A violência contra as mulheres é considerada a discriminação que afeta mais seriamente a qualidade de vida do sexo feminino, segundo Barsted (2006). Ela gera dor física, insegurança, medo e sofrimentos de ordem psicológica, advindos principalmente do poder que o agressor tem de silenciar a vítima⁴⁰. Ocorre principalmente no âmbito

⁴⁰ De acordo com a pesquisa *Violência contra a mulher e saúde pública no Brasil*, que buscou coletar dados em uma grande cidade e em uma região com características rurais, 22% das mulheres em São Paulo e 24% na Zona da Mata Pernambucana nunca haviam relatado as agressões sofridas a ninguém. As entrevistas foram a primeira oportunidade para as vítimas falarem sobre o assunto. Disponível no endereço: www.violenciamulher.org.br

doméstico e, na maioria das vezes, o autor da violência é um homem que tem ou já teve relação íntima com a mulher agredida.

O primeiro levantamento sobre violência no país foi produzido em 1988 pelo IBGE no âmbito da *Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD)*, que incluiu um suplemento sobre Justiça e vitimização (Barsted, 2006). O trabalho apresentou as estatísticas nacionais, separada por sexo, em relação aos crimes de lesão corporal e patrimonial, denunciados à polícia pelas vítimas. No total das pessoas agredidas fisicamente, 44,77% eram mulheres. Quanto ao local, em 55% dos casos o ato havia ocorrido dentro de casa. No conjunto das vítimas de violência no espaço doméstico, 63% eram mulheres e em 70% dos casos o agressor era o marido ou companheiro. Em relação aos homens, 83% das agressões tinham sido praticadas na rua por conhecidos ou estranhos. “Essa pesquisa demonstrou o peso diferencial do sexo na ocorrência do fenômeno da violência, reforçando as denúncias que o movimento feminista vinha fazendo desde meados da década de 1970” (Barsted, 2006, p.262).

Os dados preocupantes, levantados pelo IBGE, se comprovam nas entrevistas realizadas com as moradoras de Ponta Porã. Dentre as quatro mulheres que relataram sua experiência de vida, pôde-se observar que apenas Sueli nunca foi agredida fisicamente pelo parceiro. Luciane foi espancada uma vez, durante uma briga com o marido. A razão do conflito foi o simples sumiço de uma mamadeira que o rapaz havia comprado para o filho mais velho.

Luciane: Nossa! Ele (o marido) me bateu muito! Ele jogava capoeira e era líder de grupo de pagode. Aí ele veio com um cavaquinho do pagode e falou para eu me defender com ele. Ele falou comigo que era pra eu dá conta da mamadeira pra ele. Era umas duas horas da manhã. Só sei que nós brigamos até cinco horas. Eu fiquei sem entender. Por que isso, gente? Por causa de uma mamadeira? Eu disse: ‘se você não parar com isso, eu vou embora dessa casa hoje, definitivamente’. Ele pegou o cavaquinho da minha mão e deu em mim. Ele me deu um soco no rosto. Tava alcoolizado, veio do pagode alterado. Foi aquele jogo de empurra. Eu fui correr atrás dele, escorreguei e caí. Quando fui ver, ele tinha saído. Passei a chave na porta pra ele não entrar. E, mesmo assim, ele veio de manhã. Eu já tinha preparado uma faca. Mas não tinha coragem! Ele chegou, pediu pra entrar, numa mansidão que só vendo! Aí começou a ser violento de novo. Eu tive que ligar pra polícia. A polícia veio e levaram ele pro D.I (ela se refere ao Departamento de Investigações da Polícia Civil).

Mas nem sempre as mulheres são vítimas da violência doméstica uma única vez, como teria sido o caso de Luciane. No levantamento *A Mulher Brasileira nos Espaços*

*Público e Privado*⁴¹, de 2001, foi freqüente a declaração de espancamento por mais de dez anos. Também reforçam a grande ocorrência de maus tratos na realidade cotidiana de inúmeras mulheres, as trezentas entrevistas feitas com as vítimas na pesquisa *Violência doméstica: questão de polícia e da sociedade*⁴² (Saffioti, 2004). De acordo com o estudo, 15% das entrevistadas disseram que perderam a conta do número de espancamentos que sofreram, preferindo mencionar o tempo em que ficaram expostas a esse tipo de violência: dez anos foi um relato comum, havendo 4% que se referiram a um número superior a dez anos ou durante toda a vida. Essa elevada presença de conflitos violentos no dia-a-dia das mulheres foi verificada no depoimento de duas entrevistadas: Luzia e Rose.

Entrevistadora: Ele (o último marido) agredia a senhora com palavras ou batia mesmo?

Luzia: Não. Ele agredia também. Aí depois, eu passei dá nele umas porretada, sabe? Aí foi que controlou...

Entrevistadora: Ele batia e a senhora descontava?

Luzia: Ó! Metia o pau nele também!

Luzia permaneceu com o marido durante 27 anos nesse clima de violência sugerido acima. Frequentemente os filhos assistiam ao desenrolar das discussões e, talvez graças a eles, nenhuma delas tenha terminado em morte.

Entrevistadora: Mesmo a senhora reagindo, ele continuou te batendo?

Luzia: Jogava prato de comida em mim. Eu pegava caco de prato, ia lá furava ele! Uma vez ia cortar o pescoço dele. Os menino que entrou no meio! Sentei aquilo no braço dele, aquilo abriu uma brecha... Foi parar no Pronto Socorro! E... Não vou nem contar, senão o negócio fica feio!

Entrevistadora: Por que ele batia na senhora? Ele bebia?

Luzia: Bebia. Bebia não, ainda bebe.

Rose também foi espancada por mais de 15 anos consecutivos, mas ao contrário de Luzia, nunca teve coragem de reagir ou procurar uma delegacia especializada. Os

⁴¹ Disponível no endereço: www.fpabramo.org.br

⁴² A pesquisa, coordenada pela socióloga Heleieth Saffioti, procura traçar um quadro da violência doméstica no Brasil. Desde 1994, o estudo vem analisando mais de 170 mil boletins de ocorrência, registrados em todas as Delegacias de Defesa da Mulher de 22 capitais e de alguns municípios paulistas, além de 849 processos criminais instaurados.

sentimentos da moça eram confusos. Ela vacilava entre medo de ser assassinada e pena de o marido ser maltratado pelos policiais, caso ela o denunciasse.

Entrevistadora: Seu primeiro marido batia muito em você?

Rose: Batia.

Entrevistadora: E você não reagia?

Rose: Ah, não, porque ele... Sei lá. Eu não dava conta não.

Entrevistadora: Por quê?

Rose: Eu tinha era medo. Eu tinha medo porque, uma vez quase que ele me matou.

Entrevistadora: E você foi parar no hospital?

Rose: Eu fui porque meu ouvido, esse ouvido meu aqui machucou. De vez em quando, ele até inflama! Aí depois, esse que eu tô morando aqui (o atual companheiro de Rose) foi cuidando. Tava inchado. Ficou roxo.

Entrevistadora: Quando você resolveu se separar, ele te perseguia também?

Rose: Ia. Eu fui morar com uma colega minha ali perto da rodoviária, onde tem um pessoal que mexe com papel (catadores de papel).

Entrevistadora: Sei. E ele ia lá?

Rose: Ele ia lá me perturbar.

Entrevistadora: Lá, ele também batia em você?

Rose: Batia pra eu voltar. Aí, com o tempo eu conheci o meu companheiro atual.

Entrevistadora: Foi ele que te aconselhou a procurar a delegacia de mulheres?

Rose: Sempre me aconselhou. Eu não tinha coragem não! Ficava com dó.

Entrevistadora: Com pena?

Rose: Ah! Com tudo que o homem me bateu, eu ficava com dó deles (os policiais) judiar dele. Aí meu atual marido me deu força. Peguei, disse: 'eu vou. Seja lá o que Deus quiser'!

De acordo com Melo e Sanematsu (2004), os autores da violência doméstica alegam vários motivos para maltratar suas parceiras. As razões mais comuns são:

desconfiar da fidelidade da mulher e reprovar seu trabalho em casa ou o cuidado com as crianças. Por sua vez, as mulheres em situação de violência apontam em seus parceiros ciúme doentio, não colaboração em casa e falta de atenção com filhos. Mesmo que as alegações sejam variadas, elas têm em comum o fato de se encaminharem para a resolução não dialógica dos conflitos. Assim, torna-se necessário buscar mais explicações para a utilização de agressões físicas, psicológicas ou sexuais em relações que deveriam acontecer em bases afetivas e de respeito mútuo. Para essas situações de maus tratos que costumam ocorrer permanentemente na vida de algumas mulheres, os psicólogos e sociólogos recorrerem ao conceito de *co-dependência*:

Uma pessoa co-dependente é alguém que, para manter uma sensação de segurança ontológica, requer outro indivíduo, ou um conjunto de indivíduos, para definir as suas carências; ela ou ele não pode sentir autoconfiança sem estar dedicado às necessidades dos outros. Um relacionamento co-dependente é aquele em que um indivíduo está ligado psicologicamente a um parceiro, cujas atividades são dirigidas por algum tipo de compulsividade. Chamarei de relacionamento fixado aquele em que o próprio relacionamento é objeto do vício. (Giddens, 1992, p.101-102)

Nesse sentido, a própria violência é inseparável da relação, torna-se necessária à vida em comum do casal, constituindo-se como uma verdadeira prisão. Por isso, verifica-se que muitas mulheres suportam os maus tratos vindos de seus companheiros durante anos. Para piorar a situação do sexo feminino frente ao problema, é justamente essa rotinização das agressões que contribui para que sejam banalizadas. A ocorrência cotidiana desses atos tem o poder de ofuscar a visibilidade da violência e de descriminalizá-la no imaginário social e, mais grave, no imaginário das vítimas.

De acordo com a pesquisa *A mulher brasileira nos espaços público e privado*⁴³, de 2001, a cada 15 segundos uma mulher é agredida no Brasil. Estima-se que mais de dois milhões de pessoas do sexo feminino são espancadas a cada ano por maridos ou namorados atuais e antigos. No entanto, esses números alarmantes contrastam com os dados recentes do estudo *Percepção e Reações da Sociedade sobre a violência contra a mulher* realizada pelo Ibope-Instituto Patrícia Galvão⁴⁴ em 2004. O levantamento revelou que existe um alto grau de rejeição a essa realidade: 82% dos entrevistados respondem que “não existe nenhuma situação que justifique a agressão do homem a sua mulher”. Além disso, 91% consideram muito grave o fato de mulheres serem agredidas

⁴³ Disponível no endereço: www.fpabramo.org.br

⁴⁴ Foram realizadas 2002 entrevistas pessoais em todos os estados brasileiros, nas capitais e em regiões metropolitanas. Cidades menores foram selecionadas probabilisticamente dentro da proporcionalidade por tamanho de município. Acessível no endereço: www.patriciagalvao.org.br

por companheiros e maridos. No entanto, o velho ditado que diz que “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher” ainda tem boa aceitação (66%).

Assim, observa-se que existe uma opinião contrária à violência doméstica, mas não há um comportamento social que vise impedir que ela aconteça. Por isso, segundo Melo e Sanematsu (2004), esse conjunto de dados disponíveis no país aponta para a necessidade de haver maior visibilidade e mais debates sobre a violência doméstica. Ocorrendo mais discussão sobre o assunto no seio da sociedade, existem mais chances de acontecer mudanças de comportamento da população diante do problema.

Não se pode negar que no Brasil, nos últimos anos, houve avanços que se traduziram em produção de estudos sobre a incidência de maus tratos contra a mulher, criação de delegacias especializadas, serviços de atendimento às vítimas, mudanças na legislação e a sanção, em 2006, da Lei 11.340, uma espécie de pequeno Código Penal voltado especificamente para as infrações e crimes cometidos contra as mulheres. Mas a tarefa de enfrentar esse desafio ainda é imensa. Nessa luta, é fundamental colocar em prática não apenas as ações repressivas, como também medidas capazes de contribuir para a elevação da auto-estima do sexo feminino através da conscientização do seu valor social. Melo e Sanematsu (2004) frisam que a erradicação da violência contra as mulheres dependerá do comprometimento dos homens que reprovam a violência contra as mulheres cometida por outros homens e do esforço das vítimas em não se calarem frente a situações de maus tratos.

De um modo geral, o entendimento da violência apóia-se no conceito que a define como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima, seja ela física, psíquica ou sexual. Mas, o mesmo fato pode ser considerado normal para uma mulher e agressivo para outra. Nas entrevistas com as moradoras de Ponta Porã, Sueli, por exemplo, declarou que nunca apanhou do marido, mas parece ter aproveitado a oportunidade para falar sobre o desgosto que sente diante da traição cometida pelo seu companheiro.

Entrevistadora: Você já passou por algum tipo de violência física? Já viveu algum tipo de humilhação vinda dos seus companheiros?

Sueli: Não. Até que não. Isso não. Só do meu segundo marido que agora, eu fiquei muito chateada com ele. Fiquei muito triste com ele porque ele andou me traindo. Teve uma outra menina fora do casamento. Depois me pediu perdão e eu tô com ele até hoje. Mas, assim... Cê tem aquela mágoa. Eu sempre fico magoada com ele de alguma forma. De vez em quando, a gente tem uma briguinha, uma discussão. Então, sempre eu joga na cara dele, falo coisas que não

deveria de fazer. Se eu perdoei, então, eu não tenho de ficar lembrando.

Na pesquisa *Violência doméstica: questão de polícia e da sociedade* é frequente as mulheres se pronunciarem a respeito da maior facilidade de superar a agressão física que humilhações verbais ou determinadas atitudes dos companheiros que consideraram desrespeitosas para com elas. De acordo com as vítimas, “a humilhação provoca uma dor muito profunda” (Saffioti, 2004, p.63). Assim, percebe-se que a ruptura de integridades como critério de avaliação de um ato como violento, situa-se muitas vezes no terreno da individualidade, pois guarda limites tênues com a chamada normalidade. Portanto, segundo Saffioti (2004), é preciso pensar que embora a violência contra o sexo feminino seja um mecanismo de ordem social, cada mulher o interpretará singularmente.

Na fala das telespectadoras, é possível verificar que a reação diante da agressividade do companheiro também pode ser particular, variando de uma pessoa para outra. Em várias ocasiões, Luzia enfrentou a ira do marido, revidando os golpes que a atingiam. Luciane chamou a polícia logo na primeira vez que apanhou e Rose só conseguiu denunciar o ex-marido depois de vários anos de espancamento. Então, mesmo que a violência doméstica ainda seja considerada um assunto íntimo ou continue se perpetuando na vida de muitas mulheres, nota-se que as entrevistadas não demonstraram silenciamento ou passividade. Agindo assim, elas certamente evitaram o final trágico das histórias de Célia e Sandra Gomide, contadas pelo *Mais Você*.

5.3 – A maternidade e as quatro mulheres

Os sete filhos foram chegando à vida de Luzia. Ela não sabe dizer, ao certo, se desejava tantas crianças. Nunca parou para pensar. Teve pouco acesso às informações que poderiam levá-la a evitar algumas gestações. Guarda apenas a certeza de que é incorreto uma mulher não querer dar à luz.

Luzia: Eu acho errado, porque no fim da vida da gente é muito triste ficar sozinha. Eu acho que eu não contei com marido até agora, provavelmente eu não vou contar mais. Então, a gente tendo os filhos da gente, tendo neto, eu tenho 23 neto, é menino demais pra mexer. Mexo com menino daqui, mexo com menino dali. Até esqueço muito as coisas, os problemas, sabe? Pessoa que não tem filho, não tem o que sofrer, não tem o que pensar. Eu acho assim comigo.

Luzia aparenta ter muito mais que os seus 55 anos. Pobre e analfabeta, não entende direito o que vem a ser realização profissional. Passou a vida correndo atrás de um salário mínimo, enfrentando o mercado de trabalho com as armas que tinha: foi cozinheira, faxineira e empregada doméstica.

Luzia: Trabalhava direto mesmo! Não deixava faltar nada pra eles! Foi assim até meus filho ficar tudo grande.

Entrevistadora: Agora que os filhos já estão grandes, a senhora acha que valeu a pena ser mãe?

Luzia: É. Valeu criar meus filho!

A entrevistada não tem más lembranças do tempo em que as crianças eram pequenas ou dos esforços que fazia para dar conta de cuidar de todas elas. Diz apenas que se preocupava muito diante da possibilidade de que lhes faltasse o mínimo para sobreviver. Avalia que amor de mãe é maior que o de pai, por isso não tem dúvida de que os filhos mudaram o rumo de sua vida. Mesmo assim, não reclama.

Luzia: Eu não tenho nada que queixar d'eu ter meus sete filhos. Não dão trabalho nenhum. Talvez estão com problema. Sempre tem uns probleminhas que eles traz pra mim. Me deixa preocupada. Mas isso passa! Também acho que isso é problema de mãe. Mãe é assim mesmo!

Entrevistadora: Se a senhora tivesse que sacrificar a vida por um filho, a senhora faria isso?

Luzia: Ah, minha filha, pelos meus filhos eu faço qualquer coisa por eles!

Luciane, outra entrevistada, também não teve muita chance de escolher se desejava, ou não, dar à luz. Engravidou aos 15 anos e foi viver com o pai da criança. Num curto espaço de tempo, o segundo filho nasceu. Então, ela passou a fazer uso de métodos contraceptivos, mas descuidou-se e acabou por engravidar pela terceira vez. As crianças hoje estão com oito, sete e três anos.

Entrevistadora: Você acha que foi difícil cuidar dos seus filhos, quando eles eram bem pequenos?

Luciane: Ah, foi! Foi sim. Foi e muito. Por exemplo: quando os menino (ela se refere aos dois filhos mais velhos) era pequeno, pra mim era fácil dá eles as roupas. Olhava eles vestindo, enquanto ia me vestindo também. Quando a Isabele nasceu, eu tive que falar com os dois: se veste aqui, que eu vou cuidar dela. Aí, ia cuidar dela. Nossa! Eu demorei um ano pra me acostumar com batido de três filhos!

Entrevistadora: E agora que a sua filhinha está maior?

Luciane: Ah, tô muito mais tranqüila! Hoje se eu tô me aprontando pra sair, ela mesma calça o sapato, veste aquela roupa mais feia de todas e fala: 'eu vou com a senhora, eu vou com a senhora'! Nós duas se apronta no mesmo tempo.

Depois da última gravidez, Luciane não conseguiu se recolocar no mercado de trabalho. Tornou-se dona de casa e vive às voltas com os afazeres domésticos e o cuidado com as crianças. Não sabe dizer se o amor materno é maior que o paterno. Apenas acha que o vínculo que as mães têm com os filhos é diferente de algum modo. Avalia que se sente mais responsável pelo que acontece às crianças, quando se compara ao marido.

A primeira gestação de Sueli também aconteceu sem ser programada. Na época, o namorado não assumiu a paternidade da criança. Mas ela relata com orgulho que recebeu o apoio da mãe durante a gravidez e quando do nascimento do bebê. Tempos depois, Sueli casou-se com outro rapaz, concebendo outra criança. Hoje a filha mais velha está com 11 anos e o caçula com dois.

Entrevistadora: Você queria ser mãe? Ou alguma vez você pensou em não ter filhos?

Sueli: Pensei.

Entrevistadora: Você pensava em não ter?

Sueli: Pensava, porque os meus dois filhos foi mesmo por acidente. Acidente não, né? Foi consequência da gente próprio. Então, assim, eu pensei em não ter. Mas como tive, né...

Entrevistadora: O filho do seu casamento, agora, também veio por acidente?

Sueli: Foi. Foi por acidente.

Entrevistadora: Mas você aceitou os meninos numa boa?

Sueli: Aceitei normal.

Entrevistadora: Não pensou em tirar? Em fazer aborto?

Sueli: Não, em nenhum momento. É por que eu tive, a minha menina com 21. Tive bem crescida, já tava com a cabeça, assim, melhor pra poder cuidar dela. Minha mãe também me ajudou muito.

Durante a entrevista, Sueli se remeteu várias vezes à figura da sua mãe, chegando a apontá-la como um exemplo a ser seguido. Em alguns trechos, foi possível notar que entre elas houve uma relação positiva de cumplicidade e solidariedade. Talvez

por isso, a moça afirma que todas as mulheres precisam ter filhos, pois é só a partir da maternidade que elas poderão compreender o valor daquela que lhes deu a vida.

Sueli: (...) Ela tem que ser mãe pra ela ver o que a mãe dela fez por ela. Eu só aprendi a dar valor a minha mãe depois que eu tive os meus. Que o valor mesmo, de dar o valor mesmo pra ela, eu nunca dei. Só dei mesmo depois que eu tive os meus filhos. Aí eu fiquei tendo certeza que realmente ela era uma mãe de verdade.

Como as demais entrevistadas, Sueli acha que o amor materno é diferente, pois pensa que as mulheres gostam mais dos filhos, quando comparadas aos pais. Afirma também a importância das crianças em sua existência, mesmo relatando as transformações que a maternidade causou em sua juventude.

Entrevistadora: (A maternidade) mudou sua vida?

Sueli: Mudou. Mudou bastante. Mudou porque eu gostava muito de sair, eu gostava muito de ficar na rua até de madrugada, de dançar, de sair pra show. E depois que eu tive eu falei: 'não. Eu não tenho como mais ficar fazendo isso. Eu tenho filho, então eu tenho que dar o exemplo pra ela, pra não ter que passar por essas lutas aí'. Aí, eu parei. Mudou tudo. Aí, eu tive que ter mais responsabilidades pra trabalhar, que às vezes eu ia trabalhar por trabalhar. Depois que eu tive, eu vi que eu tinha que trabalhar mesmo, que eles dependiam de mim.

Sueli fala, como todas as entrevistadas, que seria capaz de se sacrificar pelos filhos. Mas apesar de não duvidar da força do amor materno, reclama do trabalho que as duas crianças lhe dão no dia-a-dia. A moça ainda está se recuperando do acidente de carro que sofreu e sente-se cansada.

Entrevistadora: E agora como é que você se relaciona com os meninos, uma já tá grande? Seu sufoco já passou?

Sueli: É, mas a grande (refere-se à filha mais velha) tá agora muito rebelde. Ela tá muito agressiva. Vou ter que conversar muito, tem sempre que ficar conversando muito. Muitas vezes, não quer tomar banho, não quer escovar os dentes, não quer pentear os cabelo. Vou ter que conversar muito com ela, por que se não, ela não faz. (...) .O pequeno (o filho caçula) dá também, dá muito trabalho. Ele também é muito chorão. Tudo que ele quer tem que ser dele, tem que ser na hora.

Rose é a única entrevistada que não possui filhos, mesmo sempre tendo desejado engravidar. Ela não consegue levar as gestações até o final, abortando naturalmente os bebês. Nas palavras da moça, a feminilidade se relaciona de algum modo com a maternidade. Mas diante do fato de não conseguir gestar, ela parece se atropelar nos verbos ter e querer.

Entrevistadora: Você acha que para uma mulher entender o que é ser mulher ela precisa ter um filho?

Rose: Ah! Tem de ter, né? É da mulher querer ter filho.

Entrevistadora: Mas se você não conseguir ter um filho, você vai ser menos mulher que as outras?

Rose: Não, uai! Sou mulher igual as outras. Mas só que eu fico triste.

A vontade de ser mãe sempre esteve presente na vida de Rose. Nem mesmo a crueldade dos tempos em que vagava pelas calçadas da cidade parece tê-la feito desistir do antigo sonho.

Entrevistadora: Você sempre pensou em ser mãe?

Rose: Ah, desde novinha!

Entrevistadora: Quando você morava nas ruas, não tinha medo de ter um filho?

Rose: Ah, eu não! Eu não preocupava. Se eu engravidasse no meio da rua, aí eu arrumava um cantinho.

Na visão de Beauvoir (1980), é um erro acreditar que a maternidade pode bastar ao sexo feminino. Afinal, observa-se com frequência a existência de mães infelizes e insatisfeitas. De acordo com a autora, a explicação está no fato de a gestação e a criação dos filhos não serem capazes de fazer com que a mulher transcenda a materialidade de seu corpo e expresse de algum modo sua singularidade. “A transcendência do artesão, do homem de ação é habitada por uma subjetividade, mas na futura mãe abole-se a posição de sujeito e objeto; ela forma, com esse filho de que se acha prenhe, um casal equívoco que a vida submerge; (...)” (Beauvoir, 1980, p.262).

É certo que a afirmação da autora visa refutar a noção essencialista que trata a maternidade como algo natural, biológico, intrínseco ao sexo feminino. No entanto, a fala das entrevistadas aponta que ser mãe não é simplesmente parir uma criança no sentido animal do termo. Nas conversas, as moradoras de Ponta Porã abordam a questão das gestações não programadas e apontam as dificuldades encontradas no cuidado das crianças, sugerindo cansaço. Mas todas as entrevistadas afirmaram a importância da maternidade e, mesmo que intuitivamente, disseram que para se entender o significado da feminilidade é preciso ser mãe.

Estudiosa da história das mulheres, Knibiehler (2007) lembra que durante muito tempo a sociedade patriarcal exerceu de longe sua dominação quando o assunto era

gravidez, parto e cuidado com os filhos. Mas, ao longo do século XIX, o saber científico e o feminismo deram justificações para um corpo profissional médico, sobretudo masculino, controlar a procriação. Assim, a cultura feminina da maternidade recuou. Outrora, tornar-se mãe se fundava em um saber arcaico, íntimo, confidencial, cheio de paciência, força e alegria. O idílio mãe-bebê era capaz de apagar as lembranças ruins que eventualmente a gravidez e o parto podiam deixar.

Hoje, a jovem que volta para casa com seu neném nos braços encontra-se muitas vezes sozinha, ansiosa e transtornada. Sua mãe, sua sogra, sua irmã mais velha ou sua melhor amiga não podem ir ajudá-la porque trabalham ou porque moram longe. O pai da criança, mesmo que seja muito dedicado, não consegue substituir as outras mulheres. Ele não tem, aos olhos da esposa, a experiência necessária. “Mas, nenhuma jovem mãe deveria ter o sentimento tão doloroso de se sentir isolada e incompetente. Antigamente nas sociedades rurais as jovens mães eram raramente deixadas sozinhas” (Knibiehler, 2007 p.279).

Quando as mulheres trabalham fora de casa, é comum ser constatado o estado de estresse no final da licença maternidade. De acordo com Knibiehler (2007), elas declaram-se esgotadas fisicamente e emocionalmente. Os sintomas se traduzem em insônia, perda de apetite sexual e secagem do leite materno. No momento de retornar ao emprego, as mães não acham lugar nas creches ou têm dificuldade em encontrar uma pessoa confiável para olhar seu filho. Elas também não conseguem obter um tempo parcial, meio expediente de trabalho, porque a maioria das empresas não manifesta interesse suficiente para que isso aconteça.

Portanto, torna-se uma realidade evidente que, mesmo entre as mulheres de classe social mais abastada, criar e educar as crianças não são tarefas simples. Algumas trabalhadoras renunciam à licença maternidade, pelo menos parcialmente. Mas mesmo que a profissão seja apaixonante, também demanda tempo. Aquelas que escolhem deixar o emprego e voltar para casa para aproveitar a infância passageira dos filhos esperam, em geral, retomar a atividade profissional mais tarde. No entanto, sabem que têm pouca chance de reencontrar um trabalho da mesma qualidade. Por isso, as relações afetivas correm riscos de serem relegadas ao segundo plano.

Na fala das entrevistadas, a maternidade não é representada de maneira idílica. Nenhuma das gestações foi planejada pelas mulheres. As visitas frequentes aos ginecologistas estão longe da realidade de suas vidas. Tem-se a impressão de que os métodos contraceptivos ainda são pouco usados, pois a natalidade não foi abordada

como algo passível de ser controlado. Pelo contrário, a gravidez foi tratada como um acontecimento natural que, independentemente de suas vontades, invadiu o cotidiano de cada uma delas.

Em Ponta Porã, logo depois do nascimento dos filhos, voltar para o emprego é quase uma impossibilidade. As entrevistadas não têm poder aquisitivo para contratar uma pessoa para cuidar dos bebês e auxiliá-las nas tarefas domésticas. Algumas vezes, contam com a ajuda de seus familiares, como foi o caso de Luzia e Sueli. Luciane, no entanto, não teve a mesma sorte. O desemprego da moça tem uma relação direta com sua necessidade de permanecer em casa, cuidando das crianças até que elas fiquem maiores.

Entretanto, mesmo que os bebês não tenham sido programados, eles foram aceitos e amados. Todas as telespectadoras demonstraram manter com os filhos relações felizes, aparentando realização pessoal. O amor materno explicitado na fala da maioria das entrevistadas parece confirmar o pensamento de Knibiehler (2007). Segundo a autora, no terreno da maternidade, o domínio das emoções, do imaginário e do irracional permanece poderoso. Uma tendência recorrente, inconsciente, liga as mulheres ao milagre do nascimento. A razão masculina talvez não possa explicar, mas a gestação e a maternagem guardam em si um grande poder de compensação psicológica para o sexo feminino.

5.4 – As tarefas culinárias: invenção e necessidade

Desde os tempos remotos, os homens só costumam se ocupar da culinária dos dias solenes, das festas ou dos banquetes requintados. Suas receitas costumam estar relacionadas à vida pública, ao lucro e ao sucesso. Quando pessoas do sexo masculino cozinham profissionalmente são chamados de *chefs*. As mulheres são simplesmente cozinheiras. Não recebem pompas, nem glórias. Sua arte costuma ser a de aproveitar as sobras da refeição anterior ou a de fazer render os poucos ingredientes que têm em casa, pois no dia-a-dia precisam conseguir alimentar a família com o menor custo possível.

Segundo Giard (2003), na França são os homens que figuram nas colunas gastronômicas dos grandes jornais, dirigem os guias anuais que fazem a classificação dos restaurantes e compõem os diversos júris de degustação. Lá como aqui, muitas mulheres que trabalham como cozinheiras continuam ocupando papéis subalternos. No

ambiente doméstico, permanecem sendo as maiores responsáveis pelas tarefas culinárias. Assim, elas têm quase o monopólio da cozinha. De modo geral, os odores e os ruídos produzidos nesse espaço lhes são familiares: o borbulhar da água fervendo, o chiar da manteiga derretendo na frigideira ou o cheiro do bolo que assa no forno.

Nossa pesquisa vem confirmá-lo. Nos casais de mais ou menos 45 anos, os homens gostam mais de cozinhar do que seus antecessores, mas isso de tempos em tempos, para fazer um almoço ou jantar especial, mais elaborado e mais caro que o trivial de cada dia (Giard, 1996, p.292).

Dentre as entrevistadas, somente Rose disse receber ajuda do marido no preparo das refeições. As outras se encarregam sozinhas do trabalho de cozinhar, lavar as louças e comprar os mantimentos. Sueli demonstrou ser a que mais aprecia a culinária, parecendo sentir um grande prazer em servir as refeições para sua família.

Entrevistadora: E de cozinhar, você gosta?

Sueli: Gosto muito. Nossa! Eu amo cozinhar!

Entrevistadora: O que faz você gostar de cozinhar?

Sueli: Na hora que eu começo a cozinhar, quero que fique tudo bom pra na hora que todo mundo for saborear ali e sentir o gosto e falar 'Nossa, tá ótimo'! Isso pra mim é uma alegria muito grande.

A culinária é para muitas mulheres um lugar de felicidade e invenção. Segundo Giard (2003), com alto grau de ritualização e investimento afetivo, ela exige tanta inteligência e imaginação quanto as atividades tidas tradicionalmente como mais elevadas. Conforme a autora, no cozinhar há uma habilidade de artesãos, amantes dos cheiros e das consistências das matérias-primas que utilizam em seu trabalho. Por isso, as cozinheiras estão sempre se empenhando em aperfeiçoar seus métodos, orgulhosas de sua obra. “Existe um prazer profundo em preparar pessoalmente aquilo que se quer oferecer aos convivas, em usar uma criatividade modesta, de resultados efêmeros” (Giard, 2003, p.285).

As artes de nutrir datam de tempos antigos e são aparentemente imóveis num curto período. No entanto, estão sempre sendo remanejadas em sua longa duração. A aquisição dos condimentos e a preparação da comida podem mudar entre gerações, sociedades e classes sociais. As práticas culinárias atuais, por exemplo, revelam modificações consideráveis desde o século XIX. A mecanização das tarefas elementares substituiu a força muscular pela energia elétrica, transformando diretamente a vida cotidiana.

O ambiente doméstico sentiu o impacto da crescente exigência de higiene, da produção em grande escala e da difusão a preços baixos dos eletrodomésticos. Pode-se dizer que a industrialização veio destruir nas casas o regime de trabalho, assim como o fez no espaço operário. Introduziu na cozinha o mesmo esquema de parcelamento, padronização e repetição. No entanto, não se pode duvidar que também trouxe efeitos benéficos, como o ganho de tempo e a diminuição do cansaço. A supressão de fogões à lenha, que deixavam as panelas pretas de fuligem, e a grande quantidade de produtos de limpeza capazes de dissolver a gordura aliviaram o trabalho de muitas mulheres.

Há uma ou duas gerações, ampliou-se singularmente o horizonte das práticas culinárias femininas. Outrora as receitas eram aprendidas e passadas da mãe ou da avó para a filha. Conservavam-se, ao longo dos anos, os cadernos manuscritos de receitas. Mas, os tempos mudaram e as fontes de informação hoje em matéria de culinária são, conforme Giard (2003), quase sempre os meios de comunicação. O fato é que se foi abandonando em silêncio o modelo das gerações passadas, com a sensação de que suas receitas seriam complicadas demais e não se adaptariam ao modo de vida atual das mulheres. Talvez por isso, os pratos anunciados por Ana Maria Braga como práticos e rápidos de preparar fazem com que a culinária seja um dos temas preferidos das entrevistadas.

Entrevistadora: Qual quadro do programa você gosta mais?

Luzia: Das receita gosto. Eu gosto de ver ela falar. Tem dia que falo assim: 'se eu soubesse, eu ia escrever aquela receita toda e ia fazer'. Mas como não sei escrever mesmo, largo pra lá e vou saindo, sabe?

Rose: Eu gosto das receita. Das receita e das piadinhas do Louro José mais ela.

Sueli: As receitas também, que ela passa. Muita coisa eu aprendi. E as entrevistas dela também.

Luciane: Do quadro das entrevistas e... Esqueci o nome... Culinária. É isso.

Mas, seguindo cuidadosamente a mesma receita, duas cozinheiras, mesmo as mais experientes, podem não obter resultados iguais. Nas atividades culinárias, intervêm o toque pessoal, o conhecimento ou a ignorância de certos segredos. Existe toda uma relação de elementos que a receita não traz ou não especifica, pois muitas vezes estão arraigadas na tradição oral, familiar ou regional. Talvez por isso, quando repete os

pratos do *Mais Você*, Sueli procura usar exatamente os ingredientes indicados. Assim, terá mais chances de que o alimento fique saboroso quando estiver finalizado.

Entrevistadora: E quando tem alguma coisa chique assim na receita... Às vezes ela fala: 'Isso você pode substituir por aquilo'. Mas, quando é alguma coisa que não pode ser substituída, você substitui? Ou você tenta seguir a receita toda?

Sueli: Não. Eu vou seguindo a receita mesmo pra vê se sai da mesma forma.

Na cozinha, sempre é preciso calcular o tempo, não atrasar quem vai à escola ou ao trabalho. Os gastos financeiros também não podem ultrapassar o orçamento. É preciso dar conta de avaliar rapidamente o que será mais vantajoso em termos de sabor e de atividades necessárias ao preparo, não se esquecendo da quantidade de dinheiro disponível. Assim, come-se aquilo que a família aprecia, mas também o que ela pode comprar. De modo geral, os gostos populares, por necessidade econômica e por hábito, baseiam-se nos alimentos calóricos e baratos ao mesmo tempo. Em Ponta Porã, eles costumam ser arroz, feijão, macarrão, fubá e farinha de mandioca. As entrevistadas cozinham o trivial de cada dia, a quantidade dos ingredientes é modesta e as refeições são simples. Afinal, o dinheiro é muito escasso. Dona Luzia está desempregada, conta apenas com a ajuda dos filhos. A renda familiar de Luciene e de Rose é de um salário mínimo e a de Sueli de dois. Provavelmente por essa razão, ela seja a única que coloca em prática as receitas do *Mais Você*.

Entrevistadora: É mesmo? Você já fez (as receitas do *Mais Você*)?

Sueli: Já, já fiz. Eu amei o mousse de maracujá que ela ensinou. Amei um bolo lá, também maravilhoso, bolo de laranja que ela fez. Maravilhoso! Que eu fiz também. Teve mais um biscoito de maisena que ela ensinou. Eu fiz esse biscoito. Amei também! Foi ótimo!

É possível notar que os pratos citados por Sueli não necessitam de ingredientes ou condimentos muito caros para serem preparados. Na cozinha das entrevistadas os artigos supérfluos passam longe. É a televisão que lhes permite ao menos ver que eles existem.

Luzia: Hoje mesmo ela tava fazendo... Minha mãe tava sentada aí e eu aqui. Eu tava mostrando pra ela. Ana Maria tava comendo lá aquele trem, tirando aquelas folhas, né? Lambendo aquele caldinho lá! Eu tava rindo aqui mais a mamãe. Não sei como chama... É como a gente tá comendo uma folha (ela quer dizer a coroa) do abacaxi.

Entrevistadora: Será que era alcachofra?

Luzia: É. É esse nome aí.

Não importa muito decifrar qual foi o alimento mostrado por Ana Maria Braga. Afinal, no barraco de Luzia e de todas as outras entrevistadas, qualquer receita simples já toma ares de sofisticação. No cotidiano de Ponta Porã, ter o que comer é quase um luxo. Diante do pequeno salário, dos fogões enferrujados e dos ingredientes minguados, a criatividade culinária tem chances elevadas de sucumbir. Na rotina das quatro mulheres, o mágico e o inusitado é conseguir fazer com que as panelas não estejam vazias no horário das refeições. Mesmo assim, todas elas assistem ao preparo dos pratos no *Mais Você*. Nas falas das telespectadoras, foi possível verificar que a receita é um dos momentos do programa que elas mais gostam. No entanto, seus dizeres não revelaram a razão dessa preferência.

5.5 – O cotidiano em Ponta Porã: o inesperado e o possível

As primeiras pesquisas que se debruçaram sobre o dia-a-dia dos seres humanos definiram o cotidiano como um conjunto de atividades realizadas de maneira mecânica que deixam pouco espaço para a reflexão e o questionamento de uma sociedade conformada por normas sociais dominantes. Heller (1992), por exemplo, afirma que o ritmo fixo, a repetição e a rigorosa regularidade da vida diária se prestam ao conformismo e à aceitação passiva da realidade.

Entretanto, essa visão foi sendo revista e, aos poucos, os estudos passaram a incorporar à noção de cotidiano, as idéias de confronto, inconstância e surpresa. Segundo França (1996), o dia-a-dia é um tempo partilhado, um espaço de convivência que acolhe o inusitado, a continuidade, a renovação incessante. “O cotidiano é atravessado pelos contrários, e é essa ambigüidade que constitui a substância da experiência” (França, 1996, p.108). Percebida como uma maneira de experimentar a vida, a rotina abre-se para o surpreendente.

A realidade diária das entrevistadas de Ponta Porã se encaixa nessa concepção. Muitas vezes, a ordem usual das coisas ou as circunstâncias regulares foram alteradas em suas vidas. A juventude, por exemplo, considerada positivamente como um período em que poucos compromissos são definitivos, não ocorreu como o previsto para Luciane. Ela se casou aos 15 anos, assumindo precocemente uma série de atividades inesperadas, relativas ao cuidado do lar e à maternidade.

Luciane: Eu sempre falei que ia ter filho, mas não era pra aquela hora. Aconteceu... No hospital eles ainda brincaram comigo: ‘uma criança tendo outra’.

Além das gestações não programadas, Luzia e Sueli enfrentaram mudanças bruscas em seu cotidiano. A saúde debilitada ainda está sendo assimilada por Luzia em todas as suas conseqüências. Depois que adoeceu, não conseguiu mais se recolocar no mercado de trabalho. Após sofrer um acidente de carro, Sueli também foi afastada do emprego. Desde então, recupera-se de seqüelas físicas e psicológicas.

Luzia: Tive doente, parei de trabalhar. A idade chegou né? Cê sabe que a gente passou dos 45, ninguém te quer mais. Ficou muito difícil! Ficou uma vida muito difícil!

Sueli: Depois que eu sofri o acidente, eu fiquei muito pensativa... Pensativa em relação ao meu marido. Meu marido não tava tendo paciência comigo...

O surpreendente também invadiu a vida de Rose. Ela que perambulava pelas ruas, catando papel, e convivia diariamente com a brutalidade e a violência do companheiro, quase não reconhece seu cotidiano atual.

Entrevistadora: Hoje em dia, você confia no seu marido?

Rose: Confio.

Entrevistadora: Você gosta dele?

Rose: Gosto demais.

Entrevistadora: Ele te ajuda?

Rose: Ajuda muito. Hoje em dia ninguém tem amigo não. Tem é falsidade. Na sua frente, a pessoa te trata bem. Mas por trás, mete é a ripa. Meu marido não é assim.

Entrevistadora: Então seu relacionamento com seu companheiro é bom?

Rose: É bom, tem paz. Ele não bebe, ele é igual eu mesmo. Tudo pra ele tá bom, nunca me amolou em nada.

Mas se o dia-a-dia contempla repetições e renovações, ele também é permeado, conforme Certeau (2005), de invenção e criatividade. Segundo o historiador, a vida comum é movida por ações táticas que são operações em que os desprovidos de poder utilizam as ocasiões propícias para conseguir inverter, manipular ou alterar o espaço que as forças hegemônicas possuem. Na visão do autor, o fraco “tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder

proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera” (Certeau, 2005, p.100). Em outras palavras, são movimentos empreendidos com rapidez, atitudes que guardam pouca nitidez, uma maneira de agir quase invisível que, no entanto, conseguem efeitos imprevistos. São as astúcias.

Trilhando nessa direção, a arte cotidiana das entrevistadas de Ponta Porã pode ser definida como “o possível” ou o “último recurso” diante de sua ausência de poder. A realidade presente de Rose ainda carrega os fantasmas, o peso, os traumas do passado. Assim, sua atitude de ligar a televisão, todas as manhãs, pode ser considerada uma astúcia, um pequeno gesto que a ajuda a se manter viva, com um mínimo de saúde mental, num mundo que sempre a oprimiu. No dia-a-dia, Luciane, Luzia e Sueli também buscam no *Mais Você* auto-estima e forças para lidar com as agruras que a vida lhes oferece.

Sueli: Teve uma vez que ela (Ana Maria Braga) virou e falou que é pra gente ter um dia feliz, um dia bom. Que era pra gente se olhar, se olhar no espelho e olhar se a gente tava bela. E nesse dia eu levantei, tinha olhado no espelho e vi que eu estava bonita. E ela falou que era pra gente olhar: se a gente estava bonita por fora, o coração também estava bem. Então, tentasse ficar alegre dentro de casa com os filhos, com o marido. Isso pra mim me levantou. Aí eu comecei a ver o programa dela quase todos os dias de novo. Todos os dias eu vejo, como até hoje eu estou vendo.

Com uma rotina repleta de responsabilidades e atividades, uma realidade difícil de ser enfrentada com pouco dinheiro, as músicas do rádio, as novelas, o jogo de futebol e o *Mais Você* trazem sonhos, descanso e diversão. Mas se Ana Maria Braga pode fornecer um conselho ou exemplos de mulheres a serem seguidos, as pessoas do convívio diário também costumam apontar saídas táticas, pequenas habilidades ou possibilidades para as entrevistadas continuarem resistindo no terreno inimigo. Luzia cita a personalidade de sua comadre Alaíde, mulher paciente e perseverante. Luciane vê numa amiga e vizinha os ingredientes necessários para se tocar o cotidiano adiante: coragem de dizer o que se pensa, sem se abalar com aquilo que as outras pessoas possam dizer. Sueli se lembra da força de sua mãe que, mesmo nos momentos financeiros mais difíceis, disse não às propostas das pessoas que queriam adotar as duas filhas.

5.6 – Casa: sonho e futuro

A representação da casa como lar, um lugar capaz de trazer segurança num mundo cheio de riscos e perigos, foi observada nos programas analisados, conforme falado no capítulo 4. Para se compreender a maneira como essa imagem é apreendida e atualizada na interlocução que se dá entre o programa e as telespectadoras, torna-se necessário atentar para o diálogo existente entre a casa fictícia da apresentadora, representada por um cenário luxuoso, e os barracos pobres das entrevistadas, quase todos compostos de apenas três cômodos.

Entrevistadora: A televisão fica na sala ou no quarto?

Luciane: No quarto mesmo.

Entrevistadora: No seu quarto?

Luciane: No quarto. É o único!

Ao contrário da morada de Luciane, o cenário do programa tem a aparência de uma casa rica, visualizada principalmente através de sua cozinha, montada com equipamentos caros e modernos, como geladeira, fogões e fornos em aço inoxidável. Apropriando-se de elementos e características do cotidiano de várias mulheres no espaço em que eles verdadeiramente acontecem - cozinha ou sala de visitas - o *Mais Você* constrói um universo imaginário, tendo o real das classes sociais mais abastadas como pano de fundo.

Entrevistadora: Quando a senhora fala ‘ela pode’, é poder financeiro? Quero dizer: é dinheiro?

Luzia: É.

Entrevistadora: Então, vendo o programa, a senhora tem impressão que Ana Maria Braga é uma mulher rica?

Luzia: Tenho.

Apesar de o cenário do *Mais Você* ser bem decorado, causando a sensação de luxo, beleza e conforto em Luzia, as moradas simples foram apresentadas como uma realidade no cotidiano das várias mulheres que participaram do programa. Miriam foi a única exceção. As imagens da matéria não focalizam a casa, propriamente dita, mas mostram um grande jardim gramado, onde a cabeleireira gravou a entrevista, demonstrando que o imóvel está num terreno amplo e bem cuidado. No entanto, a

reportagem deixa transparecer que a construção é fruto do esforço, do trabalho da moça. Mais do que isso, a finalização da obra é um sonho ⁴⁵ que ajuda Miriam a continuar vivendo. Assim como ela, Luzia também espera conseguir aumentar sua casa um dia.

Luzia: Ah, minha filha, o meu sonho é acabar de fazer esse barraco meu aqui, que eu não acabo nunca.

Entrevistadora: A senhora sempre quis ter uma casa maior?

Luzia: Sempre.

Segundo Certeau e Giard (2003), os seres humanos nunca deixam as casas onde habitaram anteriormente, o lugar no qual eles construíram seus pequenos universos, espaços próprios na imensidão do mundo. Seus cômodos e suas mobílias trazem histórias e, sobretudo, evocam a infância. Assim, as moradas seguem com as pessoas, invisíveis e presentes, na memória e nos sonhos. “No centro desses sonhos, aparece muitas vezes a cozinha, aquele ‘compartimento quente’ onde a família se reúne” (Certeau e Giard, 2003, p.207). No entanto, as casas de Rose não se encaixam nessa concepção, pois ela passou os primeiros e longos anos de sua vida em orfanatos ou instituições públicas. Em sua fala, a moça parece não querer se recordar mais desses lugares.

Entrevistadora: O que você lembra da sua infância?

Rose: Ah! Eu lembro quase nada não.

Entrevistadora: Não? Nem quando você morava com seus pais?

Rose: Ah, eu não cheguei a morar com eles. Eu era pequena. Eu fui criada mais pela mão dos outros, nos orfanato e na Febem. Eu não lembro se eu morei com eles...

Entrevistadora: Você tem lembrança desses orfanatos?

Rose: Ah! Não lembro. Eu era pequena. Tinha uns cinco, seis anos, por aí.

Entrevistadora: Quando é que você fugiu da Febem?

Rose: Tinha 14 anos.

⁴⁵ Lemoine-Luccioni (1995) ressalta a importância da morada para o sexo feminino, definindo-a como o objeto entre os objetos. A psicanalista enfatiza que, mesmo sendo comum as casas serem construídas pelos homens, são as mulheres que as arrumam. O lar “não é para a mulher o que é para o homem; pois para a mulher, sua casa é muito simplesmente seu interior; o seu” (Lemoine-Luccioni, 1995, p.133).

Hoje Rose mora na casa do seu companheiro e parece gostar do lugar onde vive. Nas duas entrevistas, a nítida organização do barraco, as pequenas poças de água no chão e um pano úmido colocado na soleira da porta deixaram transparecer o cuidado da moça com a limpeza do ambiente.

Entrevistadora: Você gosta de cozinhar?

Rose: Eu gosto, mas eu cozinho prato simples...

Entrevistadora: Você prefere cozinhar ou arrumar a casa?

Rose: Gosto de arrumar casa. Bem mais!

Vivendo como moradora de rua durante vários anos, Rose finalmente conseguiu ter um lar. Mesmo assim, ela ainda deseja oferecer aos familiares a casa que não teve no passado.

Entrevistadora: Você tem algum sonho?

Rose: Ser mãe e um dia, se eu tiver condições, tirar meus pais de lá da onde que eles tão.

Entrevistadora: Onde eles moram é ruim?

Rose: É muito pobre, interiorzinho. Queria botar eles num lugar, numa casa, tirar eles do meio daquele mato. Meu sonho é esse. Ajudar eles, poder tirar eles de lá.

Conforme Bachelard (2000), no imaginário da maioria das pessoas, a morada do futuro é sempre mais sólida, mais iluminada e mais vasta que todos os lares do passado. Assim, no oposto da casa natal frequentemente está a imagem da casa sonhada. A afirmação do filósofo parece se configurar nas palavras de Sueli. A moça, moradora de Ponta Porã desde sua infância, manifesta o desejo de mudar-se da Vila.

Sueli: O que eu sempre quis ter mesmo foi um lugar maior, que eu sempre tive vontade de ter minha casa num lugar maior pra meus filhos brincarem, porque aqui não tem espaço pra eles brincarem. Têm que brincarem na porta dos outros. Isso eu sempre tive vontade e nunca consegui fazer.

Luciane também quer o mesmo para suas três crianças. Ela é a única entrevistada que paga aluguel. Mora num pequeno barraco, composto de quarto, banheiro e cozinha. A escada, de incontáveis degraus irregulares, que dá acesso à única porta da casa representa um perigo constante para sua família.

Entrevistadora: Você tem algum sonho?

Luciane: Tenho. Algo muito grande.

Entrevistadora: Qual é?

Luciane: Pra mim é muito grande. Mas pra muitas pessoas, sinceramente, não é.

Entrevistadora: Você pode falar qual é?

Luciane: Minha casa pra eu poder dá pros meus filhos. Sempre sonhei com isso!

Os dizeres da moça apontam a dimensão da diferença existente entre os barracos reais de Ponta Porã e os diversos ambientes que compõem o cenário luxuoso do *Mais Você*. Luciane - que no princípio da entrevista esclareceu que o lugar onde ficava a televisão não era o “seu” quarto, mas o “único” quarto da casa - deixa entrever em suas palavras que, antes de possuir um cômodo para si, é preciso conquistar um lar para sua família. Quando o possível é apenas habitar espaços nos devaneios ou na televisão, a necessidade de concretizar o desejo de ter a casa própria ganha uma proporção enorme. Assim, pode-se entender porque o sonho de Luciane é descrito em sua fala como algo tão “grande”.

Conclusão

A principal intenção desta pesquisa foi entender como as telespectadoras de classes sociais menos abastadas se relacionam com a feminilidade através da interlocução que estabelecem com o *Mais Você*. Nas concepções feministas de perspectiva anglo-americana, os programas femininos podem ser considerados como um formato televisivo capaz de impedir a emancipação do seu público. Essa noção se apóia principalmente no argumento de que eles representam uma mulher, dona de casa e mãe, presa ainda aos papéis ditados pela hegemonia masculina.

No entanto, esta investigação evita se fundamentar nas visões que abordam a mídia apenas como um instrumento de poder e manipulação das ordens dominantes. As telespectadoras são percebidas aqui como pessoas que ocupam um espaço de negociação entre as representações produzidas pelo programa e aquelas construídas por elas. Se no século XVIII o sexo feminino possuía um caminho social pré-estabelecido, hoje a feminilidade engendra possibilidades, ela é experimentada, construída ou atualizada pelas mulheres, nos variados espaços da vida cotidiana, incluindo-se aí a mídia televisiva.

Na interação do programa com os dizeres das entrevistadas, observou-se que os discursos do *Mais Você* e das telespectadoras se tangenciaram algumas vezes. Mas em diversos momentos, também se cruzaram ou se afastaram nas seis categorias de análise: religiosidade, maternidade, violência doméstica, cotidiano, casa e culinária. No primeiro item proposto, notou-se algo comum entre o programa e as palavras de três entrevistadas. Na história de Lílli, uma das mulheres apresentadas pelas reportagens, e na experiência diária das moradoras de Ponta Porã, verificou-se que a fé em Deus traz a força para que elas possam superar as dificuldades que a rotina apresenta. A relação das mulheres com a religiosidade indicou que, diante de um cotidiano tão repleto de adversidades, a preservação da própria vida já é uma amostra da intervenção divina.

Se no *Mais Você* a maternidade foi apresentada como algo mágico e transcendente, na experiência das entrevistadas ela aparece marcada por dificuldades concretas. As mulheres falaram das gestações não programadas, reclamaram do cansaço no cuidado dos filhos, relataram a enorme luta empreendida para obter os recursos financeiros para criar a prole numerosa ou a impossibilidade de terem um trabalho assalariado, pois precisam permanecer em casa para cuidar das crianças. No entanto, os

dizeres das telespectadoras se cruzam com o depoimento dado pela convidada Míriam no *Mais Você*. Nas palavras da maioria delas, observou-se que os filhos são seres amados. Eles trazem para suas mães alegria, realização pessoal e compensação psicológica. Aqui, as representações trazidas pelo programa e aquelas levantadas pelas entrevistadas convergem ao mostrar a maternidade como um lugar onde o domínio das emoções, do imaginário e do subjetivo permanece poderoso.

No quadro do *Mais Você* em que Ana Maria Braga falou sobre a violência contra o sexo feminino, em nenhum momento foi apreendida uma abordagem preventiva do tema, fundamentada principalmente na necessidade de as vítimas reagirem. Afinal, buscando ajuda de familiares e amigos ou denunciando os maus tratos recebidos, as mulheres podem evitar que as conseqüências sejam fatais, como aconteceu com a professora Célia e com a jornalista Sandra Gomide, cujas histórias foram contadas pelo programa. No entanto, a representação da mulher passiva ou silenciosa que acaba assassinada por seu companheiro não foi verificada na experiência prática das telespectadoras. No depoimento de três entrevistadas, foram relatadas reações diversas contra as agressões sofridas.

Algumas vezes, o verbo admirar - mirar à distância - pode ser utilizado na relação estabelecida entre o programa e as telespectadoras. Em Ponta Porã, as receitas mais simples indicadas pelo *Mais Você* são sofisticadas demais. Os recursos financeiros são modestos e o alimento também. No dia-a-dia, as mulheres se empenham em fazer com que a família tenha o que comer. Entretanto, todas elas deixaram transparecer que gostam de ver Ana Maria Braga preparando os pratos. Se na cozinha do programa a alegria e a inventividade têm presença constante, no cotidiano das quatro mulheres a necessidade freqüente deixa pouco espaço para a criatividade culinária.

As telespectadoras também observam de longe o lar representado pelo cenário luxuoso do programa. Nas palavras de todas elas, a morada é um sonho que esteve sempre presente em suas vidas. Mas as mulheres não parecem se incomodar com a diferença real entre seus barracos e os vários ambientes do *Mais Você*. Espaçosa, confortável, iluminada: os adjetivos não importam muito. As entrevistadas desejam simplesmente “a casa” que só o futuro pode trazer.

Por tudo isso, a arte cotidiana das quatro telespectadoras de Ponta Porã pode ser definida como o último recurso, nas palavras de Certeau (2005), diante da ausência de poder e das carências de todas as ordens. O dia-a-dia tranqüilo representado pelo *Mais Você* talvez alivie a rotina difícil que elas possuem. Assistir ao programa pode se

constituir como uma atitude possível, uma astúcia capaz de captar opiniões, experiências e sentimentos de outras mulheres. Breves lampejos que parecem trazer auto-estima e forças para que as entrevistadas continuem tocando a vida para frente.

Depois de assistirem às reportagens que tinham como personagens principais pessoas do sexo feminino, cada telespectadora apontou sua matéria preferida. Nos seus depoimentos, foi possível verificar uma relação de identificação da entrevistada para com a mulher apresentada pelo programa. Luzia, mulher forte e determinada, apontou a reportagem de Lílli, uma senhora obstinada em vencer os obstáculos da vida, como sendo a melhor. Sueli, que na conversa lembrou a força do amor de sua mãe, simpatizou com Míriam, uma pessoa capaz de colocar a própria vida em risco para salvar seu bebê. Luciane, a entrevistada que teve coragem de chamar a polícia na primeira vez em que foi agredida pelo marido, afirmou que a matéria preferida foi a que abordou a violência contra as mulheres.

Por outro lado, a atitude de rejeição foi observada na atitude de Rose. Nas duas vezes em que lhe foi pedido que apontasse a reportagem que havia achado pior, ela se desviou da resposta, afirmando apenas que as histórias de Miriam e Lílli tinham sido boas. A moça, que por diversas vezes teve a sensação de que seria morta por seu companheiro, parece não ter gostado de assistir à matéria que contava o assassinato de Célia.

Foi possível verificar também que após a apresentação das reportagens, a maioria das entrevistadas demonstrou perceber concepções variadas sobre a relação das mulheres com a feminilidade. Suas palavras indicaram que mesmo que o programa focalize o ambiente doméstico, mostrando principalmente as donas de casa e mães, elas apreenderam o feminino como uma gama de possibilidades.

Luciane: Não existe um jeito correto de ser mulher. Eu acho que cada uma tem seu jeito de ser.

Luzia: Olha, no meu jeito de pensar, eu acho que cada uma tem o jeito de ser... A gente não tem que ser assim ou assado né? Porque não tem condições. Você é de um jeito, eu sou de outro. Não tem jeito d'eu querer ser do seu jeito. Eu não sou mesmo, né? Eu penso assim. Cada mulher tem o seu jeito de ser.

Rose: Ah! Eu acho que tem várias maneira da pessoa ser mulher.

Sueli: A gente somos mulher de vários jeitos e tem que tentar ser mais, ser melhor e fazer mais... Isso tudo que passou, é muita coisa pra gente pensar e olhar o que a gente quer ser, o que a gente pode ser, o que a gente pode fazer.

As quatro telespectadoras também deixaram transparecer que vislumbraram no diálogo que estabeleceram com as reportagens elementos ou representações positivas que incentivam a mulher a buscar seu valor.

Sueli: As matérias que foram passadas hoje, eu acho que a mulheres deveriam inspirar mais nisso, elas deveriam ter mais força, mais coragem e lutar mais. Por tudo aquilo que acontecem com elas, elas tem que lutar. Que elas consigam!

Luzia: Ah, eu sinto que tem sim, né? A mulher tem valor. Apesar que muitas nem dão valor a elas mesmas. Mas que tem, tem.

Luciane afirmou que percebeu, não apenas nas matérias, mas também na forma de Ana Maria Braga conduzir o programa, uma valorização do sexo feminino.

Luciane: Ela fala diretamente para a mulher. Sempre, vire e mexe ela tá falando a importância da mulher.

Assim, no cruzamento do conteúdo das reportagens e das entrevistas do *Mais Você* com os dizeres das telespectadoras, a investigação não verificou uma convergência de elementos que apontasse para a noção de que o programa enfatiza um modelo único de mulher, baseados nas concepções patriarcais oitocentistas. No entanto, as palavras das telespectadoras que compõem o *corpus* desta investigação demonstraram as pequenas possibilidades que elas possuem de expressar suas opiniões e seus sentimentos, inserindo-se no âmbito social.

A análise do desempenho de Ana Maria Braga, mulher branca, heterossexual e vinda da classe média, indicou que a apresentadora procura diminuir a distância existente entre ela e as mulheres de baixo poder aquisitivo que representam a grande maioria de sua audiência. Ana Maria busca se representar como uma dona de casa comum, uma pessoa maternal e amiga. Talvez por isso, o *Mais Você* seja considerado pelas telespectadoras como um recurso, uma fresta através da qual elas podem falar e trocar experiências sobre temas de seu interesse.

Bem ou mal, de maneira profunda ou superficial, o programa abre um espaço historicamente negado às mulheres, retirando do ambiente privado a violência doméstica, trazendo à cena uma portadora de necessidades especiais, mostrando uma mãe com câncer em fase terminal ou apresentando mulheres simples e de gerações variadas. Ao contrário de reiterar um saber masculino, racional e científico, o *Mais Você* busca se fundamentar em narrativas conversacionais, centrando-se muitas vezes no

emocional e no particular, fazendo com que as vozes das convidadas sejam ouvidas pelas telespectadoras. Se as noções feministas de perspectiva francesa apontam para o fracasso de uma postura subjetiva que não produz um discurso singular, enfatizando a necessidade de uma fala própria que inscreva as mulheres no campo social, então os programas televisivos femininos, como o *Mais Você*, podem ser valorizados, apontando para a necessidade de que mais pesquisas voltem seu olhar para eles.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALZER, Luiz André; Claudino, Mariana. *Almanaque anos 80*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins e Fontes, 2000.
- BARSTED, Leila Linhares. Violência contra as mulheres e a Convenção do Belém do Pará dez anos depois. In: BARSTED, Leila; PITANGUY, Jacqueline. *O progresso das mulheres no Brasil*. Brasília: UNIFEM, p. 248-289, 2006.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo – a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra – a personagem feminina na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BRENNAN, Teresa (org.) *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.
- BRETAS, Beatriz. Interações cotidianas. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Orgs). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 29-42.
- BRUNSDON, Charlotte. A thief in the night: stories of feminism in the 1970s at CCCS. In: MORLEY, David & CHEN, Kuan Hsing. *Stuart Hall – Critical dialogues in cultural studies*. London/New York: Routledge, p.276-286, 1996.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel. A representação da mulher na Imprensa Feminina Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1990.
- CASTELO BRANCO, Lúcia. *A Traição de Penélope*. 1990. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 11ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce. Espaços Privados. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. 5ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p.203-207.

CLARK, Danae. Cagney & Lacey: feminist strategies of detection. In: MARRIS, Paul; THORNHAM, Sue. *Media Studies – a reader*. New York: New York University Press, p.341-353, 2000.

CLÉMENT, Catherine; KRISTEVA, Júlia. *O feminino e o Sagrado*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

ECO, Umberto. El público perjudica a la televisión ? In: MORAGAS SPA, M. (Org.) *Sociología de la comunicación de masas II: Estructura, funciones y efectos*. Barcelona: Gustavo Gili, 1985.

ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Os estudos de recepção e as relações de gênero: algumas anotações provisórias. *Ciberlegenda*, n. 7, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/carolina1.htm>>. Acesso em 28 ago. 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. JACKS, Nilda. Políticas de identidade e os estudos de recepção: relatos de jovens e mulheres. In: *XXVI Intercom*, 2003, Belo Horizonte, MG.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Comunicação, sociabilidade e cotidiano: o fio de Ariadne, a palavra da rua. In: FAUSTO NETO, A.; PINTO, M. J. (Orgs.). *O indivíduo e as mídias*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996, p. 103-111.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato C.; FIQUEIREDO, Vera L. F. (Org.) *Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro; Aparecida: Editora PUC-Rio; Editora Idéias & Letras, 2004. p.13-26.

FRANÇA, Vera (Org.) *Narrativas Televisivas – Programas populares na TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006a.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. *O estranho e o feio na televisão brasileira*. Belo Horizonte, 2006b. (texto inédito não publicado)

FRANÇA, Vera. Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Orgs). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006c, p. 61-88.

GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. 2ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p.211-342.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Unesp, 1992.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUIMARÃES, Belkiss Pandiá. *O enigma do feminino*. Belo Horizonte, 2006. (texto inédito não publicado)

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós- modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HOBSON, Dorothy. Housewives: isolation as oppression. In: University of Birmingham. Centre for Contemporary Cultural Studies. Women's Studies Group. *Women take issue: aspects of women's subordination*. London: Routledge, 2007.

KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KNIBIEHLER, Yvonne. *Qui gardera les enfants?* Mémoires d'une féministe iconoclaste. Paris: Calmann-Lévy, 2007.

LEMOINE-LUCCIONE, Eugénie. *A mulher... não toda*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher – Permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIVINGSTONE, Sonia; LUNT, Peter. Se faire entendre dans l'espace public – Les femmes, la télévision et le citoyen-télespectateur. In: *Réseaux*, n° 63. Paris: CNET, 1994.

LORÊDO, João. *Era uma vez... a televisão*. São Paulo: Alegro, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos Estudos Cebrap*, n.44, p.24-44, 1996.

MATTA, Maria Cristina. Género, lenguaje, comunicación. *Signo y Pensamiento*, Quito, n.28, p.67-74,1996

MELLO E SOUZA, Gilda de. *O espírito das roupas – A moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MELO, Jacira; SANEMATSU, Marisa. *Onde tem violência, todo mundo perde*. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2004. Disponível em: < <http://www.patriciagalvao.org.br>>

MESSA, Márcia Rejane. Os estudos feministas de mídia: uma trajetória angloamericana. *Cartografias*, 2006. Disponível em: < <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias>>. Acesso em 02 out. 2006

NATANSOHN, Leonor Graciela. *Consultando médicos na televisão: meios de comunicação, mulheres, medicina*. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

OOSTERBAAN, Martijn. Escrito pelo diabo: interpretações pentecostais das telenovelas. *Religião & Sociedade*, 23 (02). Rio de Janeiro: ISER, 2003.

RADWAY, Janice A. The institutional Matrix of Romance. In: DURING, Simon. *The cultural studies reader*. London: Routledge, 1999. p. 564-599.

RONSINI, Veneza V. Mayora. Mulheres e melodrama: sonhos vicários e vida rural. In: SILVEIRA, Ada C. Machado da; RONSINI, Veneza V. Mayora. *Representação e identidade: três estudos em comunicação*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2001. P. 81-106.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Intelectuais, arte e vídeo cultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, n.16, p.5-22, 1990.

SILVA, Carmen da. *O melhor de Carmen da Silva*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

SIMMEL, Georg. *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins e Fontes, 2001.

SQUIRE, Corinne. Empowering Women? The Oprah Winfrey Show. In: MARRIS, Paul; THORNHAM, Sue. *Media Studies – a reader*. New York: New York University Press, 2000. p. 354-367.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

University of Birmingham. Centre for Contemporary Cultural Studies. Women's Studies Group. Trying to do feminist intellectual work. In: *Women take issue : aspects of women's subordination*. London : Routledge, 2007.

WINSHIP, Janice. Survival skills and daydreans. In: MARRIS, Paul; THORNHAM, Sue. *Media Studies – a reader*. New York: New York University Press, 2000. p. 334-340.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-72

ANEXOS

ANEXO 1 - SINOPSES DOS PROGRAMAS GRAVADOS

Programa exibido no dia 8 de maio, segunda-feira

- Vinheta de abertura
- Ana Maria cumprimenta a telespectadora: “Acorda Menina! Vem cá!”. Em seguida, faz alguns comentários para introduzir a mensagem do dia.
- Mensagem do dia: Oração de uma camponesa anônima de Madagascar.
- A apresentadora fala de um assunto muito repercutido na mídia na semana anterior: o julgamento do jornalista Antônio Pimenta Neves pelo assassinato da namorada Sandra Gomide. Faz comentários sobre a impunidade e a morosidade da Justiça, aproveitando para dizer que no segundo bloco vai conversar com o pai da Sandra e um jurista. Em seguida, chama uma matéria em que outra mulher, Célia, foi vítima do marido.
- Reportagem: Célia era professora, tinha dois filhos e quando foi morta estava grávida de quatro meses. O marido, Antonio Carlos, a assassinou com um tiro na testa e só se apresentou à polícia 18 dias depois. Ficou preso oito meses e ganhou o direito de responder o inquérito em liberdade. A defesa de Antônio Carlos se baseava no argumento de disparo acidental. Com medo que o caso ficasse na impunidade, o pai de Célia, João Landim, aposentou-se do cargo de professor de escola e resolveu fazer o curso de Direito. Empenhou-se com afinco, junto aos advogados da filha, para conseguir colocar Antônio Carlos atrás das grades. O rapaz só foi julgado e condenado nove anos após a morte de Célia.
- Ana Maria entrevista João Landim: os dois conversam sentados em torno de uma mesa posta com frutas, xícaras, talheres e uma garrafa de café. Ela foca a entrevista na coragem de João Landim em buscar que a justiça fosse feita. A maioria das perguntas visa buscar detalhes do processo, das leis vigentes no país e do Código Penal: “A gente tá querendo entender um pouco os meandros da Justiça para que não nos sintamos ameaçados pela impunidade”.

- Intervalo Comercial
- Entrevista com João Gomide, Regina Gomide e o jurista Luiz Flávio Gomes. A conversa girou em torno do julgamento de Antônio Pimenta Neves, assassino de Sandra, que só ocorreu seis anos após a morte da vítima. A cunhada e o pai de Sandra, Regina e João, participam pouco da conversa. Como na entrevista anterior, Ana Maria procura esclarecer para o telespectador detalhes das leis penais, dirigindo a maioria das perguntas para o jurista presente. João Gomide mostra-se abatido e fragilizado. Conta que está doente e chora durante o programa. A apresentadora demonstra indignação e finaliza a conversa conclamando o telespectador à votar em representantes que possam mudar a situação da Justiça no país.
- Intervalo Comercial
- Merchandising
- Receita do dia: Pirão de legumes. Ana Maria faz o prato conversando pelo telefone com Glason Moreira, criador da receita.
- Merchandising
- Intervalo Comercial
- Merchandising
- Ana Maria prova o pirão, elogia o prato e despede-se.

Programa exibido no dia 9 de maio, terça-feira

- Vinheta do programa
- Ana Maria cumprimenta a telespectadora: “Terça-feira, menina! Terça-feira, nove de maio”! Em seguida, convida o público para viajar na imaginação com ela através da mensagem do dia.
- Mensagem do dia: A bagagem de cada um.
- A apresentadora fala que como a semana é das mães, ela vai mostrar uma matéria de uma mãe que é um exemplo de vida, chamando-a de “mãe-coragem”.

- Reportagem – a personagem central é a cabeleireira Miriam Araújo, que conta que sempre quis ser mãe. Depois de casada, teve duas gestações muito complicadas. As crianças nasceram prematuras, mas sobreviveram. Miriam separou-se do marido e conheceu um rapaz 12 anos mais novo, com quem passou a morar. Mesmo tomando pílula, engravidou novamente. Nesse período, descobriu que tinha um caroço no seio e teve a confirmação que era um câncer de mama. Ouviu dos médicos que teria que interromper a gravidez para iniciar o tratamento, pois seu caso era grave. Mesmo sabendo que o câncer já havia espalhado pelo seu corpo, ela decidiu ter a criança. Assim que o bebê nasceu ela iniciou a quimioterapia e há dois anos luta contra a doença.
- Ana Maria recebe Miriam no estúdio e as duas conversam no sofá da sala de visitas. A apresentadora pergunta de onde Miriam tira tanta força e como ela está levando a vida adiante mesmo enferma. A moça fala de sua fé em Deus, dos momentos difíceis e aconselha as pessoas a terem sonhos para continuarem vivendo. Ana Maria enfatiza a coragem de Miriam, dando-lhe os parabéns: “Você tem filhos lindos! Mas, eu queria te ver de perto e dizer: que bom que você existe! Para gente poder te ver, falar com você. Parabéns pela garra, pela força. Tenho certeza que você vai sair vitoriosa dessa grande batalha!” A apresentadora leva Miriam até a porta e despede-se dando beijos nas mãos da moça.
- Intervalo Comercial
- Ana Maria atende uma telespectadora, Tatiele, que pediu para fossem mostradas no programa as fotos dos avós, Sebastião Silva, 93 anos, e Luiza Moraes, 87 anos, que naquele dia estavam completando 70 anos de casados.
- Merchandising
- A apresentadora chama uma matéria que vai falar de uma fruta, o caqui, que faz bem para a saúde.
- Reportagem sobre o caqui – a repórter mostra uma plantação de caqui em Mogi das Cruzes, São Paulo. Fala de todo o processo que a fruta passa até chegar ao supermercado. Mostra diversas espécies de caqui e apresenta uma receita feita com a fruta.

- No estúdio Ana Maria mostra três tipos de caqui, fala dos preços e mostra o bolo que foi feito pela produção do programa, seguindo a receita apresentada na matéria. Em seguida, mostra uma flor, a Peônia, que naquele dia está enfeitando uma mesa do cenário. Fala que a flor é de origem chinesa e convida o público a apreciar sua beleza.
- Merchandising
- Intervalo comercial
- Receita de um pudim gelado
- Merchandising
- Intervalo comercial
- Merchandising
- Ana Maria fala que vai apresentar uma matéria de utilidade pública, pois será explicada a diferença entre gripe e resfriado.
- Reportagem sobre viroses – mostra duas mães falando dos sintomas dos resfriados que os filhos adquiriram na escola. Fala que a doença é comum no outono e também quando as crianças freqüentam a escola pela primeira vez. Explica-se o que é uma virose e a diferença entre gripe e resfriado.
- Ana Maria recebe o médico Paulo Olzon que dá mais detalhes sobre as doenças, falando sobre as formas de contágio e a razão para as afecções acometerem mais as pessoas nas épocas frias. A apresentadora e o especialista conversam na sala, sentados no sofá. Ana Maria se despede e o *Mais Você* finaliza.

Programa exibido no dia 10 de maio, quarta-feira

- Vinheta do programa
- Ana Maria abre o programa dirigindo-se á telespectadora: “Quarta-feira, 10 de maio, minha filha!” Em seguida, faz uma pequena introdução para anunciar o pensamento do dia: “Eu quero começar essa quarta-feira falando de algo muito difícil, ao mesmo tempo que eu digo que é muito simples de ser decifrada. Num

sei, eu acho que o louro já conseguiu esse feito. É decifrar a alma de uma mulher”.

- Mensagem do dia: A alma de uma mulher
- A apresentadora chama a matéria, dizendo que naquele dia iria falar de homens que fazem coisas bonitas para as mulheres. Diz que é um brasileiro que “entende bem a alma feminina” e que está fazendo muito sucesso no exterior: Francisco Costa.
- Reportagem – Francisco Costa é um estilista que está assinando a criação das roupas de uma marca americana chamada *Calvin Klein*. A jornalista conta que o rapaz chegou aos Estados Unidos sem saber falar inglês e depois de vinte anos de esforço conseguiu atingir a fama. Francisco se refere ao seu jeito mineiro de ser: muito trabalho e discrição. Ele conta sobre os vestidos que confecciona para as celebridades que disputam o *Oscar* em *Hollywood*. A repórter pede para Francisco dar algumas dicas para o público: “Pense numa dona de casa que tem um casamento de alguém da família para ir. Quer fazer bonito, mas com pouco dinheiro. Qual é o segredo?”. O estilista dá alguns conselhos e matéria chega ao final.
- Ana Maria fala do glamour do mundo da moda, dizendo que, no entanto, só enxergamos os profissionais que estão no máximo da fama. Suas palavras introduzem a entrevista que será feita com Ocimar Versolato. O estilista fez sucesso em Paris trabalhando para grandes marcas e para si próprio. Há cerca de seis anos voltou para o Brasil. Enfrentou a falência e caiu no esquecimento da mídia.
- Entrevista Ocimar Versolato – a apresentadora conversa com o estilista no sofá, localizado na parte do cenário que imita uma sala de visitas. As perguntas giram em torno dos bastidores da alta-costura e do lançamento do livro “Vestido em chamas”, no qual Ocimar conta sua trajetória profissional e passagens da sua vida.
- Intervalo comercial
- Ana Maria faz comentários sobre a pintura de várias roupas penduradas numa parte do cenário: “Quem sabe cê compra todo material e aí você se diverte para

fazer camisetas bonitas como essa”? Fala que a técnica é muito fácil e será ensinada pela artesã Solange Benevento.

- Matéria - o tema central é a pintura de um quadro usando tecido e várias cores de tintas. O repórter dita o material que precisa ser comprado e vai narrando, passo a passo, as etapas do trabalho da artesã. As tintas vêm em embalagens que permitem que elas possam ser aplicadas diretamente sobre o tecido. Assim, a intenção é mostrar que a técnica pode ser repetida por qualquer pessoa: “É muito lindo! Cê viu que facinho louro? Olha gente, não precisa nem fazer escola de arte plástica para fazer isso! Cê não acha?”.
- Merchandising
- A apresentadora chama uma outra reportagem que vai mostrar o “artesão do *sushi*”, um senhor japonês que descobriu que os peixes amazônicos podem ser usados para se fazer pratos orientais.
- Matéria – a repórter fala da existência de mais de duas mil espécies de peixes na bacia amazônica. Por isso, eles são a base da culinária local. Hiroya, um senhor japonês que veio para o Brasil ainda criança, resolveu usar os peixes regionais para preparar os pratos do seu restaurante. Inventou seis tipos de *sushis* amazônicos. Nas receitas, Hiroya utiliza a Pescada, o Tambaqui e o Tucunaré.
- Ana Maria fala que coincidentemente, naquele dia, vai ensinar uma receita de mousse de peixe e chama o intervalo.
- Intervalo comercial
- Receita – mousse de peixe
- Merchandising
- Intervalo comercial
- A apresentadora convida o público para viajar com ela para Sergipe. O destino é uma cidade histórica chamada São Cristóvão.
- Matéria – o foco principal é a cidade e seus pontos turísticos. São Cristóvão foi fundada em 1590 e tem muitos casarios construídos no século XVI. São mostrados o Museu de Arte Sacra e o Museu dos Ex-votos, no qual muitos fiéis deixam objetos para demonstrar que a graça pedida foi alcançada. O repórter vai

até a casa de Dona Marieta, uma senhora, que segundo ele, criou toda a família fazendo uma guloseima local, a queijadinha. Dona Marieta diz que a receita veio de sua bisavó e leva o repórter até o forno à lenha, onde juntos fazem as queijadinhas, ensinando para o público o segredo culinário.

- As imagens voltam para o estúdio e Ana Maria despede-se.

Programa exibido no dia 11 de maio, quinta-feira

- Vinheta do programa
- Ana Maria cumprimenta o público: “Acorda, menina! Vem cá, menino”! Inicia o programa mostrando um bolo que “parece um embrulho feito por uma aranha”. Convida o telespectador a aprender a fazê-lo para dar de presente para a mãe. Diz que vai ditar uma lista, composta de dez itens, para que as pessoas possam copiar e pregar na porta da geladeira ou no espelho.
- Mensagem do dia: lista para a porta da geladeira
- Ana Maria chama o público para assistir a matéria: “Pare! Tá arrumando a gravata? Tá pensando em fazer a barba? Vai tomar banho? Tá na esteira? Reclama da vida? Muito, pouco, médio? Mas, reclama? Vai ver agora, eu não vou nem falar nada. Não vou nem dizer porque. Cê vai assisti comigo esse VT. Depois, a gente conversa. Rodou”!
- Matéria – a personagem principal é Lílli, uma senhora de 69 anos que perdeu os dois braços numa moenda de cana, quando era criança. Lílli consegue fazer todas as tarefas domésticas usando os pés. Aprendeu a escrever com o irmão e redigiu um livro contando sua história. Ela se diz feliz com a vida que Deus lhe deu e afirma que não existe nada que ela não consiga fazer.
- Ana Maria recebe Lílli no estúdio, mas antes mostra os vários vestidos que a senhora confeccionou. Na conversa, que ocorre na sala de visitas, a apresentadora vai conduzido a convidada a relatar o acidente que fez com que ela perdesse os braços. Lílli se casou e cuidou dos três filhos, sempre buscando realizar todos os serviços domésticos sozinha. Diz que sempre teve fé em Deus e

nunca pensou em se matar. Ana Maria pede para a entrevistada fazer crochê e tricô com os pés, enfatizando sua força de vontade e agradece sua existência nesse mundo. Despede-se de Lílli, levando-a até a porta.

- Intervalo comercial
- No estúdio, Ana Maria fala para o telespectador se amar como Lílli e chama para o próximo quadro, dizendo que Laura Bortolini, uma consultora que ajuda as pessoas a organizarem suas casas, vai ensinar como arrumar as malas na hora de viajar.
- Matéria – Laura ensina a maneira mais prática de preparar a bagagem, dando dicas sobre a escolha das malas, o número de peças que deve ser levado e a melhor forma de guardar as roupas e sapatos para economizar espaço.
- Terminada a matéria, Ana Maria fala que vai entrevistar “um rapaz que viajou a vida inteira”. A conversa é com um escritor de guias de viagem, Zizo Asnis, 38 anos, que mostra fotos e dá dicas de bons lugares para se conhecer na Europa.
- Merchandising
- Intervalo comercial
- Culinária: o bolo Regina é preparado por Serafina Checo. À medida que a convidada vai fazendo a receita, Ana Maria vai contando sua história. Serafina era uma moça pobre que aos 17 anos já preparava bolos para vender. Ela sempre sonhou em ser confeitadeira, mas como não tinha dinheiro para fazer cursos, resolveu aprender o ofício trabalhando em padarias. Serafina conta que tinha dois filhos e um salário muito baixo. Mesmo assim, conseguiu juntar dinheiro para fazer uma especialização nos Estados Unidos e hoje é uma confeitadeira de sucesso.
- Intervalo comercial
- Merchandising
- Ana Maria faz a cobertura do bolo com a ajuda de Serafina e prova o prato, mostrando-se deliciada. Elogia a “doação” da convidada por ensinar para o público um segredo de confeitadeira e a agradece com um “Deus lhe pague”. Despede-se e o programa termina.

Programa exibido no dia 12 de maio, sexta-feira

- Vinheta do programa
- Ana Maria começa o programa lembrando que o final de semana será “colorido”, pois domingo será o dia das mães.
- Mensagem do dia: Diálogo de uma criança, pronta para nascer, com Deus.
- A apresentadora fala que vários artistas da Rede Globo vão falar uma mensagem para as mães
- Recado dos artistas
- Em seguida, Ana Maria fala que o programa abriu espaço no site para que os telespectadores concorressem num sorteio, no qual suas mães poderiam ser presenteadas com uma mudança na aparência. A ganhadora foi Maria de Fátima Laranjeira que recebe a ajuda de vários profissionais de beleza.
- Matéria: Ana Paula, filha de Fátima, aparece falando que pediu uma mudança na aparência da mãe porque achava que ela andava “tristinha ultimamente”. Fátima, vendedora de uma banca de revista, recebe ajuda de uma consultora de moda que a acompanha na compra dos sapatos e das roupas. Depois é levada a um salão de beleza, mas o telespectador não vê sua aparência final.
- De volta ao estúdio, Ana Maria abre a porta para receber Maria de Fátima. A apresentadora se mostra impressionada, dizendo que a convidada “é uma mulher chique, é outra pessoa”. Fátima, vestida de forma elegante, maquiada, com o cabelo tingindo e bem cortado, resume em poucas palavras o resultado da transformação: “Tô me sentindo ótima! Maravilhosa”! Ana Paula, filha de Fátima, chega ao estúdio e fica emocionada ao ver a mãe. A consultora de moda fala dos truques que usou para escolher roupas e acessórios que alongassem a silhueta de Fátima. Ana Maria despede-se das convidadas levando-as até a porta.
- Merchandising
- Intervalo Comercial

- No segundo bloco acontece um sorteio de uma casa com um carro na garagem, oferecidos pela empresa Johnson & Johnson, um dos patrocinadores do programa. Participam duas mulheres e três homens. A ganhadora é Michelline Rodrigues, 29 anos, recepcionista de uma auto-escola, que pretende vender os prêmios para fazer um curso de gastronomia.
- Intervalo Comercial
- Receita: falso torresmo, preparado a partir de macarrão do tipo parafuso. A receita foi enviada por uma telespectadora, Rosa Souza, que durante o preparo do prato conversa com Ana Maria pelo telefone.
- Merchandising
- Intervalo Comercial
- A apresentadora chama o convidado Pery Ribeiro, cantor de Bossa Nova e filho de Dalva de Oliveira e Herivelto Martins. No bate-papo, Ana Maria fala da carreira do artista fora do Brasil e do livro que ele acaba de lançar. Pery esclarece que escreveu principalmente sobre sua infância, vivida diante da relação conturbada dos pais, e fala do seu novo disco. Então, a apresentadora pede-lhe para cantar uma música e o programa chega ao final.

ANEXO 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA I

DADOS PESSOAIS DA ENTREVISTADA

Nome:

Idade:

Religião:

Escolaridade:

Estado civil:

Tempo de casada:

Número de filhos:

Idade dos filhos:

Profissão/trabalho remunerado:

Remuneração:

É responsável pelo sustento da família ou divide as despesas com o companheiro?

Há quanto tempo mora na vila Ponta Porã?

BREVE HISTÓRIA FAMILIAR

Infância (veio do interior, de onde eram seus pais, etc)

Pais (separados ou não; ambiente familiar; presença de violência)

Irmãos:

Adolescência:

Vida adulta até constituição da sua família:

RELAÇÃO COM A MÍDIA E COM O PROGRAMA MAIS VOCÊ

1- Quais os meios de comunicação são seus preferidos?

- 2- Qual o meio de comunicação que ela gosta mais? Com que frequência ela busca por ele durante o dia ou a semana?
- 3- Qual a frequência com que assiste ao programa *Mais Você*?
- 4 - Assiste ao programa há quanto tempo?
- 5 - Ela gosta do programa *Mais Você*? Por quê?
- 6 - O que ela gosta mais no programa? Quais são os assuntos que ela gosta mais?
- 7- O que ela gosta menos?
- 8- Ela gosta de Ana Maria Braga? Identifica-se com ela?
- 9 - Ana Maria é um bom exemplo de mulher?
- 10 - Quais as maiores qualidades de Ana Maria?
- 11- Ela vê defeitos na apresentadora? Quais?
- 12 - Ela acha que o programa fala para as mulheres? Por quê?
- 13- O programa costuma mostrar história ou depoimentos de mulheres, que às vezes são convidadas do programa. Ela tira daí informações, idéias que a ajudam a pensar sobre sua própria vida?
- 14- Ela acha que Ana Maria Braga dá dicas ou conselhos que a ajudam a melhorar sua vida de alguma maneira?
- 15- O que ela sente quando vê o programa?

MATERNIDADE

- 16- Ela acha que faz parte da condição feminina ser mãe? Ou ela acha que a mulher é educada para ter filhos?
- 17- Ela acha possível que uma mulher seja completa sem ter a experiência da maternidade?
- 18 - Ela queria ser mãe? Alguma vez pensou em não ter filhos?
- 19 - A experiência da maternidade foi importante para ela?
- 20 - A maternidade mudou sua vida?
- 21- Ela acha que o amor e o afeto que as mulheres têm para com os filhos são maiores/diferentes que o dos homens?

22- A maternidade mudou a relação com o parceiro?

23 - Foi difícil cuidar dos filhos pequenos? E agora, como é a relação com eles?

24 - Ela se sente responsável pelo que acontece com os filhos? Se sente mais responsável que o pai deles?

25- Ela sacrificaria sua própria vida pela dos filhos? Acha isso correto?

FEMINILIDADE E COTIDIANO

26 - O que é ser mulher para ela?

27 - Ela gosta de ser mulher?

28- Acha a vida das mulheres mais difícil que a dos homens? Por quê?

29 - Quais as qualidades que as mulheres precisam ter para seguir em frente, não desistir da luta do dia a dia?

30 - O que ela pensa que faz com que ela levante todas as manhãs e encare a vida?

31 - Acha as mulheres mais persistentes, mais corajosas que os homens para lidar com os problemas do dia a dia?

32 - Ela acredita que essas qualidades são próprias da mulher? Nascermos com elas ou aprendemos que precisamos ser assim para levar a vida adiante?

33 - Citar um exemplo de mulher a ser seguido e o porquê.

A RELAÇÃO COM OS HOMENS

34 - No geral, como ela vê a relação das mulheres com os pais e companheiros? É de igualdade, dominação, violência?

35 - Como é/foi a relação dela com o pai e o parceiro?

36 - Ela acredita que o sofrimento faz parte da vida amorosa das mulheres? E preciso aceitá-lo ou as mulheres podem mudar isso?

37 - Numa relação em que a mulher é humilhada pelo marido ou sofre algum tipo de violência, ela é vítima ou poderia agir e impedir seu sofrimento?

38 - Por que ela acredita que as mulheres até hoje são vítimas de violência, chegando a serem mortas pelos companheiros?

39 – Ela acredita que isso vai mudar um dia. Como mudar isso? Deve partir das próprias mulheres, dos homens, do governo...

ANEXO 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA II

NOME:

1- Qual matéria você menos gostou? Você sabe por quê?

2 - Qual a matéria você mais gostou?

3 - Pedir para a entrevistada recontar a história.

4 - Você acha que através desta matéria Ana Maria mostra que as mulheres são importantes, que elas têm valor?

5 - Depois de assistir uma matéria como essa, você se sente valorizada como mulher?

6 - Depois de ver as três matérias, você acha que existe uma maneira de ser mulher (ex: ser mulher é assim, ser mulher é isso) ou existem diversos jeitos de ser mulher?

7 - Você acha que você tirou da matéria que você gostou (ou das três matérias) alguma coisa que te ajudou a entender o que é ser mulher ou te ajuda a pensar que mulher você é?

8- Pedir para ela se definir, suas qualidades e defeitos. A intenção é levá-la a falar de si.